

## TCU vê indício de fraude em produção de cloroquina

Relatório técnico do Tribunal de Contas da União obtido pela Folha aponta "indícios robustos" de fraude pela empresa que forneceu ao Exército o insumo para produção de cloroquina em 26 licitações, sendo 24 sob a pandemia.

Citada, a Sulminas Suplementos e Nutrição nega irregularidade. O Exército não respondeu. **Saúde B6**

## A pandemia em 17. fev

Dados das 20h

### POPULAÇÃO VACINADA

#### No Brasil

Ao menos uma dose (dose única ou 1ª dose)

81,6%

1ª dose vacinal completa (dois doses ou 2ª dose)

71,4%

Dose de reforço

27,3%

### ESTÁGIO DA DOENÇA

Óbitos

Média móvel

841 ↑ 22,0%\*

Causas ↓ 38,0%\* (acelerado)

Total

643.997

\*Variação em relação a 14 dias

Em 24 h

1.129

Total

643.997

# Fachin critica acusações de Bolsonaro, mas se diz aberto

Atacar Justiça Eleitoral é atacar democracia, afirma próximo presidente do TSE

O ministro Edson Fachin, que assume terça-feira (22) a presidência do Tribunal Superior Eleitoral com o órgão na mira das críticas do presidente Jair Bolsonaro, afirma estar com a mão estendida ao chefe do Executivo. Não tolerará, porém, ataques.

"Não vamos tolerar os intolerantes. Mas, por agora, eu tenho uma mão estendida e eu espero reciprocidade", disse Fachin à Folha. Nesta semana, o ministro foi alvo do presidente por ter apontado o risco de ciberataques às urnas vindos da Rússia.

Ele declara que sua proposição é colaborativa e que as portas do TSE estarão abertas "para que todas as autoridades da República tenham dados e informações e espaços para questionamentos", contanto que mantido diálogo respeitoso.

"Quem defende intervenção militar, fechar um Poder ou um tribunal como o Supremo Tribunal Federal, quem discute inexistente fraude em urna eletrônica não está discutindo urna, está discutindo a ruína da democracia." **Política A7**



Sirene no centro de Petrópolis integra sistema que alerta população da cidade para riscos de inundações e desabamentos, como os que mataram dezenas nesta semana **Eduardo Anzelli/Folha Press**

## Anvisa aprova primeiro autoteste para Covid no país

A Anvisa autorizou ontem o primeiro autoteste para Covid-19 no Brasil.

O produto registrado é da empresa CPMH, para uso com amostra de swab (cotinete) nasal não profunda. A agência reguladora havia aprovado a venda desse tipo de exame em janeiro passado. **Saúde B7**

## Mortes em Petrópolis sobem para ao menos 117 e podem dobrar

O número de mortes em decorrência das tempestades que atingiram Petrópolis na noite de terça (15) chegou ontem a 117 e pode dobrar. Outras 16 pessoas ainda estavam desaparecidas, segundo a Polícia Civil, e voltou a chover forte na cidade.

O sistema de sirenes que alerta os moradores para que deixem as áreas de risco foi acionado ontem. Equipes de resgate continuam trabalhando e acharam três sobreviventes. A população foi removida em pontos críticos em duas comunidades.

A demora em evacuar as regiões perigosas foi citada como uma das razões para o grande saldo de mortos.

Apenas 33 corpos haviam sido identificados. Entre as vítimas, o número de mulheres era quase o dobro do que o de homens. **Cotidiano B1**

## Pasta de Doria loteada pelo MDB multiplica verba

Ocupada por Itamar Borges, do MDB, desde junho, a Secretaria de Agricultura e Abastecimento multiplicou por 15 os gastos em 2021, com entregas de benesses às vésperas da eleição deste ano —em que os tucanos João Doria e Rodrigo Garcia, seu vice, buscam cargos. **Política A4**

## Aras nega ter crime de Bolsonaro em caso de vazamento

**Política A8**

## Presidente cogita para vice ministro sanfoneiro

Jair Bolsonaro avalia Gilson Machado, seu ministro do Turismo, para a vaga de vice na sua chapa para tentar a reeleição. **A6**

## Cotidiano B4

Membro da ABL, acadêmico Candido Mendes de Almeida morre aos 93 anos

## Ilustrada C1

Nova onda de filmes explora a maternidade além dos estereótipos

## Guia C9

Capital paulista ganha bar de luxo com bolovo a R\$ 135 e horas de filas



BOLSONARO USA LEMA FASCISTA COM ORBÁN NA HUNGRIA

Em visita improvisada, presidente abraça premiê húngaro, ícone da extrema direita, com gravação na rede de seu partido; brasileiro voltou a sugerir influência sobre crise na Ucrânia **Mundo A10**

## Ataques, ameaça russa e alerta dos EUA pioram crise na Ucrânia

Enquanto a guerra de versões em torno da Ucrânia se agravou com ataques reais no leste do país, a disputa diplomática entre Rússia e EUA escalou ontem, após dias de sinalização de Moscou em favor de negociações. **A10**

## Tatiana Prazeres

Pequim está de olho em Kiev e à espera de frutos

Apesar de não se beneficiar de uma eventual confrontação militar, Pequim pode colher frutos das tensões em curso. Primeiro, elas tiram o foco de que Biden precisa para lidar com a ascensão chinesa —o que, para o establishment americano, é a real ameaça aos EUA. **Mundo A11**

## Diante de gargalos, indústria têxtil altera até cores

**Mercado A12**

## EDITORIAIS A2

Água na fervura Sobre respostas do TSE a investida de Bolsonaro.

Ciberameaças Acerca de despreparo do país ante ataques virtuais.

**Faça parte do nosso grupo  
exclusivo no Telegram!**



**@Jornaisbrasil**

**JORNAIS  
BRASIL**



Jornais e Revistas do Brasil acesse <https://t.me/Jornaisbrasil>

Acesse também <https://t.me/Brasilrevistas>



## opinião

## FOLHA DE S.PAULO

UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA  
Publicado desde 1921 - Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

PUBLISHER Luiz Fria

DIRETOR DE REDAÇÃO Sérgio Dávila

SUPERINTENDENTES Carlos Ponce de Leon e Judith Brito

COORDENADOR EDITORIAL Fernando Diamant, Helio Schweersman,

João Pinheiro da Fonseca, José Vicente, Luíza Helena Trijano,

Patrícia Blanco, Patrícia Campos Mello, Persio Aira, Ronaldo Lemos,

Túlio Amparo, Luiz Fria e Sérgio Dávila (secretário)

DIRETOR DE OPINIÃO Gustavo Patu

DIRETORIA EXECUTIVA Paulo Nardelli Simões Amaral

(finanças, planejamento e novos negócios), Marcelo Benze (comercial)

e Anderson Demian (mercado leitor e estratégias digitais)

## EDITORIAIS

editorial@grupofolha.com.br

## Água na fervura

**Autoridades eleitorais respondem com altivez e serenidade às novas investidas de Bolsonaro**

A indole arruaceira de Jair Bolsonaro (PL) a todo momento cria situações difíceis para os responsáveis pela instituição eleitoral democrática, alvo dos ataques do presidente. Não é possível, nem seria conveniente, responder a cada diatribe infame e no mesmo tom belicoso, ou todos seriam arrastados para a baixaria bolsonarista. Ao mesmo tempo, não se pode permitir que prosperem incômodos, como episódios banais, mentiras e ameaças mais e menos veladas aos demais Poderes e ao processo eleitoral.

Entre um risco e outro, saíram-se com serenidade e altivez os ministros Edson Fachin e Luís Roberto Barroso, do Supremo Tribunal Federal, diante da recente e infelizmente precipitada recarga de Bolsonaro contra as urnas eletrônicas.

O primeiro, que assumirá na próxima terça-feira (22) a presidência da Tribunal Superior Eleitoral (TSE), declarou-se aberto ao diálogo e disposto a prestar os esclarecimentos desejados por todas as autoridades da República.

Delimitou, entretanto, o direito à crítica, fundamental, e os ataques que chegam ao inadmissível quando se baseiam em acusações infundadas de fraudes na apuração de votos — vale dizer, tentativas de semear o descrédito no procedimento mais básico da democracia.

Delimitou, também, o direito à crítica, fundamental, e os ataques que chegam ao inadmissível quando se baseiam em acusações infundadas de fraudes na apuração de votos — vale dizer, tentativas de semear o descrédito no procedimento mais básico da democracia.

Delimitou, também, o direito à crítica, fundamental, e os ataques que chegam ao inadmissível quando se baseiam em acusações infundadas de fraudes na apuração de votos — vale dizer, tentativas de semear o descrédito no procedimento mais básico da democracia.

Delimitou, também, o direito à crítica, fundamental, e os ataques que chegam ao inadmissível quando se baseiam em acusações infundadas de fraudes na apuração de votos — vale dizer, tentativas de semear o descrédito no procedimento mais básico da democracia.

Delimitou, também, o direito à crítica, fundamental, e os ataques que chegam ao inadmissível quando se baseiam em acusações infundadas de fraudes na apuração de votos — vale dizer, tentativas de semear o descrédito no procedimento mais básico da democracia.

Delimitou, também, o direito à crítica, fundamental, e os ataques que chegam ao inadmissível quando se baseiam em acusações infundadas de fraudes na apuração de votos — vale dizer, tentativas de semear o descrédito no procedimento mais básico da democracia.

Delimitou, também, o direito à crítica, fundamental, e os ataques que chegam ao inadmissível quando se baseiam em acusações infundadas de fraudes na apuração de votos — vale dizer, tentativas de semear o descrédito no procedimento mais básico da democracia.

Delimitou, também, o direito à crítica, fundamental, e os ataques que chegam ao inadmissível quando se baseiam em acusações infundadas de fraudes na apuração de votos — vale dizer, tentativas de semear o descrédito no procedimento mais básico da democracia.

Delimitou, também, o direito à crítica, fundamental, e os ataques que chegam ao inadmissível quando se baseiam em acusações infundadas de fraudes na apuração de votos — vale dizer, tentativas de semear o descrédito no procedimento mais básico da democracia.

Delimitou, também, o direito à crítica, fundamental, e os ataques que chegam ao inadmissível quando se baseiam em acusações infundadas de fraudes na apuração de votos — vale dizer, tentativas de semear o descrédito no procedimento mais básico da democracia.

Delimitou, também, o direito à crítica, fundamental, e os ataques que chegam ao inadmissível quando se baseiam em acusações infundadas de fraudes na apuração de votos — vale dizer, tentativas de semear o descrédito no procedimento mais básico da democracia.

Delimitou, também, o direito à crítica, fundamental, e os ataques que chegam ao inadmissível quando se baseiam em acusações infundadas de fraudes na apuração de votos — vale dizer, tentativas de semear o descrédito no procedimento mais básico da democracia.

Delimitou, também, o direito à crítica, fundamental, e os ataques que chegam ao inadmissível quando se baseiam em acusações infundadas de fraudes na apuração de votos — vale dizer, tentativas de semear o descrédito no procedimento mais básico da democracia.

Delimitou, também, o direito à crítica, fundamental, e os ataques que chegam ao inadmissível quando se baseiam em acusações infundadas de fraudes na apuração de votos — vale dizer, tentativas de semear o descrédito no procedimento mais básico da democracia.



## Quem lida melhor com o risco?

Hélio Schwartsman

A tragédia em Petrópolis é uma daquelas que já estavam anunciadas. E há inúmeras outras áreas no Brasil em situação parecida. Quando eventos ovirem na gestão de riscos?

Seres humanos somos péssimos em avaliar os riscos. Morremos de medo de cobras e tubarões, mas não hesitamos em fumar ou trafegar em alta velocidade. O problema é que os circuitos emocionais do cérebro, que nos motivam a agir, ficaram estacionados no Pleistoceno, quando eram animais perigosos e predadores que nos tiravam do rol dos vivos, e os perigos atuais são mais bem captados por estatísticas, que não nos emocionam a ponto de tomar atitudes.

Para Petrópolis, talvez a maior autoridade mundial em análise de risco, somos prisioneiros de nossas intuições, e é bobagem trazer especialistas para tentar mudar o jogo. Os burocratas pelo menos sabem, mas sabem matar o bastante para fazer parecer que falam de realidades objetivas. Segundo Slovic, não existe risco objetivo.

Por vezes, o senso comum até fornece refinamentos que os especialistas são incapazes de computar. Por exemplo, a morte do sujeito que assumiu o risco de saltar de asa delta não deve ser tratada do mesmo modo que a morte do sujeito que estava quieto no seu canto quando uma asa delta caiu sobre sua cabeça. Para Slovic, o melhor a fazer é aceitar essas limitações e aproveitar situações de comoção para apertar as regulações mais óbvias. O progresso vem entre pânico.

Cass Sunstein, outro renomado expert, discorda. Para ele, especialistas têm a obrigação de fazer com que não exista risco objetivo, a contagem bruta de cadáveres é um parâmetro relevante. Diminuir a pilha de mortos sempre vale a pena. Mais, a análise do especialista pode fazer com que não se desperdicem recursos públicos em soluções ineficazes para problemas pelo senso comum, que os políticos tentam a seguir.

Sem deixar de admirar os argumentos de Slovic, penso para Sunstein.

heio@uol.com.br

## Bolsonaro e o zumbi do golpismo

Bruno Boghossian

Semanas depois do comício golpista do 7 de Setembro, o chefe do TSE asseverou que não havia motivo para preocupação com as ameaças de Jair Bolsonaro. Luís Roberto Barroso apontou que o presidente dava demonstrações de confiança nas urnas e declarou: "Acho que finalmente esse delírio foi interrompido".

Com uma "boa vontade", autoridades de Brasília permitem que Bolsonaro continue circulando com esse zumbi até as eleições. Três políticos acusados de golpismo haviam blindado a votação contra os ataques do capitão. O problema é que essa falsa segurança tinha como base um acordo institucional que o presidente jamais assinou.

Bolsonaro deixou claro que manteria seu plano de tumultuar as eleições, mesmo depois que o TSE convidou militares para uma comissão de apuração das urnas eletrônicas. Quando a ideia foi anunciada, ele indicou que havia encontrado uma brecha para criar mais confusão.

Naquele momento, o presidente insistiu que as eleições só poderiam ser consideradas limpas se as

Forças Armadas assim declarassem, participando "de todas as fases do processo". Barroso diz que os militares estão ali para defender a democracia, mas alguns deles já trabalham com Bolsonaro para lançar dúvidas sobre o processo.

O capitão não só não viu o obstáculo pela frente. Depois que a proposta do voto impresso foi derrotada, o presidente da Câmara manifestou confiança em Bolsonaro e disse que não havia garantido que ele não voltaria a atacar as urnas eletrônicas. Com a chave do impeachment nas mãos e acesso ao cofre do governo, Arthur Lira nunca mais incomodou o capitão com esse assunto.

O difícil procurador-geral da República também não viu nenhum perigo. Ainda que simule alguma tentativa de conter o presidente, Augusto Aras sempre deixou claro que considerava a campanha de Bolsonaro com falsas supostas sobre as urnas "parte da retórica política". O preço da leniência coletiva será um conflito inevitável em outubro.

## O Brasil está se desmanchando

Ruy Castro

Aspirem às notícias falavam de chuva forte em Petrópolis, graves deslizamentos e dois mortos. Ficaram assustados por trabalhar em Petrópolis. De repente, um repórter disse que ouvira falar em seis mortos, ainda sem confirmação. Quando este veio, os mortos já eram 12 e, desde então, o número não para de crescer. No momento em que escrevo, já passaram de cem. Provavelmente, mesmo em Brumadinho, levará muito tempo para que o último desaparecido seja encontrado. Pense agora na família dele, no drama que se prolongará por meses, talvez anos.

Não são números, por mais assustadores. Cada um representa uma pessoa que trabalhou, amou, riu e cuja história só agora nos está sendo revelada, por ela não existir mais. Como nunca antes, podemos conhecê-la, ver seu rosto, porque ela não se mostra em seu esplendor, num foto tirada num dia feliz — talvez na véspera — pelo celular de um amigo ou parente. A morte agora tem rosto, vultos, gestos, que, para consolo

ou dor dos que ficaram, podem ser acessados com um clique. É como se a pessoa nunca se fosse. E como se a pessoa não fosse.

Petrópolis é mais um episódio de uma tragédia que não é de hoje, mas está se intensificando. Nos últimos meses atingiu a Bahia, Minas Gerais, São Paulo, e não ficará nisso. A pobreza, que obriga a população a viver nos morros, as mudanças climáticas e a histórica indiferença do Estado garantem que nada mudará.

O Brasil está se desmanchando.

## Educação em família

Claudia Costin

Diretora do Centro de Excelência e Inovação em Políticas Educacionais, da FGV. Escreve às sextas

Num livro recentemente lançado, "Como Educar Famílias para Futuros Desafios", Rafael Parente e Caio Diba abordam temas relevantes no cenário pós-pandêmico que deveriam chamar a atenção de famílias, não só de escolas. Afinal, educação de pessoas é serem educadas, num visão de aprendizagem ao longo da vida.

O interessante no livro é que, usando tecnologia e "QR codes", a pesquisa abre uma linguagem destinada a um público menos acadêmico, extrapola os limites físicos e inclui entrevistas interessantes com pais, professores, estudantes e professores que exploraram os temas abordados. Inclui também recomendações práticas, sem, no entanto, transformar em publicação de autoajuda.

Educação em família, de fato, resgata a ideia de que aprendizagem não está limitada ao ensino no espaço da educação formal. Ela se inicia na primeira infância e avança no fortalecimento de vínculos afetivos, em lares e refeições partilhadas, na solidariedade com outros, em discussões e nas narrativas de vivências dos mais velhos. Aprendemos ao ouvir como problemas foram solucionados, ao entender os pontos de vista e como diferentes pessoas podem abrigo perspectivas e opiniões distintas sem precisar se agredir.

Quando não só os pais que ensinam. As crianças e jovens trazem informações que aprenderam nas aulas, em leituras ou em trocas com colegas que também aprendem o diálogo. É justamente nesse contexto intergeracional, muitas vezes na forma de perguntas, que jovens adultos continuam sua jornada de aprendizagem.

A pandemia nos trouxe, especialmente àqueles entre nós que estiveram confinados em teletrabalho e tiveram que organizar um ambiente de aprendizagem para seus filhos, um tempo maior de relacionamento familiar. Foi um período tenso, cheio de frustrações e sofrimentos, mas também de aprendizados uns com os outros e com o que estava sendo vivenciado, evidentemente que em famílias não disfuncionais.

Nesse sentido, acabamos preparando nesta fase para desastres que o mundo nos reserva, relacionados a eventuais novas pandemias, a maior vulnerabilidade, necessidade de cooperação entre países, negociações científicas e históricas e automação acelerada, substituindo postos de trabalho. Mas os maiores desafios são aqueles que algumas famílias tiveram no período foram justamente os de como construir uma comunicação não agressiva e serem resilientes em tempos de grande tensão.

É isso deve nos ajudar muito no futuro, afinal, temos um país a reconstruir!



## TENDÊNCIAS/DEBATES

folha.com/tendencias debates@grupofolha.com.br

Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo.

## Saúde sem cadeados na porta

Expansão dos planos, incluindo populares, amplia acesso e desafoga o SUS

Vera Valente e Omar Abujamra Júnior

Diretora-executiva da FênixSaúde (Federação Nacional de Saúde Suplementar)

Presidente da Unimed do Brasil

A pandemia escancarou a necessidade de prover mais acesso à saúde de qualidade. Global, o desafio é particularmente relevante em países como o Brasil, onde o sistema público sofre como a penúria do Estado. O caminho para superar as dificuldades é ampliar a participação dos cidadãos, mas privados de assistência, como, aliás, prevê a Constituição.

A expansão dos planos de saúde é boa para todos: para quem passa a ter a cobertura dos operadores e, também, para quem só tem o Sistema Único de Saúde a recorrer. Porque cada beneficiário a mais na saúde suplementar é um paciente a menos a disputar atendimento e, assim, sobrecarregar o sistema público. Dada a ausência de perspectiva de mais verbas para o SUS nos próximos anos, isso significa maior disponibilidade de recursos per capita, ante uma demanda menor.

É a esta realidade que parecem dar as costas Carolina Aquino, do Idec, e o professor Gonzalo Velasco Neto em artigo publicado neste mês de janeiro. Os planos de saúde ditos populares vão sobrecarregar o SUS? (Veja, 6/2). Com afirmações resuscitadas de um batido ideológico fora do tempo e de lugar, eles parecem crer que o SUS pode se virar com as próprias pernas, ao mesmo tempo em que investem contra a abertura de mais portas de acesso aos planos.

As operadores querem, sim, mais regras para regular o mercado de saúde suplementar e o fazem às claras, de forma pública. Defendem mudanças que aumentem a entrada de pessoas no setor e de qualidade que ofertamos — cuja existência é largamente reconhecida por 49 milhões de beneficiários.

As operadores também de conseguir isso é oferecer aos usuários um leque de coberturas que se adequem às suas reais necessidades e à sua capacidade de pagamento. Mas as regras ora vigentes são verdadeiros

cadeados a vedar o acesso aos planos. Porque, hoje, o interesseado contrata coberturas muito abrangentes, e nem sempre acessíveis, ou não compra nada e fica relegado à única opção possível: a fila do SUS, onde mais de 150 milhões de brasileiros concorrem pelo atendimento.

Desde a regulamentação do setor no país, os planos já são segmentados: ambulatorial, hospitalar, referência e odontológico. O problema é que o plano ambulatorial, criado para ser simples e acessível, ganhou penduricalhos que vão muito além da atenção primária e secundária típica desse nível de assistência.

Assim, quem quer um plano apenas com exames e consultas para fazer acompanhamento de rotina, cuidar da prevenção e evitar agravos e doenças não vai achar. Terá de contratar coberturas em que também constam procedimentos de alta complexidade, tipicamente hospitalares — portanto, muito mais caros — e

[...]

As operadores querem, sim, novas regras para regular o mercado de saúde suplementar e o fazem às claras, de forma pública. Defendem mudanças que aumentem a entrada de pessoas no serviço (...) A melhor maneira de conseguir isso é oferecer aos usuários um leque de coberturas que se adequem às suas reais necessidades e à sua capacidade de pagamento

que, muitas vezes, pesam no bolso.

Na nossa proposta, as opções hoje disponíveis no mercado continuariam existindo. A única diferença é que agregáramos uma nova, voltada a cobrir exclusivamente consultas e exames. Queremos, sim, oferecer serviços mais "simples e baratos", como acusam nossos críticos. Justamente porque, para a maioria das pessoas, eles são suficientes para cuidar bem da saúde e para refrear o surgimento e o agravamento de doenças.

A realidade atual é que as pessoas não conseguem acessar esses cuidados preventivos e, assim, chegam ao SUS já com chances bastante aumentadas de estar com a condição de saúde piorada e necessarem de procedimentos muito mais complexos. Se dispuserem da assistência de planos estritamente ambulatoriais, dificilmente irão onerar o sistema público, muito menos com demandas de maior gravidade.

Foi em busca de serviços mais "simples e baratos" que, nos últimos anos, 40 milhões acessaram algum tipo de cartão de benefícios, que não garantem tratamentos abrangentes e contínuos, mas proliferaram à medida que os planos foram impedidos de ofertar coberturas mais condizentes com a renda dos consumidores. Com uma diferença significativa: ao contrário das operadores, atuam sem a vigilância do órgão regulador, expondo pacientes a riscos.

O futuro da saúde, no mundo todo, está em ampliar o acesso. Ao mesmo tempo, baixar os custos da assistência, sob risco de torná-la impeditiva. Planos mais simples são, sim, mais baratos — e muito eficazes. São, para as pessoas que querem, a maioria das vezes, precisam para cuidar melhor de sua saúde. Quem é contra isso é a favor de manter o ferrolho que bloqueia o acesso de milhões de brasileiros a uma vida melhor.

## PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor leitor@grupofolha.com.br

Cartas para o Barão de Limera, 425, São Paulo, CEP 01202-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos das mensagens. Informe seu nome completo e endereço



Moradores de Petrópolis participam de buscas na cidade após os deslizamentos. Cadê Souza/AFP

## Petrópolis

Num país de território continental, é devido ao descalço e à falta de planejamento urbano que as pessoas vivem nos mortos. É vergonhoso para a nossa sociedade, culpa de nossos governantes, culpa da sociedade civil. Somos todos culpados! Acetamos as tragédias pacificamente.

Hélio Araújo (São Paulo, SP)

★  
Ao expressar solidariedade com a população de Petrópolis, congratulo o jornalista Vinicius Torres Freire pelo oportuno artigo "Petrópolis e a grande reforma social do planejamento e a insensibilidade em relação às mudanças climáticas custam vidas". Os candidatos nas eleições de 2022 e seus eleitores precisam ter isso em mente. Nadia Somekh, presidente do Conselho de Arquitetura e Urbanismo da Brasil (Brasília, DF)

## O centrão comanda

Com a chave do cofre e a chave da gaveta estão sendo guardados 140 pedidos de impeachment do presidente, o centrão comanda a nação. Ciro Nogueira, com R\$ 2,2 bilhões para distribuir ao centrão, e Arthur Lira, comandando 300 ex-certos no desfalecimento das emendas de relator do orçamento secreto, vão garantir a reeleição vitoriosa de todo o centrão.

Paulo Sérgio Arias (Porto Alegre, RS)

## Impeachment

Aproveite, Arthur Lira, as benesses concedidas por seu patrão pela corajosa atitude de ignorar as dezenas de pedidos de impeachment que estão em sua gaveta. Aproveite, porque é bem provável que seu futuro político se encontre em novembro. Junto com o dele, aliás.

Mário Rita Kehl e mais 19 assinaturas (São Paulo, SP)

## Bolsonaro na Rússia

Logo ele, insensível com o sofrimento alheio e que é sempre grossista quando não comunga de suas ações e conceitos — particularmente com as mulheres e as minorias. Agente, frente a uma crise produzida pela prepotência de quem não sabe prestar solidariedade à Rússia. Gesto servil — e desprovido de qualquer sentido diante da atual insignificância política e política do Brasil no cenário mundial.

Neel Gonçalves Cerqueira (Jacareizinho, PR)

## Bolsonaro na Hungria

"Bolsonaro chama Orbán de irmão, usa lema fascista e vota a seguir influência sobre Putin" (Mundo, 17/2). O fanatismo dos jornalistas da Folha contra Bolsonaro está afetando o raciocínio e o equilíbrio mental desses profissionais, ocasionando graves consequências, como a publicação da reportagem aqui citada. Ser comuna faz tudo.

Ricardo Villas (São Paulo, SP)

## Jóia Batista Amaral Natal

Jóia Batista Amaral Natal (São Paulo, SP)

★  
É um absurdo a Folha querer impingir o livro de fascista a quem quer, para a partir daí, possamos lutar por uma efetiva cidadania. Afinal, como cantou Caetano Veloso, "gente é pra brilhar, não pra morrer de fome".

Ditadores do Oriente Médio, um autocrata há décadas no poder e líderes de extrema direita são os únicos chefes de Estado que toparam receber uma visitinha de Bolsonaro, né? No mais, ninguém no mundo quer associar a sua imagem à dele. Vinicius Guimarães (São Paulo, SP)

★  
Finalmente Bolsonaro encontrou em quem se espelhar na Europa, repetindo o mesmo integralista, fascista. Esse seu amigo da extrema direita vai sair do cargo antes de Bolsonaro, em abril.

Hélio Souza Reis (Guarulhos, SP)

## Formação humanista

Palavras sábias as de Rodrigo Tavares ("Mercado financeiro precisa de mais profissionais formados em humanas", 16/2). Uma formação humanista contribui para a preparação de profissionais colaborativos e empáticos e de cidadãos criativos e solidários. Todos podemos com a democratização do pensamento crítico e do conhecimento do repertório cultural.

Pedro Paulo A. Funari, professor titular do Departamento de História da Unicamp (Campinas, SP)

## Chegar bem aos 100

Excelente artigo de Karla Giacomini na coluna Como Chegar Bem aos 100 ("Deconstrução de políticas de Estado precisa ser denunciada", Corrida, 17/2). Precisamos denunciar essa desconstrução de políticas, especialmente aquelas que contemplam as necessidades da população idosa.

Márlia Berzins (São Paulo, SP)

★  
Gostaria de fazer um elogio à gerência da Karla Giacomini por sua corajosa atitude de ignorar as dezenas de pedidos de impeachment que estão em sua gaveta. Aproveite, porque é bem provável que seu futuro político se encontre em novembro. Junto com o dele, aliás.

Fernando Genaro Júnior, doutor em psicologia clínica pela USP (Belo Horizonte, MG)

## PEC do veneno

A Folha deveria divulgar amplamente os nomes dos deputados (além de Arthur Lira) que votaram a favor dessa PEC do veneno. Provavelmente todos consomem apenas alimentos orgânicos.

Beatriz Telles (São Paulo, SP)

## Privatizações

Privatizações no Brasil enfraquecem a infraestrutura e geram inflação, vide a política privatista de preços da Petrobras. Concentram renda em proveito de uma minoria e em detrimento da maioria da população, vide os dividendos da Petrobras e o surgimento de preços de miséria, 16 milhões em insegurança alimentar e milhares na fila do sono. Um crime de lesa-pátria cometido por uma elite de mentalidade escravocrata.

Antônio Beethoven Cunha de Melo (São Paulo, SP)

## ERRAMOS

eramos@grupofolha.com.br

★  
COTIDIANO (17FEV, PÁG. B3) Para Petrópolis, as áreas de risco de deslizamentos deveriam ter sido evacuadas, não a cidade, como foi publicado no título "Petrópolis deveria ter sido evacuada após alertar há dois dias".

## 'Gente é pra brilhar, não pra morrer de fome'

Insegurança alimentar exige das gestões públicas políticas permanentes

## Erika Hilton

Veradora (PSOL-SP) e presidenta da Comissão Extraordinária de Direitos Humanos e Cidadania da Câmara Municipal de São Paulo

Quando seu Robson, um senhor de quase 70 anos, se acorrentou ao portão da Câmara Municipal de São Paulo e anunciou uma greve de fome, demonstrou a revolta daqueles que tentam diminuir o sofrimento de quem não tem o que comer. Naquele momento, o presidente do Movimento Estadual da População em Situação de Rua protestava contra o corte no programa Cozinha Cidadã, que distribui 2 mil marmitas por dia. Era mais que evidente que a cidade precisava de uma política permanente de combate à fome.

A conversão do projeto 465/21, que cria o Fundo Municipal de Combate à Fome, em lei é uma conquista dos movimentos sociais e do povo de rua. O projeto de minha autoria, que teve pedidos de coautoria de colegas vereadores e foi aprovado por unanimidade, é inédito e histórico, pois crava no orçamento da maior cidade da América Latina a obrigação desta e de futuras administrações de terem políticas concretas de combate à fome. É urgente e necessário, pois vivemos um aumento da pobreza e insegurança alimentar não só em São Paulo, mas em todo o Brasil. O recurso do fundo deve ser empregado exclusivamente em programas e ações de garantia à alimentação adequada, ações de proteção à criança e ao adolescente e

de incentivo à agricultura familiar. Combater a fome é prioridade. Essa construção começa com a audiência pública "Quem tem fome, tem pressa: políticas de segurança alimentar na cidade de São Paulo", em abril de 2021, organizada pela Comissão Extraordinária de Direitos Humanos e Cidadania, a qual presido. Dali, surgiu a criação do Observatório Cidades a Fome da Cidade de São Paulo.

[...]

A conversão do projeto 465/21, que institui o Fundo Municipal de Combate à Fome, em lei é uma conquista dos movimentos sociais e do povo de rua. (...) Crava no orçamento da maior cidade da América Latina a obrigação desta e de futuras administrações de terem políticas concretas de combate à fome

Meses depois, em julho, o PL 465/21 foi aprovado, com mais de 300 votos, em conjunto de iniciativas inspiradas na trajetória da escritora Carolina Maria de Jesus — mulher negra, migrante, favelada, que enfrentou a fome e a miséria. Em seu livro mais famoso "Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada", Carolina registrou: "No dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escarvatura atual: a fome!".

O número de famílias em situação de risco de insegurança alimentar moderada alta é 1,5% dos lares brasileiros e que 9% dos usuários são afetados por insegurança alimentar grave. Um outro estudo, da Rede PenSAN, destacou que o direito humano à alimentação adequada está em risco em mais de metade dos domicílios brasileiros (44,8%) desde o início da pandemia de Covid-19. Some-se a isso o aumento da população de rua, que passou dos 31 mil, de acordo com o censo divulgado recentemente.

Garantir comida para todas essas pessoas é proporcionar um direito básico e o mínimo de humanização, para que a partir daí possamos lutar por uma efetiva cidadania. Afinal, como cantou Caetano Veloso, "gente é pra brilhar, não pra morrer de fome".



# política

## PAINEL

Fábio Zanini

painel@grupofolha.com.br

## Blindagem

Sergio Moro (Podemos) defenderá, em seu programa de governo, independência para o diretor-geral da Polícia Federal, nos moldes do que ocorre com agências. A ideia é que o titular tenha mandato e seja aprovado pelo Senado, eliminando a possibilidade de demissão pelo presidente. O ex-juiz deve mencionar a ideia como um exemplo de reforma no órgão. Nesta semana, ele teve um embate com a atual direção da PF, que o acusou de mentir ao criticar falta de ação contra a corrupção.

**ALINHADO** Flávio Bolsonaro (PL-RJ) vai entrar com representação no Conselho de Ética à Câmara contra o também parlamentar Randolph Rodrigues (Rede-AP) por ter mencionado o impeachment do procurador-geral da República Augusto Aras. "Uma verdadeira interferência política sobre o Ministério Público", diz Flávio, em vídeo divulgado.

**DELAY** Na última terça (15), Randolph indicou ver prevaricação por parte de Aras por não dar prosseguimento às conclusões da CPI da Covid. A PGR afirma que aguarda a entrega das provas pela comissão contra os 12 indicados com prerrogativa de foro.

**MR. PRESIDENT** Inspirado na Casa Branca, o governador de SP, João Dória (PSDB), concederá entrevistas coletivas, de preferência, no jardim do Palácio Bandeirantes. A ideia teve a participação de marqueteiros e da equipe de comunicação do tucano, que em breve iniciará sua pré-campanha à Presidência.

**SUPLETIVO** O ministro Tarcísio de Freitas (Infraestrutura) tem se dedicado a estudar a história de SP antes de dar início à sua campanha ao governo do estado. O carão se debruçou nos últimos dias sobre a Revolução de 1932, incluindo a construção do Obelisco do Ibirapuera.

**LIBERADOS** O Comitê Lula Livre decidiu encerrar suas atividades. Composto por mais de 80 organizações, entre elas PT, PSOL, PCdoB, UNE, CUT, MST e MTST, o comitê avalia que cumpriu sua missão com as vitórias judiciais e a recuperação dos direitos políticos do ex-presidente.

**SOLIDARIEDADE** Os deputados federais do Rio de Janeiro estão se organizando para destinar, cada um, ao menos R\$ 1 milhão das suas emendas para Petrópolis (cidade foi atingida por fortes chuvas e já contabiliza mais de cem mortos). A ideia é conseguir cerca de R\$ 50 milhões para ajudar o município na região serrana.

## TIROTEIO

O Senado hoje se resume a ser banco de reservas para alguns e casa de políticos aposentados para outros

Do deputado estadual Henri Ozi Cukier, pré-candidato ao Senado pelo Podemos em São Paulo, sobre a composição atual da Casa

com Guilherme Seto e Juliana Braga

## GRUPO FOLHA

FOLHA DE S. PAULO ★ ★ ★

UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Redação São Paulo

Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Eliseos | 01020-900 | (11) 3224-3222

Ombudsman ombudsman@grupofolha.com.br | 0800-05-9000

Atendimento ao assinante (11) 3224-3090 | 0800-775-8080

Assine aqui assinne.folha.com.br | 0800-05-9000

EDIÇÃO DIGITAL

DO 1º AO 3º MÊS

DO 4º AO 12º MÊS

A PARTIR DO 13º MÊS

Digital Ilimitado

R\$ 1,90

R\$ 9,90

R\$ 29,90

Digital Premium

R\$ 1,90

R\$ 9,90

R\$ 39,90

EDIÇÃO IMPRESSA

Venda avulsa

de sáb.

MG, PR, RJ, SP

DF, SC

ES, GO, MT, MS, RS

AL, BA, PE, SE

Outros estados

Taxa de ass. dom.

R\$ 5

R\$ 5,50

R\$ 5,50

R\$ 9,25

R\$ 11,50

R\$ 11,50

\*A vista com entrega domiciliar diária. Cargo tributário 3,65%

CIRCULAÇÃO DIÁRIA (IVC)

366.088 exemplares (dezembro de 2021)

# Secretaria de Dória loteada pelo MDB multiplica verba às vésperas da eleição

Secretário da Agricultura amplia investimentos por 15 e distribui veículos com Rodrigo Garcia, pré-candidato do PSDB ao governo

Artur Rodrigues e Carolina Linhares

SÃO PAULO Reunidos no início deste mês em um evento em São José do Rio Preto (SP) diante de uma plateia de centenas de prefeitos e vereadores do interior, o vice-governador Rodrigo Garcia (PSDB) elogiou o secretário da Agricultura e Abastecimento, Itamar Borges (MDB), pelo salto no orçamento da pasta.

Ocupado pelo MDB desde junho do ano passado, a secretaria do governo João Dória (PSDB) multiplicou por 15 seus gastos em 2021 com distribuição de tratores e veículos para cidades e com aumento nos auxílios e créditos para produtores rurais.

A entrega das benesses ocorre às vésperas da eleição, em que Dória pretende concorrer à Presidência da República e Garcia à sua sucessão no Palácio do Bandeirantes — e no momento em que os tucanos trabalham para atrair o MDB para sua aliança.

O Orçamento de 2021 previa R\$ 770 milhões para a secretaria, sendo R\$ 8,1 milhões em investimentos — descontados gastos com custeio. O ano terminou com R\$ 2 bilhões pagos pela pasta, sendo R\$ 1,2 bilhão em investimentos. "Isso graças ao dinamismo do Itamar", disse Garcia, citando valores e sendo aplaudido pelo público. O vice e Borges têm em comum a região de Rio Preto como base eleitoral.

Em 2020, a pasta encerrou o ano com R\$ 59 milhões investidos. No ano anterior, foram R\$ 80,7 milhões. Como mostra a folha, em um movimento para ampliar sua articulação política, Dória trocou o comando da Agricultura ao retirar um nome técnico e sem vínculos partidários e nomear o então deputado estadual do MDB — uma forma de agradar a sigla aliada e a cenar para uma coligação.

Membros do governo Dória admitem que a nomeação de Borges (MDB) para o MDB, mas afirmam não haver ligação entre a multiplicação de repasses e a eleição. Embora nos bastidores o secretário seja avaliado como um possível vice na chapa de Garcia, tucanos dizem que ele deve concorrer à reeleição como deputado estadual.

Procurando pela repartagem, Borges afirmou que deixará o posto em abril para ser candidato a deputado estadual e que nunca trairá a possibilidade de ser vice-governador.

Ele diz que o MDB deve apoiar Garcia, mas que foi escolhido por compor a casa do governo, pela experiência como prefeito e pela liderança na frente agrária na Assembleia, e não por questões partidárias. Borges também nega que a ampliação do orçamento tenha caráter eleitoral.

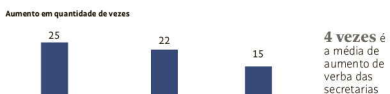
"Dória e Garcia me pediram para buscar o plano de governo e colocar em prática o que não havia sido executado. Eu fiz o orçamento de tudo em 90 dias. Ocorre que os equipamentos não são entregues em tempo curto", diz. "Tem entregas previstas até o fim de 2022, quando eu já vou ter deixado a pasta", completa.

No evento em Rio Preto, Garcia disse ainda que o MDB, debaixista, levou para o governo para ampliar o apoio político pelo interior, é responsável por uma "revolução no agronegócio". Dória tenta ganhar terreno na área,

## Disparada dos investimentos da Secretaria de Agricultura



Ranking de secretarias com multiplicação de repasses em 2021



Detalhamento de investimentos da Secretaria de Agricultura



\*Oração inicial era de R\$ 10, valor simbólico ser ampliado com remanejamento de gastos.

Fonte: Salfes/SP, considerando apenas investimentos



Itamar Borges e João Dória em evento de distribuição de tratores

dominada por bolsionaristas.

Só naquele dia, Garcia e Borges distribuíram 100 caminhonetes do programa Segurança no Campo para 90 cidades, autorizaram obras em estradas rurais de 17 cidades pelo programa Melhor Caminho e entregaram 111 mapeamentos físicos e digitais de propriedades rurais de sete regiões no programa Rutas Rurais. O meio de trato usado por Borges nas redes sociais reflete o principal gasto da pasta com investimentos em 2021, um total de R\$ 974 milhões em tratores, caminhonetes, escavadeiras e caminhões. Em 2020, os gastos com equipamentos foram de R\$ 16 milhões.

Segundo a secretaria, os programas Frota Agro e Pro-Trator distribuíram, desde 2019, 325 equipamentos para 222 cidades — amaioria aliadas de PSDB, DEM, PSD e MDB. Para este ano eleitoral, porém, a quantidade prevista é inédita: um total de 520 kits com quatro a nove veículos. A lista de cidades beneficiadas ainda não foi divulgada.

Os auxílios, que incluem crédito para produção, subsídio e seguro contra pandemia, seca e geadas, chegaram a R\$ 227 milhões em 2021, contra R\$ 43 milhões no ano anterior.

Desde que assumiu a secretaria, Borges já protagonizou quatro eventos em Rio Preto, administrada pelo MDB e onde mantém um escritório político. O secretário é ex-prefeito de Santa Fé do Sul, a 190 km de Rio Preto. Já Garcia é natural de Tanabi, a 40 km da principal cidade da região.

Em dezembro, o presidente do MDB, Baleia Rossi (SP), acompanhou Garcia e Borges em um evento em sua base, Ribeirão Preto — cidade administrada pelo PSDB. Foram entregues 72 viaturas do programa Segurança no Campo. O MDB lançou a senadora Simone Tebet (MS) à Presidência e mantém conversas com o PSDB. Os dois partidos iniciaram tratativas para a formação de uma federação, mas dirigentes admitem que o acordo não deve se viabilizar.

Continua na pág. A6

**Por que  
um Private Bank,  
que não fez nada  
de propaganda  
em 2021,  
foi o Private Bank  
que mais cresceu  
em 2021?**

**Boca a boca  
dos clientes.**

Itaú Private Bank,  
o maior Private Bank do Brasil,  
cresceu o dobro  
do mercado em 2021.



**Itaú**PrivateBank







Edson Fachin  
Tenho a mão estendida a  
Bolsonaro, mas não vamos  
tolerar os intolerantes

Ministro do STF que comandará TSE afirma que terá postura de diálogo e que espera reciprocidade do presidente da República

## ENTREVISTA

José Marques

**BRASÍLIA** No centro das críticas do presidente Jair Bolsonaro (PL), o futuro presidente do TSE (Tribunal Superior Eleitoral), ministro Edson Fachin, afirma que terá uma postura colaborativa e de diálogo com o mandatário, mas que adotará medidas caso a Justiça Eleitoral seja atacada.

"Como presidente do Tribunal Superior Eleitoral, nós não vamos tolerar os intolerantes. Mas, por agora, eu tenho uma mão estendida e eu espero reciprocidade", afirmou o ministro à Folha.

Fachin assume no próximo dia 22, em substituição a Luís Roberto Barroso, ambos integrantes do STF (Supremo Tribunal Federal). Em reunião de transição na terça (15), o ministro afirmou que havia riscos de ataques aos sistemas do TSE oriundos da Rússia — onde estava o presidente da República, em viagem.

Em entrevista à Jovem Pan, Bolsonaro disse que a fala de Fachin era lamentável e "fake news". O ministro afirma que entende as falas do presidente como narrativa política e diz que mencionou a Rússia por que é um exemplo real.

O presidente Bolsonaro disse que o discurso do sr. foi fake news e que os ministros do Supremo se comportam como adolescentes. Qual a sua avaliação? Eu diria três coisas. A primeira, que toda pessoa, inclusive o presidente da República, tem o direito legítimo de crítica, e ninguém é imune à crítica. Portanto, o juízo de valor que se faz deve ser acolhido como exercício do dissenso dentro de uma sociedade democrática.

A segunda é que o presidente, ao lado das funções estatais, tem atividades políticas. Na atividade política, os fatos sofrem substituição por narrativas. Eu fiz um pronunciamento por escrito, para deixar registrado. O que eu mencionei é que há possibilidade de um ciberataque à Justiça Eleitoral, nomeadamente ao Tribunal Superior Eleitoral, e que a segurança cibernética é uma questão fundamental.

As milícias digitais se hospedam em diversos países, e mencionei a Rússia como um dos exemplos — eu poderia ter mencionado a Macedônia do Norte. Estou falando de riscos que são reais, mais que potenciais, e que podem advir de atores privados, ou em alguns países com colaboração de atores estatais. E onde há colaboração de atores estatais? Onde a legislação não tem o mínimo de controle democrático e o mínimo de controle dessas milícias digitais. E infelizmente a Rússia é reconhecidamente exemplo de patamares mínimos de regulação.

A terceira é que eu tenho um conjunto de fontes. Começam com um relatório do Senado norte-americano sobre as eleições norte-americanas, passam pelas eleições da Alemanha e por relatórios publicados em veículos respeitados de comunicação.



**Luiz Edson Fachin, 64**

É ministro do STF desde 2015 e é o relator da Operação Lava Jato na corte. Foi indicado pela ex-presidente Dilma Rousseff (PT). É vice-presidente do TSE (Tribunal Superior Eleitoral), foi eleito para assumir a presidência da corte em 22 de fevereiro. Foi professor titular de direito na UFPR (Universidade Federal do Paraná)

O presidente tem feito críticas ao Judiciário e, em especial, à Justiça Eleitoral. O sr. se preparou para ser alvo desses ataques? A minha conduta, ao menos nesse momento, é oposta a essa. Eu decidi pessoalmente entregar o convite da posse ao presidente. Ele é o chefe do Estado brasileiro, eleito legitimamente por meio do sistema de votação das urnas eletrônicas, diplomado pelo TSE numa sessão em que eu estive presente.

Esse reconhecimento de que ele exerce a chefia do Estado brasileiro me levou a convidá-lo. Também convidei-o para estar aqui no dia 11 de maio, quando nós apresentaremos publicamente o relatório de todo o conjunto de planos de ataque [teste de segurança da Justiça Eleitoral], que começaram em novembro, quando nós abrimos o código-fonte [das urnas]. Nós iremos publicamente prestar contas. Eu também convidei o presidente, porque a atividade que a mim me cabe neste momento é de diálogo institucional e repúblico com todos os chefes de Poder.

A minha proposição nesse momento é colaborativa. Eu fiz um gesto simbólico, de estender a mão ao diálogo, à ati-

vidade colaborativa e abrir as portas do TSE para que todas as autoridades tenham dados e informações e espaços para questionamentos.

Mantido o diálogo respeitoso, mantido o diálogo dentro da normalidade da relação institucional, a minha conduta sempre será colaborativa e dialógica. Eu nem assumi ainda o tribunal. Agora, como presidente do tribunal, se a Justiça Eleitoral for indevidamente atacada, eu não terei dúvida em tomar todas as medidas necessárias para defendê-la. Porque o ataque à Justiça Eleitoral, dependendo da forma e do modo com que ele se faça, dependendo da sua origem, é um ataque à democracia.

Quem defende intervenção militar, quem defende fechar um Poder ou um tribunal como o Supremo Tribunal Federal e quem discute inexistente fraude em urna eletrônica não está discutindo urna eletrônica, está discutindo a ruína da democracia. Como presidente do Tribunal Superior Eleitoral, nós não vamos tolerar os intolerantes. Mas, por agora, eu tenho uma mão estendida e eu espero reciprocidade.

Como o sr. recebeu a notícia de que o general [e ex-ministro da Defesa] Fernando Aze-

vedo e Silva não vai ser mais o diretor-geral do TSE? Os motivos de saúde são profundamente compreensíveis. Eu tenho pessoal estima e admiração pelo general Fernando Azevedo e Silva, como aliás tenho relacionamento com integrantes das três Forças [Armadaz]. Sou de uma geração que admirou a conduta do general Euler Bentes Monteiro.

Ele foi o general que apresentou o que se chamava, à época, pelo então MDB, a anticandidatura, e perdeu a eleição no colégio eleitoral para o general [João] Figueiredo, que se tornou presidente do Brasil

A presença do general Fernando aqui também tinha esse condão de trazer com ele uma perspectiva de um diálogo aberto, próximo, e esse diálogo não vai deixar de existir. O general Fernando acompanha nosso período de transição, fez publicamente elogios à estrutura do tribunal, à própria segurança das urnas eletrônicas. [Acabou] apresentando questões de saúde. Se fossem outras questões, eu me permitiria discutir e contrargumentar, mas saúde pessoal precisa ter da nossa parte compreensão e votos de melhora.

**Asaída dele faz o tribunal perder uma ponte importante com as Forças Armadas? Eu tenho outros canais de diálogos abertos com as três Forças e continuarão a gerar bons resultados. O Exército tem um setor de cibersegurança que é merecedor dos nossos maiores elogios.**

O sr. deu a decisão que abriu caminho para a anulação dos processos do ex-presidente Lula na Lava Jato e ele se tornou elegeível. Preocupa que isso seja usado para atacá-lo, como já fez o presidente Bolsonaro? Isso é uma narrativa, eu me atenho aos fatos. Chegaram ao Supremo mais de 150 inquéritos dos quais eu fui o relator originário. Muitos desses inquéritos foram para o STJ (Superior Tribunal de Justiça), porque eram de competência do STJ, e para as Justiças dos estados ou para os Tribunais Regionais Federais ou para a Justiça Federal desses tribunais.

Quê é que se passou na Lava Jato, antes mesmo de eu assumir a relatoria? Iniciou-se uma discussão, já na relatoria do ministro Teori Zavascki, de saber se a competência da 13ª vara de Curitiba compreendia não apenas os danos diretos à Petrobras, mas também aos seus danos reflexos.

O ex-presidente Lula foi condenado em primeiro grau, a condenação foi mantida em segundo grau, o recurso chegou ao Superior Tribunal de Justiça e esse recurso não foi apreciado pelo Supremo. Ou seja, o Supremo Tribunal Federal em momento algum apreciou a questão da culpabilidade ou da procedência ou improcedência da imputação que se fazia ao ex-presidente.

Formada a orientação de que os danos reflexos não eram da competência da 13ª vara, quando chegou ao tribunal o recurso extraordinário [de Lula], houve a interposição de um habeas corpus, onde essa matéria foi suscitada pela primeira vez. E eu tomei

uma decisão que imediatamente submeti ao colegiado. Portanto, foi uma decisão da maioria do STF. No meu gabinete não há liminares que ficam aguardando decurso do tempo por alguma conveniência. O colegiado, por maioria, entendeu que o tribunal havia firmado orientação nestes sentidos. No meu voto, faço esse histórico, mostrando como restei vencido nestes julgamentos.

Quando restei vencido na turma e no plenário, pelo princípio da colegialidade,

registei que eu votava vencido, mas adotava a posição da colegialidade. O fato processual é esse. Haverá narrativas das mais diversas ordens, e as narrativas pertencem ao campo da política. A decisão tomada é uma decisão tecnicamente correta e, sobre ela, posso discutir juridicamente.

Apesar da questão técnica, politicamente o sr. também acaba sendo questionado pelos petistas, que dizem que houve injustiça com Lula em não poder se candidatar em 2018... De novo, vamos ao fato, e não à narrativa. Em 2018 foi impetrado um habeas corpus no Supremo. Eu votei contra o habeas corpus do ex-presidente, porque naquele momento o STF, no meu modo de ver corretamente, tinha maioria que sustentava que é constitucional a prisão após o segundo grau, e era o caso do ex-presidente.

Esse entendimento, depois, numa outra composição e por mudança de posição de alguns colegas, foi alterado. Eu continuei com o mesmo ponto de vista. Entendo que é constitucional a execução da pena com prisão do condenado após a condenação em segundo grau que confirma uma sentença de primeiro grau condenatória. Votei assim em inúmeros processos, dentre eles um do ex-presidente. Este é o fato, o mais é debate político.

O sr. disse que a doença infantil do lava-jatoismo estava prestes a acabar, mas não a Lava Jato. Depois disso houve anulação dos processos contra Lula e vários outros notáveis arquivamentos. A Lava Jato acabou? Não. E sempre recomendando que se leia os relatórios ao final de cada semestre sobre a Lava Jato. O último relatório que eu produzi revela que mais de R\$ 1,2 bilhão em multas foi arrecadado só no meu gabinete. Dos 150 inquéritos no meu gabinete, eu continuo com mais de quatro dezenas de inquéritos ativos.

Os inquéritos de memoram para concluir, infelizmente. Não é fácil efetivamente chegar dentro do processo, com ampla defesa e respeito às prerrogativas do acusado e do investigado, a um conjunto de provas. Mas esses inquéritos caminham e, desde que o Ministério Público ofereça a denúncia, eu aprecio. O juiz não investiga e o juiz não denuncia, o juiz julga, e há de ter uma posição equidistante quer da defesa, quer do Ministério Público.

Houve um determinado momento em que o Ministério Público celebrou um número expressivo de colaborações. Foram mais de 120 colaborações premiadas. Quantas foram anuladas ou tornadas ineficazes? 4. Quantas condenações houve na Lava Jato? 174. As do ex-presidente são 4.

Mas houve uma série de anulações de outras condenações em instâncias superiores... Sim, eu não tenho toda a tabulação de todos os tribunais. Mas quando se diz "a Lava Jato acabou", é preciso levar em conta o ganho institucional, até mesmo nos excessos, que as cortes e os tribunais superiores estão apreciando e, quando é o caso, declarando alguma nulidade.

almente no período de 1964 a 1985, na ditadura militar, se grassou evidente corrupção. Nós não tínhamos mecanismos de apuração. A influência do poder político e do poder econômico era imensa. Com a Constituição e a redemocratização do país, nós começamos a reconhecer que a resposta do sistema punitivo integrava o Estado democrático de Direito.

Há retrocessos em alguns setores? Evidentemente. A sociedade é plural, o exercício do poder político tem avanços e recuo. Há quem, por exemplo, no presente, seja saudoso dos porões da ditadura e elogie torturadores.



política

# Lawfare e a destruição da política

Justiça brasileira é um parque de diversões para o uso do direito como arma de guerra

Silvio Almeida

Advogado, professor visitante da Universidade de Columbia, em Nova York, e presidente do Instituto Luiz Gama

Em meu último artigo para esta Folha, citei alguns breves comentários sobre o que considero contradições e fragilidades do pré-candidato Sergio Moro. Na esteira do que declarei esta semana o prefeito do Rio de Janeiro Eduardo Paes, não é compreensível que um homem que nitidamente não sabe sobre o que o Brasil possa pleitear o posto de comando mais elevado do país. Entretanto, no dia de hoje, mantendo as observações que fiz anteriormente, gostaria de fazer ao pré-candidato Moro algo que ele nem sempre observou em sua atuação como magistrado: justiça. No meu caso, "fazer justiça" é reconhecer que o candidato teve sim, um papel multissimamente importante na política brasileira, mais precisamente, no processo de destruição da política institucional do país.

Foi Sergio Moro que, juntamente com os vingadores da Lava Jato, introduziu uma das grandes inovações tecnológicas da política do nosso tempo, o chamado lawfare. Mas o que é lawfare?

Uma boa resposta pode ser encontrada no livro "Lawfare: uma introdução", de autoria dos advogados e professores Cristiano Zanin Martins, Valeska Teixeira Zanin Matos e Rafael Valim. É importante ressaltar que Cristiano e Valeska atuaram

na defesa jurídica do ex-presidente Lula, o que faz com que os aspectos técnicos revelados pelo livro sejam baseados em uma experiência direta com o fenômeno que descrevem.

No texto aprende-se que o termo lawfare é um neologismo que resulta da junção dos termos law (direito) e warfare (guerra ou estado de guerra). Isso indica que a palavra se refere à utilização do direito ou, melhor, das instituições e das técnicas jurídicas, como armas de guerra.

Como definem os autores sobre o resultado de reflexões sobre diferentes estratégias de lawfare é "o uso estratégico do direito para fins de deslegitimar, prejudicar ou aniquilar um inimigo" (p. 26).

Destaco aqui o uso de "inimigo" e não "adversário" ou "oponente". Inimigo porque o lawfare pressupõe um ambiente de guerra, em que o diálogo, a conciliação e a diplomacia são impossíveis. A oposição, portanto, não pode ser institucionalizada; há que ser extirpada, retirada completamente do jogo. O inimigo deve ser apresentado como uma ameaça vital contra a qual todos os meios podem ser empregados, sejam legais ou ilegais.

Como explicam os autores o lawfare é resultado de reflexões sobre diferentes estratégias de lawfare possíveis em uma guerra. Do ponto de vista estratégico o lawfare requer a observação

das dimensões da geografia (levar o conflito judicial para a jurisdição onde se tenha maior chance de vitória), do armamento (utilização e criação de normas que facilitem a perseguição do inimigo e o uso de medidas excepcionais contra ele) e da externalidade (o uso dos meios de comunicação para coletar, transportar ou detectar informações produzidas fora do sistema processual).

Já dentre as inúmeras táticas de lawfare que se ligam às dimensões estratégicas, podemos destacar a violação de competência, a proposição de ações em diferentes localidades para confundir os estímulos a litigante, o uso abusivo de prisões preventivas, o vazamento seletivo de informações para contaminar o ambiente social, o excesso de acusações (e.g. o famoso "power point") e a utilização de recursos especializados e jornalistas por meio de ações judiciais.

Se Sergio Moro é a força-tarefa da Lava Jato cabem o mérito de terem servido como su-

porte material para o fantasma do lawfare que encarnou no Brasil, é preciso reconhecer que a introdução dessa tecnologia jurídica foi possível porque havia um ambiente propício.

Antes de colonizar as grandes estruturas econômicas e políticas nacionais, o uso do direito para extermínio e produção da exceção já estava disseminado no sistema de justiça brasileiro, como muito bem sabem os pobres e, especialmente, os negros e os indígenas.

A desigualdade social, o autoritarismo e o racismo que nos caracterizam historicamente foram centrais para que a prática do lawfare encontrasse tanta acolhida no Brasil.

Nos próximos anos o Brasil terá que repensar seu sistema a fim de impedir e responsabilizar os assediadores judiciais e aqueles que, diante da situação que ocupam no sistema de justiça, participam ou são coniventes com a devastação do país. Lawfare não é apenas a destruição do direito. É a destruição da política.

# Aras pede arquivamento de inquérito contra Bolsonaro sobre vazamento

PGR discordou da Polícia Federal sobre divulgação de informações da Justiça Eleitoral em live

Marcelo Rocha

BRÁSILIA O procurador-geral da República, Augusto Aras, discordou da Polícia Federal e entendeu que Jair Bolsonaro (PL) não cometeu crime ao vazar informações de inquérito aberto para apurar uma invasão hacker a sistemas da Justiça Eleitoral em 2018.

Em manifestação enviada ao STF (Supremo Tribunal Federal) nesta quinta (17), prazo final que havia sido estipulado pelo ministro Alexandre de Moraes, relator do caso, Aras pediu o arquivamento.



O procurador-geral da República, Augusto Aras, em sessão do STF. Felipe Sampaio - 8 set. 21/Divulgação STF

Ao admitir que informações do inquérito "eventualmente tenham sido difundidas de forma distorcida pelos investigados", Aras afirmou que elas "em nada afetam a conclusão de atipicidade das condutas apuradas, frente à ausência de elemento do tipo penal".

Para ele, ao contrário do que constou do relatório final da PGR o inquérito sobre o suposto ataque a sistemas e bancos de dados do STF (Tribunal Superior Eleitoral) não estava protegido por sigilo e, portanto, sua divulgação não constitui crime criminoso.

"O expediente [inquérito] não tramitava reservadamente entre a equipe policial, nem era encaminhado para registro de sigilo externo ao tempo do levantamento, pelos investigadores, de parte da documentação que o compõe", afirmou.

Aras também afirmou que a publicidade do IPL 1361/2018

SR/PF/DF tinha sido determinada por meio de decisão fundamentada da autoridade competente", disse Aras, "não há como atribuir aos investigados nem a prática do crime de divulgação de segredo nem o de violação de sigilo funcional".

Ele afirmou ainda que a PF, ao liberar uma cópia da apuração a um parlamentar aliado do presidente, deixou de observar normas internas que estabelecem a tramitação reservada de investigações.

Autor da ADI (ação direta de inconstitucionalidade), a ANJ (Associação Nacional dos Juizes) argumentou que a restrição à publicidade emve-

zou referência a suposto sigilo em seu desfavor", disse o chefe da Procuradoria.

Bolsonaro passou a ser investigado no episódio do vazamento a pedido do TSE, após o mandatório ter divulgado material de apuração em curso sobre o ataque cibernético.

A respeito do vazamento, o presidente da corte eleitoral, ministro Luiz Roberto Barroso, declarou que "informações sensíveis, que facilitam a atuação criminal [contra a Justiça Eleitoral], foram divulgadas, colocando em risco a segurança nacional, a impedida a defesa

de procedimento investigativo em seu desfavor", disse o chefe da Procuradoria.

Bolsonaro passou a ser investigado no episódio do vazamento a pedido do TSE, após o mandatório ter divulgado material de apuração em curso sobre o ataque cibernético.

A respeito do vazamento, o presidente da corte eleitoral, ministro Luiz Roberto Barroso, declarou que "informações sensíveis, que facilitam a atuação criminal [contra a Justiça Eleitoral], foram divulgadas, colocando em risco a segurança nacional, a impedida a defesa

## CPI da Covid manda ao STF acusações individualizadas

Atendendo a pedido da PGR (Procuradoria-Geral da República), os integrantes da CPI da Covid encaminharão nesta quinta (17) ao STF (Supremo Tribunal Federal) uma lista que individualiza as acusações e os crimes cometidos por cada um dos agentes que tiveram indiciamento recomendado pela comissão. A cópia da CPI considerou o pedido como uma medida meramente protelatória, para mascarar eventual omissão do procurador-geral Augusto Aras.

cas do inquérito fez parte da estratégia do presidente de contestar a confiabilidade das urnas eletrônicas e encampar a tese, sem provas, de que o resultado do pleito, que o elegeu presidente, teria sido fraudado pela batida pelo TSE várias vezes.

Os documentos foram usados em uma transmissão ao vivo na internet realizada por Bolsonaro em agosto do ano passado. Na época, em meio aos trabalhos da CPI da Covid, o chefe do Executivo assistia ao desgaste de sua administração, com o ministro das Pesquisas de intenção de voto.

Encarregada da apuração, a delegada federal Denise Ribeiro enviou a conclusão do inquérito ao STF no início deste mês. APF afirmou no relatório ter visto crime na atuação de Bolsonaro, do deputado Filipe Barros (PSL-PR) e do ajudante de ordens do presidente Mauro Cid no caso.

Mesmo sem indiciamento formal, foi a primeira vez que a PF imputou crime ao presidente no âmbito de investigações que tramitam sobre a reletoria de Moraes.

No relatório final, a delegada também relate a tese levantada de que o inquérito não estava em sigilo, portanto, não haveria ocorrido o vazamento. Ela argumentou que "o inquérito policial, ao contrário do processo judicial, possui como regra o sigilo, conforme doutrina majoritária, posicionamento dos tribunais (Inclusivo simula 14 do STF) e diante do artigo 2º do Código de Processo Penal".

Além desta apuração sobre o vazamento de informações, Bolsonaro é alvo de outros cinco inquéritos, incluindo o do suposto interferência no comando da PF, suspeita levantada pelo ministro do Supremo Sergio Moro, um dos pré-candidatos à Presidência.

A polícia também concluiu um outro e o isentou de prestação a alvará de registro de preparação no caso da compra da vacina Covax, o que ainda não encerra o caso.

A ministra Rosa Weber, relatora do inquérito, não manifestou, mandou o caso para que a PGR se manifeste.

A hipótese mais provável é que a PGR defenda o arquivamento. Outra possibilidade seria a realização de novas diligências ou a apresentação de denúncia ao PGR. Para o processo criminalmente o pretender que deve ser admitida para que autorizar.

# STF mantém restrição a propaganda eleitoral em jornais e na internet

Marcelo Rocha

BRÁSILIA O STF (Supremo Tribunal Federal) decidiu manter as restrições impostas à propaganda eleitoral em jornais impressos e na internet.

Parte do pacote de ações em análise corre a corte e que poderia afetar as eleições de outubro, o tema discutido no plenário do STF é provocado um longo debate. Iniciado na semana passada, o julgamento foi concluído nesta quinta-feira (17).

Foram 6 votos a contra o arrendamento das regras relativas à publicidade de candidaturas em meios impressos e na internet. Um dos ministros votou para atender ao

pedido parcialmente.

A maioria dos ministros entendeu que as limitações em não ferem princípios de isonomia, da livre concorrência, das liberdades de expressão, imprensa e informação.

Alguns dos magistrados afirmaram que a desregulamentação do tema embute o risco de proliferação de plataformas que se apresentam como empresas de comunicação e atuam, na verdade, para agravamento do ambiente de desinformação na internet.

Autora da ADI (ação direta de inconstitucionalidade), a ANJ (Associação Nacional dos Jornais) argumentou que a restrição à publicidade emve-

culos impressos é desproporcional, inadequada e não atinge seus objetivos. Disse também que as restrições abrem mais espaço para as fake news.

De acordo com a Lei das Eleições, a propaganda em meios de comunicação impressos se restringe a dez anúncios por candidato, por veículo e em datas diversas, entre outras restrições.

Quanto à internet, a lei vedou a veiculação de propaganda eleitoral paga, admitindo somente o impulsionamento de conteúdo devidamente identificado. Há impedimento também a uma empresa qualquer difunda propaganda eleitoral em site próprio.

Para o vice-procurador-geral da República, Humberto Jacques de Medeiros, não é possível alterar regras antigas e consolidadas sobre propaganda eleitoral há menos de um ano do pleito. Ele afirmou que as restrições são uma opção legítima do legislador e que qualquer mudança deve ocorrer pela via legislativa.

Relator da ADI, o presidente do STF, ministro Luiz Fux, opinou pela procedência do pedido por entender que as restrições legais violam os princípios de conteúdo eleitoral e a liberdade de expressão.

Fux disse que a legislação contém expressiva diferença de tratamento. Para ele, a vedação da propaganda paga na internet causa desequilíbrio injustificado entre as diferentes plataformas de comunicação.

O presidente da corte afirmou que o impulsionamento de conteúdo eleitoral remunerado autorizado pela lei beneficia empresas gestoras de redes sociais. Por outro lado, ficam prejudicadas as empresas jornalísticas, proibidas de se financiarem com a propaganda eleitoral na internet.

O voto de Fux foi acompanhado pelos ministros Edson Fachin, Luiz Roberto Barroso e Cármen Lúcia.

Autor de voto pela improcedência do pedido, Kassio Nunes Marques afirmou que a

propaganda eleitoral "não se presta a alvará de registro".

"Trata-se de uma opção política do legislador sobre onde e como devem ser gastos os recursos provenientes do recurso eleitoral", disse, destacando que apenas o Legislativo pode alterar as restrições.

Os ministros Alexandre de Moraes, Rosa Weber, Dias Toffi, Ricardo Lewandowski e Gilmar Mendes se alinharam ao entendimento de Kassio.

André Mendonça atendeu em parte o pedido da ANJ, por entender que deve ser admitida a propaganda paga em sites de jornais. No entanto, as limitações para jornais impressos devem prosseguir.

propaganda eleitoral "não se presta a alvará de registro".

"Trata-se de uma opção política do legislador sobre onde e como devem ser gastos os recursos provenientes do recurso eleitoral", disse, destacando que apenas o Legislativo pode alterar as restrições.

Os ministros Alexandre de Moraes, Rosa Weber, Dias Toffi, Ricardo Lewandowski e Gilmar Mendes se alinharam ao entendimento de Kassio.

André Mendonça atendeu em parte o pedido da ANJ, por entender que deve ser admitida a propaganda paga em sites de jornais. No entanto, as limitações para jornais impressos devem prosseguir.





Funcionários da recém-criada Justiça Eleitoral trabalham no alistamento de eleitores para o pleito de 1933. Arquivo Nacional

# Justiça Eleitoral faz 90 anos sob ataques mentirosos

Decreto de Vargas criou órgão em reforma feita após a Revolução de 1930

Renata Galf

SÃO PAULO Ao atingir seus 90 anos, a Justiça Eleitoral brasileira se encontra em uma situação inédita em sua história.

Ao longo de seu governo, e mesmo antes, durante a campanha à Presidência, Jair Bolsonaro (PL) escolheu a urna eletrônica e parte dos ministros do TSE (Tribunal Superior Eleitoral) como alvos.

Sem apresentar nenhuma evidência que dê subsistência ao que seria uma grave denúncia, o presidente afirma que houve fraude no pleito de 2018 e que ele teria sido eleito ainda no primeiro turno. Publicado em fevereiro de 1930, o decreto de Getúlio Vargas que criou a Justiça Eleitoral estava inserido em uma campanha pela moralização das eleições e fim das fraudes generalizadas, bandeira empunhada pela Revolução de 1930, que depois o presidente anterior Washington Luís.

O estabelecimento de um órgão judicial independente e especializado para, entre outras tarefas, administrar as eleições, fazer a apuração dos votos e reconhecer os eleitos fazia parte de um pacote amplo de reformas instituídas pelo primeiro Código Eleitoral brasileiro, que também implementou o voto secreto e o voto feminino.

Apesar da importância atribuída à Justiça Eleitoral, pesquisadores que têm se debruçado sobre os primórdios dos tribunais eleitorais propõem uma leitura menos romantizada dos interesses do governo provisório de Vargas ao criar o órgão e também dos efeitos da inovação neste período.

A estrutura era bastante próxima à atual, com o Tribunal Superior Eleitoral (TSE), à época instalado no Rio de Janeiro, onde estava a capital federal, bem como com os Tribunais Regionais (TRs) nos estados e os Juízes Eleitorais.

"Ter instituições que garantam a verdade eleitoral passou a ser uma preocupação bem importante das democracias eleitorais ao longo do século 20", afirma o cientista político e professor da UFABC (Universidade Federal do ABC) Vítor Emanuel Marchetti, que estuda modelos de governança eleitoral.

Verdade eleitoral, explica ele, é garantia de que o resultado eleitoral reflita a vontade



do eleitorado, algo que era inexistente na dinâmica da Primeira República (1889-1930). Uma declaração do político e advogado gaúcho Ismaim Francisco de Assis Brasil, em manifesto antes de Vargas assumir o poder, dá o tom das críticas que eram feitas pela oposição às eleições.

"Ninguém tem certeza de ser alistado eleitor; ninguém tem certeza de votar, se porventura for alistado; ninguém tem certeza de que lhe contem o voto, se porventura votou; ninguém tem certeza de que esse voto, mesmo depois de contado, seja respeitado", disse.

Assis Brasil foi um dos integrantes da comissão nomeada por Vargas, em 1931, responsável pela reforma eleitoral. À época, a proposta da Justiça Eleitoral teve inspiração no modelo uruguaio.

"Degolou" eleições bico de pena" são algumas das práticas que remetem ao histórico



No alto, primeira sede do Tribunal Superior de Justiça Eleitoral, no Rio de Janeiro; acima, funcionários na secretaria do TRE-PR em 1933

Com frequência a gente tem uma visão sobre a história muito mais centrada nos partidos políticos, no Executivo, e não se dá a devida importância à Justiça Eleitoral

Maria Tereza Sadek, cientista política e professora da USP

Ter instituições que garantam a verdade eleitoral passou a ser uma preocupação bem importante de todas as democracias eleitorais ao longo do século 20

Vítor Emanuel Marchetti, cientista político e professor da UFABC (Universidade Federal do ABC)

de fraudes do período.

Na primeira, candidatos de oposição que tivessem sido eleitos eram impedidos de tomar posse. Isso porque o reconhecimento e diplomação dos eleitos ficava a cargo de uma comissão do Congresso, este de maioria governista.

Já a segunda expressão se refere aos resultados lavrados em atas, não conforme o voto dos eleitores, mas de acordo com a pena dos mensúrios, definidos de acordo com o poder local.

Ajustificativa por trás da criação de um órgão separado do Legislativo e do Executivo era blindar o processo eleitoral de interferência, enquanto magistrados seriam vistos como figuras imparciais.

De acordo com a professora e pesquisadora do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da FGV Jacqueline Zullini, contudo, é um equívoco considerar que o estabelecimento da Justiça Eleitoral tenha tido um impacto imediato sobre as disputas políticas durante a Era Vargas.

"Dados preliminares mostram que os tribunais eleitorais aparentemente não afetaram a formação independente quanto se supõe", afirma.

Ao analisar denúncias das eleições da época, Zullini aponta que são identificadas diversas alegações de fraude apresentadas por candidatos e partidos afirmando que juízes eleitorais atuaram de forma partidária, beneficiando candidatos governistas.

"Há evidências de que o próprio TSE foi atravessado pelo governo provisório que, no exercício do poder disciplinar, tomou decisões fora da sua alçada, desrespeitando a zona de prerrogativas da Justiça Eleitoral".

Entre os episódios elencados por Zullini estão decretos definindo o prazo para denunciação das zonas eleitorais e alteração das regras para alistamento para facilitar o alistamento de sindicalizados reconhecidos pelo governo.

Desde a deposição do governo anterior, em 1930, o Legislativo estava dissolvido e o governo provisório atuava por meio do poder disciplinar.

Além da interferência por meio de normas, Zullini ressalta que, apesar de o Código Eleitoral ter previsto a realização de concurso público, para garantir a independência dos servidores da Justiça Eleitoral, na prática, funcionários públicos do judiciário acabaram sendo empregados.

Tal conduta gerou críticas nos jornais à época, que insistiam na influência dos interventores estaduais — nomeados por Vargas — na definição das indicações aos tribunais.

À avaliação da pesquisadora, as mudanças de segmento às reformas eleitorais como um modo de legitimar seu governo, especialmente por ter defendido tais bandeiras antes de tomar o poder. Contudo, ao efetivar as mudanças, buscou condicioná-las aos interesses do governo.

"É importante que novas pesquisas resgatem os termos da instalação e funcionamento dos tribunais eleitorais em seus primeiros anos no Brasil sem desconsiderar os desafios da época", afirma Zullini.

Após seu nascimento, a Justiça Eleitoral teve inicialmente uma breve existência. Extinta em 1937, ela só voltaria em 1945. Isso porque, ao longo da ditadura do Estado Novo, implantada por Vargas, permaneceram suspensas as eleições, os partidos, a Justiça Eleitoral e a Constituição recém-aprovada pela Assembleia foi substituída.

A cientista política e professora da USP Maria Tereza Sadek considera que a criação da Justiça Eleitoral foi um ponto de inflexão na história brasileira. "Com frequência a gente tem uma visão sobre a nossa história muito mais centrada nos partidos políticos, no Executivo, e não se dá a devida importância à Justiça Eleitoral", afirma Sadek.

Autora do livro "A Justiça Eleitoral e a Consolidação da Democracia no Brasil", ela avalia que o órgão teve papel decisivo na transição democrática e no fim da ditadura militar.

"Teve papel absolutamente decisivo para o fim do regime militar, do regime autoritário, do regime que cercava liberdades. Foi graças à Justiça Eleitoral que Tancredino Neves foi eleito", diz.

"Do meu ponto de vista foi uma virada importantíssima na história política do Brasil".

"Sem a Justiça Eleitoral, a questão da fidelidade partidária teria sido impositiva, no Colégio Eleitoral, teria sido eleito o candidato do regime".

A vitória de Tancredino Neves (PMDB) para a Presidência, em janeiro de 1985, e que marcou o fim da ditadura, envolveu uma consulta ao TSE.

À época, Maluf, então candidato pelo PSD, se recusou a aceitar a vitória de Tancredino da Alana — tentou evitar, com base na regra da fidelidade partidária, que os dissidentes de seu partido pudessem votar em um candidato contrário.

Por unanimidade, o TSE decidiu que, como eleitores no colégio eleitoral, os deputados tinham liberdade de manifestar seu voto, independentemente do princípio de fidelidade partidária. Na votação, o PSD rachou ao meio: 174 pedessistas votaram em Maluf, e 466 em Tancredino, não se estendendo o princípio de fidelidade partidária.

Sadek destaca que, mesmo durante o período da ditadura militar (1964-1985), a Justiça Eleitoral manteve-se atuando e garantindo a posse dos congressistas opositores.

Apesar de hoje a principal causa de tensão do TSE com outros Poderes estar em seus ataques de Bolsonaro às urnas eletrônicas, outra fonte de conflito constante está na seara legislativa.

Prova disso são as investidas do Congresso para tentar limitar o poder de editar normas dos tribunais eleitorais, como a proposta de alterar o novo Código Eleitoral — aprovada na Câmara dos Deputados no ano passado e em tramitação no Senado — de que congressistas possam sustar resultados do TSE.

Também em 2011, durante o governo petista, partidos da base de apoio ao governo estudavam maneiras de limitar o poder da Justiça Eleitoral ao editar normas.

De modo geral, um dos princípios do judiciário é o da imparcialidade, ou seja, um juiz não age por iniciativa própria, mas só quando há provocação de uma das partes interessadas.

A Justiça Eleitoral, entretanto, não segue a regra. Isso porque, além da atuação jurisdicional, em que julga causas, como registro e cassação de mandatos, ela também tem uma função administrativa (organização das eleições), além do normativo e consultivo.

De acordo com Marchetti (UFABC), a fusão da função administrativa e normativa em um mesmo órgão também é vista em outros países, ele critica contudo a forma como a Justiça Eleitoral utiliza as resoluções da Comissão de Regra. Isso porque, além da atuação jurisdicional, em que julga causas, como registro e cassação de mandatos, ela também tem uma função administrativa (organização das eleições), além do normativo e consultivo.

De acordo com Marchetti (UFABC), a fusão da função administrativa e normativa em um mesmo órgão também é vista em outros países, ele critica contudo a forma como a Justiça Eleitoral utiliza as resoluções da Comissão de Regra. Isso porque, além da atuação jurisdicional, em que julga causas, como registro e cassação de mandatos, ela também tem uma função administrativa (organização das eleições), além do normativo e consultivo.

Marchetti avalia que a força institucional do TSE é a força para dar suporte à regra. Isso porque, além da atuação jurisdicional, em que julga causas, como registro e cassação de mandatos, ela também tem uma função administrativa (organização das eleições), além do normativo e consultivo.

"Isso que, ao mesmo tempo, garante essa força [normativa] do TSE e é o que garante também o TSE se blindar de pressões políticas, como a que tem acontecido com o debate sobre a possibilidade de fraudes nas urnas", pondera.

"É paradoxal. De onde vem a força para dar suporte à regra é de onde também vem a força para que ela produza interferências desmedidas no jogo político".



# **mundob**

# **Ataques na Ucrânia, ameaça russa e novo alerta dos EUA escalam crise**

Bombardeio no leste do país levou Ocidente a acusar Rússia de tentar pretexto para invasão

Igor Gielow

**MOSCÚ** Enquanto a guerra de versões sobre o que está acontecendo em torno da Ucrânia se agravou com ataques reais no leste do país, a disputa diplomática entre Rússia e os Estados Unidos escalou nesta quinta-feira (17), depois de dias de sinalização de Moscou em favor de negociações.

O dia começou sob a sombra de bombardeios ocorridos na chamada linha de contato, fronteira informal de 430 km que separa as áreas rebeldes pró-Rússia do resto da Ucrânia desde 2014. Ambos os lados se acusaram.

Depois, o governo de Vladimir Putin respondeu, após três semanas, à rejeição dos EUA ao pacote de demandas do russo para estabilizar a segurança no Leste Europeu. A carta afirma que a posição significa que Moscou "pode tomar medidas técnicas militares" para defender seus interesses.

O jargão sobre não uma invasão russa da Ucrânia, que o presidente Joe Biden disse pela primeira vez nesta quinta-feira, que pode ocorrer "nos próximos dias", mas sim ações que serão vistas como agressivas pela Otan (aliança militar ocidental).

A tensão foi reforçada pela expulsão pela Rússia do número da embaixada dos EUA em Moscou. Bart Gorman, os americanos disseram não haver motivo, e os russos falaram de uma retaliação proporcional, mas não deram maiores detalhes sobre o caso.

Para adicionar mais drama ao roteiro, o secretário de Estado dos EUA, Antony Blinken, decidiu se dirigir ao Conselho de Segurança das Nações Unidas para dizer que estava "lá não para começar uma guerra, mas para evitar uma".

Nas TVs russas, estatistas e alinhadas com o Kremlin, ele já vem sendo comparado ao recentemente falecido Colin Powell, seu antecessor, que passou vergonha ao justificar, no mesmo fórum, a invasão do Iraque pelos EUA em 2003 com argumentos falsos.

Se não chega a isso, Blinken chegou a citar no elenco de ações provocativas que acusou a Rússia de preparar um ataque com armas químicas — exatamente o ponto de Powell contra Saddam Hussein 19 fevereiro atrás.

O secretário basicamente repetiu as falas do chefe e de si próprio nas últimas semanas, levando ao risco da autopreservação, já houve datas (16, 25 de fevereiro, agora depois) para a invasão. Ele entregou a sua tática caso de fato não creia numa ação de Putin. "Estamos contendo o que sabemos. Se a Rússia não invadir, ficaremos aliviados".

São sinais contrários ao espírito da semana até aqui. Putin, seguindo o caminho de discursos militares, que segundo o Ocidente já somam 150 mil soldados em diversas posições em toda a Ucrânia. Na terça (16), o russo anunciou uma retirada de parte das suas forças e repetiu o anúncio nesta quarta e nesta quinta.

Não convenceu a Otan: o secretário de Defesa dos EUA, Lloyd Austin, disse que há preparações claras para um conflito, e o chefe da aliança, Jens Stoltenberg, voltou a falar em aumento de tropas russas.

Vladimir Putin havia usado a crise ucraniana para tentar estabelecer o status de segurança em todo o Leste Europeu, lançando as demandas para o fim da expansão da Otan (aliança militar ocidental), entre outros pontos. Isso implica impedir a Ucrânia e outros países, como Geórgia e Moldova, de aderir ao clube e também à União Europeia, na prática, evitando assim a existência de regimes pró-Ocidente capazes de inspirar a oposição em seu país.

Os russos insistem em que estão saindo, divulgando diariamente vídeos de movimentos de tropas. Mas na quinta Biden e Blinken disseram que nada disso foi verificado.

Em Moscou, o Ministério das Relações Exteriores repeliu a desconfiança. "O que o senhor Stoltenberg tiver a dizer não nos interessa mais", afirmou a porta-voz Maria Zakharova sobre o secretário-geral da aliança militar.

Nas TVs e redes russas e ocidentais, abundam as imagens do posicionamento de tropas americanas na Polónia, exercícios militares russos e a tal retirada de Putin.

Cada lado conta uma história diferente em narrativa e tom, verdadeira ou mentirosa ao gosto da cacofonia informativa em que vivemos.

É nesse contexto de acusações cruzadas que está a renovada atividade na chamada linha de contato. Sempre houve esse tipo de escaramuças, mas o "timing" é preocupante. Já morreram no conflito mais de 14 mil pessoas.

Países da Otan e a Ucrânia têm repetido o temor de que Putin lance uma operação de "bandeira falsa", ou seja, monte um ataque contra suas próprias forças para justificar uma invasão. Ocorre isso, tecnicamente, os rebeldes pró-Rússia não são aliados formais de Moscou, apesar de serem apoiados por ela. Já entra a nova carta insinuada pelo russo no conflito, que é o pedido de reconhecimento das duas áreas feito de modo combinado com a Duma, a Câmara dos Deputados.

“A informação é validada pelo que nós estamos vendo à luz do dia por meses. Queremos influenciar a Rússia a abandonar o caminho da guerra. Eu estou aqui não para começar uma guerra, mas para evitar uma

Antony Blinken  
Secretário de Estado dos EUA

Se fizer isso, Putin poderá socorrer um novo aliado, a pedidos, por assim dizer.

Essa é a acusação ucraniana e ocidental, repetida na quinta pelo Reino Unido. Mas há um óbice importante: se fizer isso e quiser continuar no jogo de provocação controlada do Ocidente, Putin perderá um ativo importante, que é a posição de fiador dos chamados Acordos de Minsk.

Assinados em 2014 e 2015, eles seguram o precário cessar-fogo no Donbass (leste ucraniano), e estabelecem um mapa para a acomodação do país, garantindo autonomia para os rebeldes, federalizando a Ucrânia.

Para Putin, em tese isso resolveria seu problema de vizinhança na Otan, pois os separatistas teriam voz e não permitiriam a adesão ao clube.

Se reconhecer as repúblicas e, pior, colocar tropas russas em massa nelas, deixará de ser um jogo de propositos. Isso uma semana depois de obter o apoio da França, que considera Minsk a base de negociação.

Há outras questões. Os rebeldes querem a totalização das antigas províncias de Lugansk e Donetsk para si — hoje ocupam algo como metade delas. Putin ajudaria a viver a unidade da oposição, de fato, ao fim absorvendo as áreas como fez com a Crimeia?

Georgi Tchiiov, do Centro de Reforma e Assistência de Kiev, afirma, por mensagem que não faria sentido político, até pelo contexto diferente daquele da crise de 2014.

Ali, Putin respondeu instintivamente à derrubada do governo aliado em Kiev para breca a ocidentalização do país. Agora, ele tem a iniciativa.

Mais que isso, ele aponta para o fato de que o custo de uma reconstrução, estimado pelo seu centro em US\$ 20 bilhões, é impagável para a Rússia. A anexação da Crimeia custou estimados US\$ 5 bilhões e é uma dor de cabeça econômica até hoje para o Kremlin.

Outro fator que pesa é a opinião pública. Ao longo dos anos, as sondagens do Centro Levada, o instituto independente mais respeitado da Rússia, indicam que apenas um quarto dos russos concorda com a ideia de trazer os separatistas para a pátria-mãe. E se Putin é sensível à dor, é justamente a poucos.

Na Rússia, as pesquisas acreditam que Putin esteja fazendo mais do que pressão, manipulando o que chama de histeria ocidental para pressionar Kiev a ceder em alguns pontos que lhe interessam. Em resumo, o padrão de agravamento e intensificação de se estender por meses. Mas os riscos, dor, existem, em especial no Donbass.

Em resumo, o padrão de agravamento e intensificação de se estender por meses. Mas os riscos, dor, existem, em especial no Donbass.

De todo modo, as atitudes de mísseis portando ogivas nucleares para regiões russas mais próximas da Europa ou para Belarus, por exemplo. Ou ainda a manutenção permanente de algumas das forças ora deslocadas na atual mobilização de Putin.

Mais cuidado seria algum tipo de refretos militares, como Venezuela ou Cuba, com a Rússia não descartou. Na quarta, o ditador Nicolás Maduro havia dito que pretende expandir sua cooperação militar com Moscou. Isso provocaria Washington, mas traria a crise para o lado do Brasil.



Em Budapeste, o presidente Jair Bolsonaro discursa ao lado do premiê húngaro Viktor Orbán, a quem chamou de 'irmão das as afinidades'

Alan Santos/Divulgação Presidência

# **Com 'irmão' Orbán, Bolsonaro usa lema fascista e repete fake**

**MOSCÚ** Em discurso durante sua viagem improvisada à Hungria, o presidente Jair Bolsonaro (PL) exibiu as credenciais que o colocam como o homem da direita populista no espectro da direita nacionalista mundial.

Chamou durante declaração à imprensa o premiê Viktor Orbán, o homem forte do país desde 2010, de "meu irmão das afinidades", e celebrou "valores que nós representamos, que podem ser resumidos em dois pontos: Deus, Família, Pátria e Liberdade".

Não é a primeira vez que ele usa o mote fascista italiano — mas a adição da "liberdade" foi adotado por fascistas brasileiros da Ação Integralista de 1933 a 1974 por Antônio de Oliveira Salazar em Portugal.

Bolsonaro ainda chamou, não muito diplomaticamente, o país de cerca de 10 milhões de habitantes de "pequeno grande irmão" do Brasil.

Na terça (16), o russo anunciou uma mentira sugerida por ele e replicada nas redes bolsonaristas, de uso de vídeo falso, de que ele teria inventado, dizendo: "Disculamos a possibilidade ou não de uma guerra entre a Rússia e a Ucrânia. Por coincidência, quando estávamos em voz, houve o anúncio".

Até aí, correto. Mas Bolsonaro completou: "Sendo coincidência ou não, a guerra não interessa a ninguém".

Não há nenhuma relação causal entre a decisão russa e a chegada, horas depois, do presidente brasileiro a Moscou.

Orbán tocou música para Bolsonaro ao dizer que cristãos têm a religião mais perseguida do mundo, algo que o brasileiro já disse até na ONU. Ele afirmou que haverá em seu país uma "eleição para proteger as crianças", em referência ao plebiscito sobre leis anti-LGBTQIUA+ que ocorreu em paralelo ao pleito.

Também pediu a de imigração mais severa, sua marca registrada. E afirmou que ele e Bolsonaro "concordam que a migração é um fenômeno negativo" — o Brasil lida com grande influxo de refugiados da Venezuela e de países que enfrentam conflitos, na África e no Oriente Médio.

Ao fim, abraçaram-se. Orbán com uma gravata laranja, cor de seu partido. O primeiro-ministro húngaro enfrentará duras eleições em abril, e seu time tem tentado atrair líderes do mesmo dispaís ideológico para buscar magnetizar seu eleitorado mais raiz — não muito diferente das ações de Bolsonaro quando adota discursos radicais.

O sonho de consumo da turma é Donald Trump em um evento conservador em março, mas o ex-presidente americano ainda não topou. Orbán é um líder que se notabilizou por uma metamorfose no poder, deixando a sua origem mais liberal e anti-Rússia progressivamente rumo ao que ele mesmo chama de "democracia liberal".

É fustigado nos fóruns europeus por suas políticas contra imigrantes e a população LGBTQIUA+. Mas a Hungria ainda tem vitalidade para apresentar um desafio a seu poder, ao fim absorvendo as áreas como fez com a Crimeia?

Orbán é personagem constante da sua mais ideológica do bolsonarismo, como o filho presidencialismo de E. J. É ele quem se tornou, em 2019, e mantém a interlocução por meio da rede organizada pelo ex-assessor da Casa Branca Steve Bannon. Do ponto de vista prático, a viagem de Bolsonaro à Hungria registrou apenas a assinatura de três memorandos, inclusive na área de defesa.

Budapeste virou cliente da Embraer, de quem está comprando dois cargueiros KC-390 por US\$ 300 milhões. Na Rússia, houve apenas um memorando, embora o acordo seja régua para medir sucesso de viagens internacionais.

A parada foi improvisada há pouco mais de um mês, sendo o primeiro encontro de Bolsonaro com o presidente János Áder, figura decorativa, Orbán, depois a uma visita à Assembleia Nacional do país. Áder fez algumas perguntas acerca da política ambiental, e o brasileiro voltou a falar que os dados no exterior expandiram sua cooperação de todas as indagações de monitoramento objetivos apontaram o avanço do desmatamento, o país protege a Amazônia. 16



# Pequim de olho em Kiev

Há um teto para as promessas de parceria sem limites entre Xi Jinping e Putin

**Tatiana Prazeres**

Analista internacional, foi secretária de comércio exterior e trabalhou na China de 2013 a 2021

A promessa de "uma amizade sem limites" chamou a atenção no encontro entre Xi Jinping e Vladimir Putin neste mês. Uma eventual invasão da Ucrânia pela Rússia pode ser um grande teste para as juras de camaradagem entre Pequim e Moscou. Para o Kremlin, os primeiros sinais são promissores. Pela primeira vez a China se opôs formalmente à ampliação da Otan, o que consta da declaração conjunta recém-adotada entre os dois líderes. Autoridades chinesas têm dito que a segurança de um pa-

ís não pode ser construída às custas da insegurança de outro. Ou seja, rechaça a ideia de que a segurança da Ucrânia seja viabilizada pela expansão da Otan, porque isso implicaria levar insegurança às barbas da Rússia. No entanto, na declaração conjunta de mais de 2.000 palavras não consta "Ucrânia".

Ao especular sobre o que a China faria no caso de uma invasão em 2022, vale lembrar o que ocorreu em 2014, quando a Rússia anexou parte da Crimeia. Pequim não condenou Mos-

cou, nem reconhece formalmente a ocupação da região. Absterve-se quando o tema foi levado ao Conselho de Segurança da ONU.

Quando EUA e União Europeia impuseram sanções contra a Rússia pela anexação, Pequim foi a bola salva-vidas de que Moscou precisava. Financiamento e comércio com a China ajudaram a amortecer o impacto das restrições europeias e americanas. Com isso, um dos efeitos colaterais das sanções foi aproximar os dois países. Apesar de não se beneficiar de uma eventual confrontação

militar, Pequim pode colher frutos das tensões em curso. Em primeiro lugar, elas tiram o foco de Joe Biden precisa para lidar com a ascensão chinesa — o que, segundo o establishment americano, é a real ameaça para os EUA.

Além disso, com poucos amigos, a Rússia precisa ainda mais dos vizinhos ao sul — inclusive para garantir que consegue monetizar suas reservas de gás. E Pequim agradece, seu problema de segurança energética é sério. Não custa lembrar que semanas depois da

anexação da Crimeia, China e Rússia assinaram um acordo de 30 anos para suprimento de gás, envolvendo US\$ 40 bilhões. Agora, com as tensões na Europa crescentes, houve mais entendimentos em matéria energética entre Xi e Putin.

Há muito mais para Pequim al: muitos analistas compa-ram a situação da Ucrânia e da Rússia. O argumento é de que a falta de determinação dos EUA em defender a Ucrânia de uma possível invasão russa seria um sinal de que, em caso de um ataque de Pequim a Taiwan, o mesmo ocorreria.

A China tem interesse em alimentar dúvidas sobre a credibilidade das promessas americanas na área de segurança. A máquina de propaganda chinesa fez exatamente isso quando os EUA deixaram aliados afogados a ver navios — ou a ver a aeronave da Força Aérea americana decolar das

pressas do aeroporto de Cabul.

A analogia Ucrânia-Taiwan tem suas limitações e, em essência, o futuro de Taipé não depende de como EUA respondam a uma invasão da Ucrânia. Mas a China se beneficia da insegurança gerada na ilha. A líder de Taiwan, não por acaso, criou um grupo estratégico de monitoramento da crise na Ucrânia.

Não surpreenderia que, no caso de ocorrer uma nova invasão da Ucrânia, houvesse a ausência de oposição — ou um apelo silencioso — por parte da China. Possivelmente, Pequim ajudaria a diminuir o peso das sanções culturais dos EUA e a Otan por não levarem em conta as preocupações de segurança de Moscou.

Mas daí a endossar uma invasão seria pedir demais da amizade com os chineses. Há sim um teto para as promessas de parceria sem limites.

| **sec.** Mathias Alencastro | **ju.** Lúcia Guimarães | **sex.** Tatiana Prazeres | **são.** Jaime Spitzkovsky

# Taiwan se vê na crise europeia, mas quadro com China é outro

Peso econômico e importância para os EUA tornam ação militar mais custosa

**Thiago Amâncio**

**SÃO PAULO** Enquanto os Estados Unidos repetiam no último fim de semana que uma invasão da Ucrânia por parte da Rússia poderia acontecer "a qualquer momento", a professora de mandarim Min Lee, 30, foi ao Twitter desabafar. "As situações na Ucrânia e em Taiwan são muito parecidas. A única diferença é que Taiwan pelo menos está cercada pelo mar...", escreveu, ensanjando um pequeno debate entre seus amigos sobre a segurança da ilha. A Folha, a taiwanesa, que hoje vive na Tailândia, reitera: "Quando vejo as notícias da Ucrânia, fico com medo, porque a atitude da Rússia é similar à da China".

Afinal, nos dois casos, países

gigantes ameaçam seus pequenos vizinhos, os quais esperam ajuda de potências ocidentais — sobretudo dos EUA — para defende-los da guerra.

Mas as semelhanças não vão muito além, segundo analistas, que defendem que Taiwan tem importância estratégica maior que a Ucrânia e que, assim, um conflito militar na região precisa ser muito mais calculado. A questão taiwanesa remonta a 1949, quando o Partido Comunista tomou o poder da China continental, e os nacionalistas do Kuomintang, partido derrotado, fugiram para a ilha. O conflito até hoje nunca foi resolvido, e Taiwan se designa oficialmente como República da China — em oposição ao território continental da República Popular da China.

Com o passar das décadas cresceu um sentimento nacionalista, e hoje 75% dos taiwaneses dizem considerar o país independente, segundo a Pesquisa de Segurança Nacional da Ucrânia. Ainda que isso ocorra na prática — há eleições livres, moeda própria e uma Constituição —, a ilha não tem assento na ONU e é considerada pela China uma província rebelde a ser reunificada.

Como a Rússia posicionou mais de 100 mil soldados na fronteira com a Ucrânia, a China tem feito várias incursões com sua Força Aérea no espaço aéreo taiwanês, e foi numa dessas ocasiões, no fim de janeiro, que a própria presidente abordou a questão ucraniana. "Taiwan temarcado ameaças militares e intimidação

pela China há muito tempo. Por isso, manifestamos apoio com a Ucrânia e apoiamos os esforços de todos os lados para manter a segurança regional", declarou Tsai Ing-ven.

Nesta semana, a Presidência voltou ao assunto, ao anunciar que monitorava de perto a crise na Europa. "Todas as unidades militares continuam a observar atentamente a situação na Ucrânia e os movimentos no estreito de Taiwan [que separa a ilha da China] continuam a fortalecer a inteligência e o monitoramento e, gradualmente, aumentam o nível de preparo para combater em resposta a vários sinais e ameaças", afirmou o governo.

Acompanhagou outra dimensão, também, quando o presidente da Rússia, Vladimir Putin, se encontrou com o líder chinês Xi Jinping no começo do mês, em Pequim, e obteve apoio em seus esforços para manter a segurança da Ucrânia militar ocidental distante da zona de influência russa.

O que interessa ao planeta, porém, não é exatamente a segurança da Ucrânia ou de Taiwan, mas o que ponto de vista vai para defender esses países contra dois de seus grandes adversários geopolíticos, na avaliação de Chang Bi-yu, professora de direito de Estados Taiwanenses da Universidade de Londres. "Como o Ocidente lida com a questão da Ucrânia vai refletir em como vai lidar com Taiwan, caso haja uma invasão chinesa".

Para ela, as semelhanças entre as situações são poucas. Uma das principais diferenças é a própria natureza do conflito. A Rússia não ameaça anexar a Ucrânia, como fez com a Crimeia em 2014, mas reagir a um avanço da Otan em seu território. Já a China reclama de uma soberania sobre Taiwan.

Além disso, o poderio econômico (o PIB de Taiwan é quase cinco vezes maior que o ucraniano, mesmo com metade da população) e o tecnológico (lá se produzem mais da metade dos semicondutores do mundo, essenciais na indústria de eletrônicos) da ilha servem como uma espécie de amortecedor, que freia impulsos militares mais agressivos. "Soma-se ainda o fato de a ilha estar em uma área de segurança para o Japão e dentro de uma zona estratégica essencial para os EUA no Pacífico, o que ensea reações rápidas. "A tensão militar existe há mais de 70 anos", diz Chang. "Os taiwaneses estão preocupados, sempre estiveram, mas precisam tomar a vida, na medida do possível. Não estão com medo [de uma ação agora]".

O empresário Hsueh, 44, ativista que vive em Nova Taipé, na região metropolitana da capital, acredita que verá a China invadir a ilha um dia. Mas se diz excecção. A percepção nas ruas, diz a Folha, é de que "o povo taiwanês não sente que um conflito real possa ocorrer em breve".

Afinal, na ilha, não há o mesmo senso de proteção, o que leva a uma falsa sensação de segurança", afirma.

# Branco e negro brigam nos EUA; polícia algema só um

**SÃO PAULO** Um vídeo que mostra policiais separando uma briga entre dois adolescentes, um negro e um branco, em um shopping dos EUA, gerou indignação devido à evidente diferença de abordagem dos agentes e reacendeu o debate acerca da violência policial e do racismo estrutural no país.

Nas imagens, dois agentes chegam logo após a briga começar. Uma policial puxa o jovem branco e o deixa sentado em um sofá; o adolescente ne-

gro é jogado no chão e contido de forma violenta por outro agente, que pressiona os joelhos sobre as costas do garoto. Os dois policiais então algemam apenas o adolescente negro, sob a mira de câmeras e olhares de outros jovens que presenciavam a abordagem.

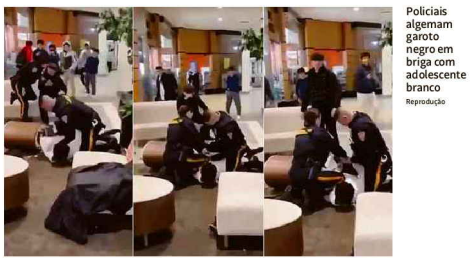
O vídeo viralizou nas redes e foi retransmitido nas principais emissoras da TV americana. A briga e a ação policial ocorreram no último sábado (12) em Bridgewater, no

estado de Nova Jersey. As imagens não mostram o motivo do embate ou o que aconteceu depois da abordagem.

A CNR, o garoto algemado, identificado só como Z'kye, 14, disse que o outro praticava bullying contra um de seus amigos. A interferência de Z'kye teria dado início à briga.

O advogado Ben Crump, que defende na Justiça a família de George Floyd, vai representar a do menino negro. Segundo Crump, a polícia não deu explicações sobre os motivos da diferença de abordagem.

"Por que o garoto negro é considerado culpado e o branco, inocente?", questionou.



**Policiais algemam garoto negro em briga com adolescente branco**  
Reprodução

# TODA MÍDIA

**Nelson de Sá**

nelson.sagroupfolha.com.br

**'MATARAM 'RUSSA KAMILA'**  
Mas manchetes russas, nada de guerra: O assassinato de Valeria, no Moskvskij Kosmoslets, e 'Mataram nossa Kamilu' no Argumtyi i Falty (sic), outros duas patinadoras russas levaram ouro e prata, mas a jovem de 15 anos desabou sob a acusação de doping e fez até o narrador da ABC chorar

# «Убили нашу Камилу»



# No exterior, volta a soar alarme por crise ambiental no Brasil

A tragédia em Petrópolis é noticiada amplamente pelo mundo, com as imagens ocupando telejornais como o da rede francesa TF1. E diferentes relatos, como aqueles do alemão Die Zeit e do New York Times, apontam que seria resultado da "crise do clima".

Que "especialistas afirmam que tais eventos climáticos extremos estão se tornando mais comuns com o aquecimento global". No caso do Brasil, acrescenta o Wall Street Journal, aconteceu em várias regiões, nos últimos meses.

Mas outra cobertura refletiu o alarme com o meio ambiente no Brasil. O alemão Süddeutsche Zeitung destacou a extensão reportagem "Brasil está ameaçado por projeto de veneno", sobre projeto em final de votação no Congresso.

No ano passado, "mais de 500 venenos agrícolas foram aprovados, mais que nunca", e o projeto, descrito em português como "pacote do veneno", "impulsionará as aprovações". "Um homem torna isso possível: Jair Bolsonaro. Ele venceu as eleições de 2018 com a

ajuda de poderosos criadores de gado e grandes latifundiários. Desde então, promoveu uma lobista agrícola a ministra da Agricultura e cortou as verbas de órgãos ambientais."

É o ministério que passaria a decidir sobre os licenciamentos, deixando as autoridades de saúde e ambientais "apenas um papel consultivo".

A pressão da cobertura em grande parte sobre duas empresas alemãs, Bayer e BASF, "que ganham dinheiro" com agrotóxico usado no Brasil e "não aprovado na Europa". O Süddeutsche alerta que "mamão, manga e muitas outras frutas do Brasil que chegam aos supermercados alemães estão contaminados".



# mercado

## Gargalos fazem indústria têxtil atar até as cores para o inverno

Pedidos que levavam cinco dias agora demoram até dois meses para serem entregues

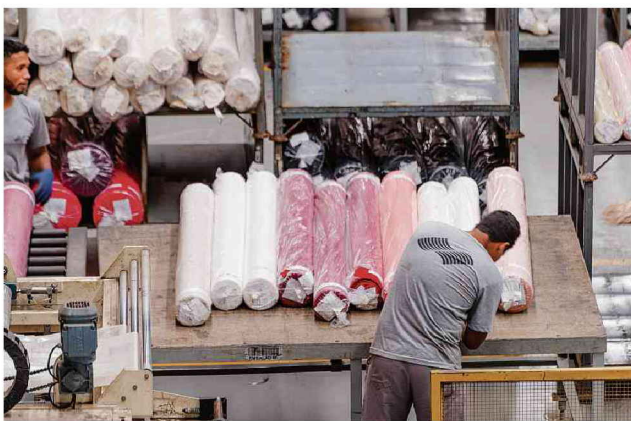
Fernanda Brigatti

**SÃO PAULO** De olho na produção de roupas para o inverno, a empresária Maria Tassiana procurou, em dezembro, um distribuidor de linhas que seriam usadas para peças de tricot. Não conseguiu comprar. Os pedidos foram encerrados em dezembro, e a distribuidora só deve reabrir a agenda em maio, praticamente inviabilizando a produção para a temporada de frio. Daí para frente, Tassiana entra em contato com o fornecedor na expectativa de notícias melhores.

"Minha produção é rápida, porque não é grande, mas, se receber em maio, vou conseguir produzir para o fim de julho. Não estou muito otimista", diz. Os planos para o inverno vão ter que mudar. As dificuldades da indústria têxtil, como em outros setores, se aprofundaram com a pandemia e persistem, afetando com mais intensidade de os pequenos, que têm menos margem para estocar tecido e ficam em desvantagem na fila dos fornecedores. Marcelo Zafrá, sócio da Volk Uniformes, diz que o planejamento de compras de tecidos virou um exercício de adivinhação da demanda. Pedidos que levavam cinco dias para serem entregues hoje podem demorar até dois meses e ficam limitados por contes de finalis pelos fornecedores.

Para evitar imprevistos, a solução foi aumentar o estoque de rolos na fábrica e administrar os custos maiores. No ano passado, os preços já foram atualizados sete vezes, duas das quais em 2022. No pré-pandemia, diz o empresário, a indústria fazia no máximo dois reajustes anuais. Outro elemento de pressão sobre a cadeia têxtil é o preço do algodão. Em 11 de fevereiro, a indústria fazia no máximo dois reajustes anuais, em 2020, estava em R\$ 2,483.

De acordo com o Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada), as cotações elevadas vêm sendo usadas por baixa oferta de produto para negociação imediata (o chamado mercado spot) e a valorização externa, que melhora as condições nas exportações. Pesquisadores disseram,



Trabalhador embalando rolos de tecido no centro de distribuição da Focus Têxtil em Vitória (ES)

Hamilton Nascimento/Olhar

### Indústria têxtil reclama de preços mais altos, falta de mercadoria e atrasos

Evolução do preço do algodão

(em US\$ dólar / libra-peso)



Elaboração Abit, a partir de dados do Cepea/Esalq e Investing.com

Evolução na diária do frete marítimo

(em milhares de US\$ dólar)



Fonte: Abit

em boletim do dia 9, que os compradores têm resistido a fechar negócios com valores maiores "diante da dificuldade no repasse dos reajustes da matéria-prima aos manufatureiros". O efeito do preço do algodão recalc também sobre as linhas. Zafrá, da Volk, diz que pagava R\$ 80 pelo cone de linha de bordado. Hoje, ele custa R\$ 200. As linhas contínuas e de pesponto (aquela que fica visível na peça) passaram de R\$ 1 por cone para R\$ 3,50. O executivo calcula que, em média, os tecidos estão 40% mais caros desde março de 2020, o que o levou a ajustar também o preço final das peças, que dobrou. "Os clientes se assustam e acham que estou aumentando o lucro ou me aproveitando", afirma.

"Até proposta aberta a gente tem tempo para negociar, na qual eu mostro todos os custos de produção para o cliente entender que minha margem não mudou". Parte dos novos problemas dessa cadeia tem também relação com as diretrizes industriais chinesas, que pegam em cheio produtos considerados poluentes. No fim de setembro, 16 fábricas de tecidos e tingimento

da região de Zhejiang, onde cerca de 30% da indústria têxtil da China funciona, foram obrigadas a pausar a produção. Segundo a agência Caixin, a ordem foi suspensa depois de alguns dias, mas a pressão por redução no consumo de energia continua. O efeito dessas medidas sobre a produção brasileira chegou por meio de tecidos sintéticos, como viscose, poliéster e elastano. O preço desse último subiu quatro vezes em um ano.

Yoni Stern, diretor executivo da Focus Têxtil, diz que as fábricas chinesas começaram a arrear, em outubro e novembro, negociações de pedidos fechados em julho e agosto e com adiantamentos já pagos. Afirmando, ele conta que, se os preços mínimos não subissem de US\$ 0,10 a US\$ 0,20, as tinturarias cancelariam as remessas. Havia ainda a pressão da tradicional paus na produção e nas negociações durante as celebrações do Ano-Novo Lunar, que comece no meio de janeiro e seguiu o início de fevereiro.

A empresa brasileira decidiu manter as compras, mesmo com um custo maior. "Essas mercadorias estão para chegar e vão chegar bem mais caras.

Vai ser difícil para o setor repassar, principalmente no mercado popular", afirma.

Para a Volk, que produz uniformes, a oferta de cores escuras praticamente sumiu, pela mesma razão. As fábricas estão com dificuldades para comprar corantes, produzidos majoritariamente na China e na Índia. No geral, diz Zafrá, faltam tecidos em preto, azul marinho e roxo, e verde-escuro.

A rotatividade de cores e tipos de tecidos não é incomum na indústria de roupas, mas o prolongamento da pandemia chegou também a itens básicos e reduziu a regularidade na oferta. Um azul disponível hoje pode sumir do estoque amanhã não voltar. O roxo em falta nesta semana pode acabar sendo diferente do que vai entrar em estoque no próximo mês.

Maria Tassiana, da Têxtil, afirma que passou a priorizar no planejamento o que os fornecedores têm para pronta entrega. "Ficamos três meses sem uma calça no estoque, porque não conseguimos comprar linho natural sem tingimento. Em cinco anos, foi a primeira vez que aconteceu".

As grandes redes não escaparam dos problemas, mas têm capacidade maior de absorção. O pool de peças e a própria rotatividade de coleções, típicas das fast fashion, amortecem mais a desmobilização.

O consumo ainda enfraquecido também ajuda a não fortalecer o estoque por parte do varejo. Edmundo Lima, diretor-executivo da Abitex (Associação Brasileira do Varejo Têxtil), diz que a desorganização tem exigido das varejistas mais planejamento. A entidade representa as principais redes, como Renner, Marisa e Pernambucanas.

"As empresas precisam fazer gestão de estoque por que isso demanda muito capital de giro e o consumidor não está respondendo", afirma. Segundo o executivo, a alta de 10% nos preços até dezembro foi o pico de elevação e não deve avançar.

"A gente sente que o consumidor não compra mais, não tem novo repasse de preços, então a cadeia vai ter que encontrar alternativas", afirma. Além dos preços de algodão, fibras sintéticas e aviamentos mais altos, o perfil do ano também é visto como desfavorável, com eleições e Copa do Mundo no fim do ano, período tradicionalmente de bons negócios para o setor.

Para Fernando Pimentel, da Abit (Associação Brasileira da Indústria Têxtil), a combinação de pressões na indústria têxtil sob risco pela impossibilidade de repassar preços. A alta do algodão fez com que o custo da fliação passasse de 20% para 30%, em média, para cerca de 70%.

## Promotora apura acusação de racismo em vitrine de loja da grife Reserva em Salvador

Franco Adailton

**SALVADOR** O Ministério Público da Bahia noticiou a Reserva de uma acusação de racismo sobre uma ação de marketing, após a marca colocar um manequim preto como se quisesse avivá-lo e entrar na loja do Shopping Bahia, em Salvador.

A grife retirou a peça em exposição na quarta (6), quando internautas passaram a acusar a marca de racismo. Dois dias após a imagem registrada por um funcionário do shopping, sob anonimato, viralizar nas redes sociais. Não é a primeira vez que a marca se vê acusada por internautas por prática de racismo. Em 2016, uma foto com manequins pretos pendurados no teto, de cabeça para baixo, no Rio do Riostul Shopping, no Rio de Janeiro, foi associada à tortura durante a escravidão. A discussão racial corre

uma semana depois de uma loja do Hangar das Artes, no aeroporto de Salvador, ser alvo de polémica ao vender sêries de cerâmica com representações de pessoas negras anunciadas como escravos.

Em nota, a Reserva diz que a vitrine com o boneco entrando pela parte de fora (o mesmo sempre usado normalmente do lado de dentro da vitrine) jamais teve como objetivo ofender qualquer pessoa ou disseminar ideias racistas e sim de somente divulgar a liquidação da marca. A Reserva disse repudiá-lo "racismo em todas as suas formas de expressão". A diversidade incluiu só valores essenciais de nossa marca.

Segundo a assessoria, o manequim só foi retirado na quarta por ter sido o dia em que a marca tomou conhecimento da repercussão e que a campanha não havia sido bem recebida. A Reserva

frisou que todos os manequins da marca são pretos. Pelo Instagram, a grife respondeu a internautas de várias partes do Brasil que a ação promocional "Loucuras da Reserva" visava divulgar a liquidação da marca, mas que não teve como objetivo ofender qualquer pessoa ou disseminar ideias racistas.

Após a exposição da ação de marketing da loja em Salvador, internautas divulgaram o post mais recente da marca, feito na terça (15), com críticas que passaram a questionar a grife sobre o que consideravam um ato de racismo. Inicialmente, a Reserva passou a responder aos questionamentos por meio de directos — mensagens privadas —, mas a cobrança passou a ser para que a grife tornasse públicas as respostas no perfil da marca, o que aconteceu. "É a Reserva, não vai se posicionar sobre sua nova vitrine

com um manequim negro entrando pelo lado da loja, como fosse roubar? Racismo! Absurdo!", questionou o perfil de Milla Chaves Quaresma.

Sem se posicionar na quarta, quando o caso ganhou repercussão, o Shopping Bahia anunciou nesta quinta (17) a criação de um Comitê de Diversidade, que deve iniciar as atividades ainda em 2022.

Entre as ações previstas, estão contratação de uma consultoria, uma cartilha de conscientização, treinamentos com orientações, debates e insights para campanhas, além de um cronograma que englobe o calendário da diversidade. O Ministério Público da Bahia informou que, como procedimento está em fase inicial, a promoção de uma responsabilidade social não é possível pelo caso, Lúvia Vaz, que atua na área de Combate ao Racismo, por enquanto, não poderia entrevistá-los.



Manequim preto simulava quebra de vitrine; Reserva diz repudiar racismo e que ação visava promover liquidação. Reprodução



# Dedução em contribuição extra de fundos de pensão de estatais vai à Justiça

Participantes de fundações de Caixa, Petrobras e Correios tentam alterar regra de cobrança de IR sobre valores destinados a cobrir morbo

Fernanda Brigatti e Nicola Pamplona

**SÃO PAULO, 18 DE JANEIRO** Obrigados a pagar contribuições extraordinárias para cobrir rombos de anos anteriores, participantes dos fundos de pensão de estatais vivem uma disputa judicial contra a Receita para tentar alterar as regras de cobrança do Imposto de Renda sobre esses valores. Trabalhadores da caixa, aposentados e pensionistas de empresas como Caixa, Petrobras e Correios tentam estender, para as contribuições extraordinárias, benefícios que os pagamentos ordinários já possuem, como isenção do imposto de Renda e a possibilidade de dedução dos valores das declarações de 2022. Eles argumentam que o tratamento diferenciado desrespeita a legislação vigente e encorajaria mais os participantes, que são obrigados a entregar parcela significativa dos salários a planos de equacionamento de déficits anteriores.

Entre os participantes do Postalis, dos Correios e de uma dedução de até 12% dos rendimentos vem sendo aplicada aos beneficiários e salários de 80 mil trabalhadores e aposentados em meados de 2022. Segundo a Adcap (Associação dos Profissionais dos Correios), autora de duas ações sobre o tema, apesar das limitações favoráveis, alguns participantes ainda cam na malha fina do IR, o que levou a associação a buscar novamente a Justiça.

Em 25 de janeiro, a juíza Líviane Kelly Soares Vasconcelos, substituída da 20ª Vara Federal do DF, determinou o cumprimento da decisão que suspende os descontos de fim de mês a Receita, representada pela União no processo, só poderá exigir a apresentação dos documentos — a defesa em caso de malha fina — se entender que um contribuinte específico não está abarcado pela dedução. “O que se admite”, escreveu, “é a criação de embargos à efetivação da decisão judicial que foi suficientemente clara ao determinar a sus-

pensão da exigibilidade do IR incidente sobre as contribuições verdadeiras aos planos de previdência complementar instituídas pela Postalis, ainda que se trate de contribuições adicionais extraordinárias”.

Roberval Borges Corrêa, diretor jurídico da Adcap, diz que, para os aposentados, que já não têm mais contribuições à Previdência comum, a dedução é aplicada sobre a renda bruta. Para os profissionais da ativa, o abatimento é sobre o somatório dos rendimentos. Os participantes do Postalis pagam, em contribuições pagoras, um déficit, entre 18,8% e 27,3% de seus salários, aposentadorias ou pensões.

Para a associação dos Correios, a diferenciação na regra de dedução não faz sentido, pois as contribuições têm a mesma finalidade, que é a constituição de patrimônio do fundo. Na Petros, que gere a aposentadoria dos empregados da Petrobras, por exemplo, a cobrança extra para o equacionamento de déficit de 2015 e 2018 varia de 15,56% a 13,59% e a depender do tipo de plano e da situação de cada participante ao fim de 2019. Na Funcef, o valor chega a 20%.

A cobrança do imposto sobre dedução não faz sentido, pois as contribuições são pagoras diárias fixa definida pela Receita Federal em uma consulta de 2017, quando participantes dos fundos de pensão já pagavam contribuições adicionais.

“Não se pode dar às contribuições previdenciárias tratamento tributário diverso ao presente a Justiça. A associação classificatória”, defende a Anaparc (Associação Nacional dos Participantes de Previdência Complementar e Autogestão em Saúde), em ação dos participantes da Funcef.

A associação lembra que o tema já foi alvo de disputa no fim dos anos 1980, com vitória dos fundos de pensão, o que levou à devolução do imposto retido na fonte sobre contribuições extraordinárias cobradas entre janeiro de 2017 e dezembro de 2017. A Receita diz que a consulta de 2017 é a mais recente sobre o tema. Outras chegaram ao fisco, mas todas eram inv-

culdas após e chegaram à mesma conclusão, de que a dedução prevista em lei vale somente para as contribuições normais, destinadas ao custeio dos benefícios.

O fisco diz também que todas as declarações passam por revisão. Ter ou não uma limitação que conceda a dedução não evita automaticamente que a declaração de ajuste seja revida. “A medida que as informações são verificadas, a declaração é liberada. Caso haja alguma divergência, a RFB disponibiliza a informação ao contribuinte, oportunidade em que ele, se for o caso, poderá corrigir as informações que julgar equivocadas”, diz.

Segundo Levantamento da Feneac (Federação Nacional das Associações de Pessoa da Caixa), 45 ações coletivas nos estados tentam conseguir a isenção ou a não incidência do IR sobre as contribuições.

Diferentemente dos processos dos participantes do Postalis, nessas, os pedidos são para que não haja a limitação de 12% dos rendimentos. Eles também cobram as devoluções de valores pagos. As entidades de previdência fechada dizem ser difícil quantificar o valor das ações agora, já que depende do valor de cada contribuição paga por participantes dos fundos.

O presidente da Funcef, Paulo Santana, diz que o abatimento da cobrança do IR não tem impacto financeiro para a fundação, mas cria uma distorção grande de trabalho. “Todos nós a gente nem comanda comandos de decisões judiciais que mandam deduzir. Cada grupo que se forma consegue o direito, nos gera uma operação de fazer as guias em separado e pagar judicialmente o imposto”.

Três dos maiores fundos do país, Petros, Funcef e Postalis (dos empregados dos Correios) tiveram que implantar programas de equacionamento de déficits em meados dos anos 1980, quando os fundos foram gerados pela queda no valor dos ativos brasileiros e por investimentos ruins feitos durante gestões petistas.

de governo”.

Os economistas afirmam que o presidente a ser eleito precisará ancorar as expectativas dos agentes econômicos, com indicações de que as contas públicas serão estabilizadas mais a frente, de forma a evitar a desvalorização do real e o aumento da inflação e da taxa de juros.

“O consenso agora é que, se o Lula for eleito, ele será pragmático, com a aprovação de reformas e com algum avanço no processo de consolidação fiscal como em 2021”, preveem os economistas.

“É provável que Lula tranquilize os investidores sobre a capacidade do Brasil de estabilizar a dívida no médio e longo prazo”.

Eles dizem ainda que, diferentemente de 2022, uma vitória do petista neste ano não deverá ser acompanhada de uma “Carta ao Povo Brasileiro”, texto em que Lula assegurou que manteria as contas públicas e a inflação sob controle.

PAINEL S.A.

Engrenagem

Setores da indústria que há anos reclamam da entrada de produtos contrabandeados competindo com a produção nacional se animaram ao ver o novo esforço do varejo para pressionar o governo por uma solução capaz de combater a venda de mercadorias não tributadas nos chamados marketplaces, os shoppings virtuais estrangeiros. Synésio Batista, presidente da Abring, diz que finalmente o varejo acordou para o fato de que não se tratava de um problema só da indústria.

**MANIFESTO** “Eu mal delicia ter o varejo conosco nessa briga, que é eterna. A gente vinha perdendo sozinho, ali, passamos a perder com o varejo e a nossa força aumentou. Não podemos aceitar que alguém importe um produto e não pague tributo ou não pague imposto, se eu tenho que cumprir”, afirma Batista.

**FRONTIERA** Outro porta-voz histórico da causa é Humberto Barbato, presidente da Abinee (associação da indústria elétrica e eletrônica). “O setor eletroeletrônico, que é afetado pela venda de produtos que entram de maneira irregular no Brasil, se for convidado a apoiar esse movimento, vai estar certo, porque é um problema que afeta a indústria também”, diz Barbato.

**DESEMBARQUE** Faltando poucos dias para Henrique Meirelles deixar a Secretaria de Fazenda do governo João Dória para se candidatar ao Senado por Goiás, o vice Rodrigo Garçon tem falado com potenciais substitutos para a cadeira. O economista Felipe Salto, diretor da IFI (Instituição Fiscal Independente), é um dos nomes na mesa, segundo quem acompanha o assunto.

**ESTRADA** Meirelles já disse que sai no fim de fevereiro. Mas não tem sido fácil encontrar alguém para colocar na vaga. Tratado com deferência no governo, o ex-ministro e ex-presidente do Banco Central foi escolhido por Dória no início do mandato como um cartão de visita em busca de investimento. Por isso a corrida para manter um nome de peso até o fim da gestão.

**SALA DE ESPERA** Questionado sobre o nome de Salto no lugar de Meirelles, Dória afirmou que não procede. As assessorias de Rodrigo Garçon e Felipe Salto não comentaram.

**FOTOGRAFIA** Dentro do governo, há dúvidas sobre a chance de Salto aceitar um mandato tampão. Com o passe livre no mercado, o economista é tido como um nome de porte para assumir uma pasta de princípio. Também colocam em dúvida se ele deixaria a direção do IFI meses antes do fim de seu mandato, que termina em novembro.

Joana Cunha

joana@grupofolha.com.br

## Credit Suisse prevê vitória de Lula em 2022 e presidência com mais estatais e proteção social

Lucas Bombana

**SÃO PAULO** O banco Credit Suisse aposta em uma vitória do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) nas eleições presidenciais de 2022.

Em relatório publicado nesta quinta-feira (17), assinado pelos economistas Solange Srouf e Lucas Vilela, o banco suíço prevê a vitória do ex-presidente e traça um panorama do que os investidores de verão esperar de um eventual terceiro mandato do petista. “O ex-presidente eleito deverá implementar mudanças no mercado de trabalho que aumentem a proteção social dos trabalhadores e que favoreçam os acordos coletivos. Além disso, deve suspender a agenda de privatizações e concessões ao setor privado e aumentar a participação das estatais no mercado”, diz o relatório do Credit Suisse.

Ainda segundo os economistas do banco, em áreas como educação, saúde e am-

biente, as prioridades do ex-presidente deverão caminhar no sentido de reestruturar órgãos governamentais que foram modificados pelo governo Jair Bolsonaro (PL).

Alguns pontos no documento tendem a convergir entre os dois candidatos (Lula e Bolsonaro): benefícios sociais para reduzir a pobreza e a desigualdade de renda; devem ser mantidos ou até mesmo ampliados, o quadro tributário deverá ser alterado, com a criação de uma tributação sobre o lucro e dividendos; apontam os economistas.

Eles dizem ainda não esperar por parte de nenhum dos dois candidatos um abandono por completo do compromisso com uma agenda fiscal responsável.

“Caso a opção, acreditamos que o país entraria em uma recessão mais profunda do que a que ocorreu em 2020, reduzindo o índice de aprovação do presidente e sua capacidade

de governo”.

Os economistas afirmam que o presidente a ser eleito precisará ancorar as expectativas dos agentes econômicos, com indicações de que as contas públicas serão estabilizadas mais a frente, de forma a evitar a desvalorização do real e o aumento da inflação e da taxa de juros.

“O consenso agora é que, se o Lula for eleito, ele será pragmático, com a aprovação de reformas e com algum avanço no processo de consolidação fiscal como em 2021”, preveem os economistas.

“É provável que Lula tranquilize os investidores sobre a capacidade do Brasil de estabilizar a dívida no médio e longo prazo”.

Eles dizem ainda que, diferentemente de 2022, uma vitória do petista neste ano não deverá ser acompanhada de uma “Carta ao Povo Brasileiro”, texto em que Lula assegurou que manteria as contas públicas e a inflação sob controle.

com Andressa Motter e Ana Barba Branco

## INDICADORES

**JUROS**  
Jan, em % ao mês | Mínimo Máximo  
7,73 8,00 4,05 8,26  
Cheque especial Empréstimo pessoal  
Fonte: Precisa3

**CONTRIBUIÇÃO À PREVIDÊNCIA**  
Competência janeiro  
Autônomo e empregado  
Valor em R\$ 1.212,00 20% R\$ 242,40  
Valor max. R\$ 7.082,22 20% R\$ 1.416,44

**MI (Microempresário)**  
Valor em R\$ 1.212 5% R\$ 60,60  
Assalariado  
De R\$ 1.212,00 a R\$ 2.424,00 7,5%  
De R\$ 2.424,00 a R\$ 4.848,00 15%  
De R\$ 4.848,00 a R\$ 7.082,22 20%

O prazo para recolhimento das contribuições do empregado varia de 15% a 20%. Alíquotas variam de acordo com o valor da base salarial que compõe o salário de contribuição.

**IMPOSTO DE RENDA**  
Em R\$ Alíquota  
Até 1.903,98 Isento  
De 1.903,99 a 2.826,65 7,5% 142,80  
De 2.826,66 a 3.750,00 15% 354,80  
De 3.750,01 a 4.668,00 22,5% 636,10  
Acima de 4.668,00 27,5% 869,16

**EMPREGADOS DOMÉSTICOS**  
Considerando o piso na categoria e o CTPS  
R\$ 1.216,31 Valor em R\$  
Empregado 948,48  
Empregador 259,25



mercado

# Dinheiro está estorvado com a Ucrânia

Propaganda de guerra ou início de pânico estão na mídia do mundo rico e nos mercados

Vinicius Torres Freire

Journalista, foi secretário de Redação da Folha. É mestre em administração pública pela Universidade Harvard (EUA)

Jair Bolsonaro não visitou Wall Street nesta quinta-feira (17). “Coincidência ou não?” os donos do dinheiro do mundo ficaram nervosos com a guerra ou com o que o governo americano chama de “risco muito alto” de “invasão iminente”. Como se sabe, com aquela sua tentativa de esperteza de capluar com “limitações cognitivas”, Bolsonaro disse que “coincidência ou não”, parte das tropas russas deixara a fronteira com a Ucrânia, retirando que de resto pode ser apenas mentira.

Faz uma semana, os preços

dos ativos financeiros sobem e descem aos solavancos no centro do mundo rico (sim, digam aí que estão na montanha russa). A coisa não andava boa por outros motivos, principalmente porque se discute nos Estados Unidos qual vai ser a rapidez e o tamanho da paulada nas taxas de juros por lá, pois a inflação ainda sobe. Mas, nesta quinta, havia chego de queimado de guerra.

Houve tembois feios nas Bolsas americanas e uma ligeira queda da taxa de juros da dívida do governo americano (ou seja, o saldo do mercado foi de com-

pra desses títulos, gente procurando alguma segurança. O movimento de baixa bateu nos mercados daqui também. Há alguma prova de que o risco de guerra aumentou? Há declarações do governo americano, de sua embaixada na ONU e no discurso de Joe Biden. Não, não é da por acreditar no governo americano — menos ainda em Vladimir Putin. Russos e ucranianos se acusam de terem bombardeado o Lugansk, no leste da Ucrânia (em guerra civil, com uma parte pró-russa). Russos acusam a Ucrânia de genocídio de

russos ucranianos e expulsaram o vice-embaixador americano em Moscou.

Seja como for, o ambiente de início de pânico ou pelo menos a torrente de propaganda nervosa se espalhou pela mídia financeira anglo-saxã, como dizem os franceses, pelo jornalismo tradicional e pelos mercados. Se não é verdade, é bem provável que a ameaça de guerra tenha sido comprovada por dois fatos e notícias e negocia dinheiro.

Como sempre, cabe a pergunta: e daí? Amanhã pode ser outro dia, para começar. Além

do mais, o Brasil tem tantos e tamanhos problemas domésticos, tanto dando auto-infligido, de bom senso e que leu jornais nos últimos anos deve saber que não é bem assim.

Se a gente não sabe nem da probabilidade real de guerra, é ainda mais difícil imaginar quais seriam as sanções dos EUA e, talvez, de seus aliados contra a Rússia. Assim, não sabemos bem para onde vai o preço do petróleo ou qual o tamanho da “juga do risco” (de moedas como real), o que é o exemplo mais conhecido de impacto de uma crise internacional sobre o Brasil (só a inflação). Mas o risco é sério.

A dependência do tamanho da guerra, se alguma guerra houver, o impacto sobre a confiança econômica pode ser gran-

de, um solavanco de pelo menos alguns meses. Como estamos com água pelo nariz em termos de PIB e inflação (ainda sem controle), qualquer marola nos engasga.

Note-se que uma ruptura com a Rússia deixaria a União Europeia sem boa parte de seu petróleo e gás, com impacto maior sobre a Alemanha, que vem a ser a quarta economia do mundo. A Alemanha não ficaria no escuro, claro, mas o preço de combustíveis fósseis subiria e não seria em caso de ajuda descurada da Arábia Saudita, que não deve entrar nesse rol.

Na crise de 2014 (anexação da Crimeia, guerra civil no leste da Ucrânia, com intervenção russa), de acordo com o executivo, a economista Vanessa Rahal Canado foi contratada como consultora para ajudar a estruturar um consenso de reforma tributária entre os empresários.

“Me parece que a melhor opção [de reforma de tributária] é a adoção do IVA [Imposto sobre Valor Agregado], que todo o mundo usa. O que eu não sei se vai funcionar é um IVA com uma única alíquota, que aumentaria o preço da construção, para diminuir a da indústria. O estado tem que calibrar a alíquota para que aumentem o preço do aumento da produtividade econômica e da arrecadação.”

Sendo ele, Paulo Guedes está defendendo o rebaixamento do PIB [Imposto sobre Produtos Industrializados] e o aumento da arrecadação.

“É o melhor caminho? Não necessariamente. Mas eu aprovo. Se houver rebaixamento do PIB, o imposto deveria ser eliminado logo.”

A reforma tributária é o foco do maior diálogo com o governo federal, mas Josué Gomes também defende a reforma administrativa, que, segundo ele, não saiu até agora porque “o governo não quer”.

# Novo presidente da Fiesp critica Bolsonaro

Josué Gomes contrasta com o antecessor, Paulo Skaf, que defendia mandatário e diz que entidade será apartidária

Daniele Madureira

**SÃO PAULO** O novo presidente da Fiesp (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo), Josué Gomes, criticou o governo Jair Bolsonaro (PL) e defendeu que a entidade teria uma posição apartidária neste ano eleitoral.

A postura contrasta com a de seu antecessor, Paulo Skaf —que, entre outras ações, encabeçou campanha “não vou pagar o pato”, que culminou na adesão da entidade à campanha pelo impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff, além de ter declarado publicamente apoio a Bolsonaro.

Já Josué, em conversa com jornalistas nesta quinta-feira (17), afirmou que o presidente tem sido lembrado pelos livros de história como um governante que produziu múltiplos ataques às instituições —às urnas, à vacina, à imprensa.

“Se não houver eventualmente se eleger, torço para que ele faça diferença”, complementou.

Filho de José Alencar, vice de Luiz Inácio Lula da Silva nos seus dois mandatos (entre anos de 2003 e 2010), Josué também diz que não vai adotar na Fiesp nenhum direcionamento político, o que teve o cuidado de se desfilar do seu partido, o MDB, no fim do ano passado, antes de assu-

mir o seu mandato, que se encerra em dezembro de 2022.

Quando lhe foi perguntado se tem simpatia pela candidatura de Lula, o empresário, do não da indústria têxtil Coteminas, esquivou-se.

“Eu não contribuo em nada dando minha opinião pessoal sobre quem eu prefiro [como candidato à Presidência da República], isso não tem nenhum impacto na minha condição como presidente da Fiesp”, diz ele, que já foi apontado nos bastidores como possível vice-presidente de Lula ou até mesmo como o virtual ministro da Economia do petista.

“Alguns acham que, por ter sido candidato ao Senado por Minas Gerais [em 2014, quando perdeu a disputa para o ex-governador Antônio Anastasia, então no PSDB], que eu sou político”, disse.

Sendo ele, a advocação que obteve —ficou em segundo na disputa, com 42,2%, ante 56,7% de Anastasia— se deu pela força do nome do pai.

“Não sou candidato nem à reeleição na Fiesp nem a um cargo público nos próximos quatro anos”, afirmou, defendendo até um mandato de dois anos.

Acerca da instabilidade econômica em ano eleitoral, uma

vez que empresários falam abertamente sobre ter “um plano Lula” e outro Bolsonaro” para 2023, dependendo de quem ganhe as eleições, Josué diz que os temores não fazem sentido.

“O empresário não tem que ter medo de quem vai ganhar a eleição. É preciso confiar na capacidade de escolha do povo brasileiro. O país não vai acabar, vai continuar”, diz ele.

“As instituições no Brasil são fortes, mesmo que estejam sob ataque.”

Ele também classificou como barbaquismo o Brasil perder protagonismo mundial na temática de economia verde e disse que “o Brasil parou de pensar, de usar, e se habitou à mediocridade”.

Sendo ele, a prioridade da Fiesp sob a nova gestão é o apoio à educação, uma “emergência nacional”.

Outra meta seria ajudar as 40 mil pequenas e médias indústrias paulistas a aumentar a sua produtividade e chegar ao grau de digitalização, apoiando na inovação e aumentar as exportações de produtos de maior valor agregado, com foco na descarbonização.

Para Josué, a entidade reúne atualmente 35% do PIB (Produto Interno Bruto) indus-



Josué Gomes, que assumiu a Fiesp em janeiro  
Aryton Vigoda/Olivalga

trial —, pretende buscar sistemas de financiamento para permitir que as empresas possam aumentar o seu grau de produtividade entre 20% e 30% e, com isso, bancar o investimento.

“Essas linhas já existem, estão disponíveis. O empresário, contudo, está sem tempo de reação. Está vendendo o almoço para comprar a janta”, afirma.

Para Josué, a expressão “política industrial” já foi muito criticada como sinônimo de protecionismo, mas se empre-

sários não querem isso.

“Não é fechamento de mercado ou subsídio. Mas sim um direcionamento do estado para as políticas que fazem sentido, com um estado planejador”, afirma.

Ele dá como exemplo o setor automobilístico, que, há dez anos, produziu 3,8 milhões de veículos. Agora, a projeção da indústria para 2025 é de 4,2 milhões de unidades.

“Serão 25 anos sem crescer. Como aceitar isso?”, questiona, lembrando o alto peso da carga tributária sobre o automóvel.

“Se, em vez de oferecer incentivo, o governo tivesse baixado a carga tributária para tudo o setor automobilístico, talvez a Ford ainda estivesse aí.”

Josué Gomes diz que já está discutindo a questão da reforma tributária com o ministro da Economia, Paulo Guedes, mas acredita que a mudança não saia nos próximos meses.

Isso porque não existe consenso de propostas nem mesmo entre os empresários.

“A gente não pode diminuir a carga tributária da indústria, aumentando a de outro segmento”, diz.

“O custo é reduzir a alíquota, para promover um aumento da arrecadação. Temos que convencer a Faria Lima de

que isso é possível”, diz, referindo-se ao centro do mercado financeiro do país.

De acordo com o executivo, a economista Vanessa Rahal Canado foi contratada como consultora para ajudar a estruturar um consenso de reforma tributária entre os empresários.

“Me parece que a melhor opção [de reforma de tributária] é a adoção do IVA [Imposto sobre Valor Agregado], que todo o mundo usa. O que eu não sei se vai funcionar é um IVA com uma única alíquota, que aumentaria o preço da construção, para diminuir a da indústria. O estado tem que calibrar a alíquota para que aumentem o preço do aumento da produtividade econômica e da arrecadação.”

Sendo ele, Paulo Guedes está defendendo o rebaixamento do PIB [Imposto sobre Produtos Industrializados] e o aumento da arrecadação.

“É o melhor caminho? Não necessariamente. Mas eu aprovo. Se houver rebaixamento do PIB, o imposto deveria ser eliminado logo.”

A reforma tributária é o foco do maior diálogo com o governo federal, mas Josué Gomes também defende a reforma administrativa, que, segundo ele, não saiu até agora porque “o governo não quer”.

# Autointitulado ‘primeiro prédio giratório do mundo’ vai a leilão pela 3ª vez no PR

Raissa Toledo

**CURIMATÁ** Quase 20 anos de imbrólios judiciais e dois leilões depois, 10 dos 11 apartamentos do edifício Suite Volland, em Curitiba, serão leiloados individualmente nesta sexta-feira (18), de forma exclusiva mediante online, com lance inicial de R\$ 1,415 milhão.

O empreendimento, nunca habitado e que se autointitula o primeiro prédio giratório do mundo, foi inaugurado em 2004. Ele foi penhorado por decorrência dos problemas judiciais da Construtora Moro, responsável pela obra.

Em 2010, foi a leilão pelo valor de R\$ 23,76 milhões, mas nenhum interessado apareceu. Em 2018, a arrematação chegou a ocorrer, mas foi suspensa quando a construtora renegociou a dívida.

Destavez, trata-se de um leilão de execução, que só pode ser evitado com o pagamento do débito. Quem comandará o certame é o leiloeiro público Helcio Kronberg, nomea-

do pelo juízo da 21ª Vara Cível de Curitiba.

Segundo Kronberg, o valor arrecadado será destinado ao pagamento de dívidas de decisões judiciais na esfera trabalhista, execução fiscal federal, IPTU e condomínio acumulados.

As expectativas são positivas. “Acredita-se que a venda sanará grande parte das dívidas da Construtora Moro, que deve retomar suas atividades”, disse.

Para os apartamentos que não forem arrematados no leilão de 18, outro leilão será realizado no dia 24, com lance inicial de R\$ 849 mil.

Quando anunciada, a construção cilíndrica, que fica em uma região valorizada da capital curitibana (o bairro Mosangue), ganhou destaque nos cenários imobiliário e arquitetônico.

Projetada como um edifício concebido pelo arquiteto Bruno de Franco, admirador de Picasso, e batizada por ele em referência à célebre série de

gravuras do artista, ganhou dos curitibanos a alcunha de “o prédio que gira”.

O mecanismo que possibilita a sua rotação é simples: o centro da estrutura, onde fica o encanamento para a cozinha e os banheiros, é fixo. Com mínimo atrito, um motor de 40 cavalos movimenta o anel externo desse miolo e, assim, cada andar pode se mover de forma independente para avistar diferentes partes da cidade no mesmo dia.

Para Bruno de Franco, ainda que a perspectiva de que o prédio finalmente tenha moradores seja animadora, a compra dos apartamentos teria de ser acompanhada de um consenso entre os novos proprietários para a utilização do imóvel.

“Tem muita coisa que está abandonada, que desgastou, quebrou. Para viabilizar um prédio como esse, todos os proprietários precisam concordar em fazer as modificações necessárias”, pontua.

Entre as modificações cita-



Edifício Suite Volland, em Curitiba, que terá 10 dos seus 11 apartamentos leiloados individualmente. Washington Tachi

das pelo arquiteto, estão reparos nas instalações elétrica e hidráulica e a troca dos elevadores.

Mesmo antes de o Suite Volland ser penhorado, o que impossibilitou a venda dos apartamentos, o alto valor das unidades também dificultou a sua ocupação, quando inaugurada, cada apartamento custava em torno de R\$ 3 milhões. O preço equivale a R\$ 2,700 por metro quadrado — o dobro da média para a região na época.

Em 2008, após uma reforma de R\$ 13 milhões, um relançamento pelo anúncio pela empresa gestora do prédio, mas nunca chegou a acontecer. Vazio, ele passou a ser alvo de vandalismo, o que fez com que a administradora contratasse uma equipe de segurança 24 horas.

Deixou arquitetônico, o Suite Volland passou a ser conhecido pelo abandono suscitado a criação de fendas urbanas, como o de que milionários estrangeiros compraram apartamentos que passavam as férias e até que Xuxa seria a proprietária de um dos lotes.

Também virou ponto de referência: afinal, é difícil ter quem não saiba onde fica o prédio que gira.



## COMPANHIA DO METROPOLITANO DE SÃO PAULO - METRÔ

[illegible][illegible]



































# Limite de dívida e paz fiscal de cemitério

Estabilização da dívida deve ser no valor compatível com o crescimento e o bem-estar

Nelson Barbosa

Professor da FGV e da UnB, ex-ministro da Fazenda e do Planejamento (2003-2016). É doutor em economia pela New School for Social Research.

A profusão de emendas constitucionais para lidar com assuntos orçamentários comprova a necessidade de revisão de nossas regras fiscais. Alguns colegas defendem a adoção de meta de dívida pública federal, similar ao que acontece nos Estados Unidos e na UE (União Europeia), mas considero essa proposta um erro por dois motivos.

Primeiro, quem tem meta de dívida muda a meta toda hora (EUA) ou adota tantas cláusulas para diluir o ajuste (UE) que a meta de dívida é mais de

sejo de longo prazo do que limite jurídico de curto prazo.

Segundo, não há consenso sobre o tamanho ótimo da dívida pública de um país, pois a estabilidade fiscal depende de outros fatores além do tamanho da dívida.

Especificamente, estabilidade fiscal é definida como dívida pública constante em proporção do PIB, mas isso pode acontecer com diferentes valores. Por exemplo, o Japão tem dívida da ordem de 250% do PIB, sem crise fiscal, monetária ou cambial.

No Brasil, temos dívida bruta de 92% do PIB (pelo critério internacional) e dívida líquida de 62% do PIB (a diferença são os créditos do governo que rendem juro), também sem fuga de recursos do país. No verdade, houve apreciação cambial nos últimos meses.

Não existe número mágico para a dívida pública porque sua rolagem depende de outros fatores além do seu tamanho. Listo apenas três, amplamente conhecidos por economistas latino-americanos.

Primeiro, as vezes a dívida pública

é baixa, mas seu custo é elevado. Por exemplo, o Brasil tem dívida líquida bem inferior ao verificado no Japão, mas gastamos muito mais com juros do que o Japão. A estabilidade fiscal inclui o custo de carregamento da dívida, dado pela diferença entre o juro real pago pelo Tesouro e o crescimento da economia, o "r menos q" dos economistas, o que, por sua vez, não depende só do tamanho da dívida.

Segundo, a rolagem não explosiva da dívida também depende do seu preço médio. As vezes a dívida é baixa, mas gran-

de parte dela vence todo ano, forçando o Tesouro a rolar um alto valor em cada Orçamento (Brasil). Nesse caso, a "dívida baixa" pesa como "dívida alta" no fluxo de caixa do governo. No sentido contrário, uma dívida alta pode pesar pouco se apenas uma parte pequena dela vencer a cada ano (Japão).

Tercero, a sustentabilidade da dívida também depende de sua distribuição em moda interna e externa. Uma dívida baixa pode ser problemática quando a maior parte da dívida atrelada ao câmbio (Brasil de Fernando Henrique), pois nesse caso uma grande depreciação cambial eleva rapidamente as obrigações do governo (nossa crise cambial fiscal de 1997-2002).

Devido às questões acima, precisamos ter uma análise mais ampla do tamanho da dívida. Sim, tudo regru fiscal deve ter um cemitério de endivi-

damento público, mas isso não implica criar um limite de dívida compatível com o crescimento da economia e bem-estar da população, pois de nada adianta ter dívida baixa e "paz fiscal de cemitério".

Bom senso e pragmatismo recomendam adotar metas de resultado ou justo prêmio, baseadas em cenários de endividamento público, mas sem meta formal de dívida pública que dispare ajuste rápido do Orçamento. É assim que é feito nos Estados Unidos e na Europa. Para o Brasil, prefiro meta de custo, mas deixo isso para outra coluna.

|DOM: Samuel Pessôa | SEG: Marcia Dessen, Ronaldo Lemos | TER: Michael França, Cecília Machado | QUA: Heli Beltrão | QUINTA: Cida Bento, Solange Sur | SEXTA: Nelson Barbosa | SÁB: Marcos Mendes, Rodrigo Zeidan

# App de namoro dá ultimato para que usuários se encontrem

'Matches' acontecem apenas um dia por semana e são apagados após 24 horas; serviço marca eventos em Londres e NY

Becky Hughes

NOVA YORK | THE NEW YORK TIMES. Na noite de uma quinta-feira, havia dez pessoas na fila para entrar no Hair of the Dog, um bar de esportes no Lower East Side de Manhattan (NY) que usualmente atrai multidões aos domingos, para assistir aos jogos de futebol americano e beber durante o dia.

Quando cada uma das pessoas chegava ao segurança, tinha de exibir provas para ser admitida: documento oficial de identidade, comprovante de vacinação e perfil em um app de encontros — não que elas estivessem lá para procurar parceiros online.

Em lugar disso, uma empresa chamada Thursday (quinta-feira) estava promovendo um encontro de solteiros — um antídoto para o destino nulo quanto a encontros online. Os participantes expressa-

ram todo tipo de frustração com os romances modernos: encontros gerados por apps que raramente resultam em mais que um bate-papo; a perda de tempo envolvida em vasculhar perfis em busca de qualidades redentoras e de possíveis sinais de alerta; o padrão de discriminação racial dos apps de encontros; e a sensação de desesperança.

"Nunca encontro um 'match'", disse Harrison Gottfried, 27, logo após entrar no bar. E, quando alguém aparece do nada e se destaca, no Tinder ou no Hitt, disse, a pessoa muitas vezes não é legítima.

O Thursday busca se diferenciar da concorrência por meio da escassez artificial: o app só pode ser acessado um dia por semana (sim, na quinta-feira).

Quando o relógio chega à ch, os usuários ativam um ícone que identifica que estão livres para encontros naque-



Hanna Choi e Celeste Ortega durante evento organizado em NY pelo Thursday, aplicativo de namoro que funciona só uma vez por semana, às quintas. Autor: Pinyodongchai/The New York Times

Entre em nosso Grupo no Telegram: [t.me/jornaisBrasil](https://t.me/jornaisBrasil)

centro: "Ninguém nos apps quer conversar. Talvez seja pessoal. Talvez eu seja feia".

Mesmo as pessoas que têm mais sorte encontrando pares parecem ter perdido a paciência com os apps. "Passar muito tempo procurando não nos dá tempo a perder com conversa mole: a hora de marcar um encontro é agora ou nunca".

Para encorajar encontros reais como esses, o Thursday organiza eventos em Londres e Nova York, as duas cidades em que opera no momento. O encontro no Hair of the Dog foi o primeiro em Nova York e atraiu cerca de 450 participantes.

Anthony Fulmes, 24, ouviu falar do evento por meio de um e-mail promocional. Quando ele foi perguntado sobre sua posição quanto aos apps de encontros, ele respondeu que não quer encontrar o amor da sua vida por meio de um app de sexo. E acres-

ceda a tomar uma decisão.

Love disse que, depois de lançado, em julho de 2021, o app Thursday foi baixado 340 mil vezes antes que a empresa introduzisse sua série de eventos offline, chamada AfterParty. O primeiro encontro aconteceu em um bar de Londres três meses atrás.

Outros apps também começaram a explorar o lado analógico. O Bumble, por exemplo, abriu um café e "wine bar" no distrito novo-iorquino de Nolita, recentemente. A despeito de sua crescente insatisfação com os encontros digitais, a maioria dos presentes no encontro do Thursday parecia usar os mesmos apps. Eles descreveram o Tinder como um app para sexo casual, e o Hinge, como um aplicativo para aqueles que estão em busca de relacionamentos. Hanna Choi, 28, disse que usa o Bumble para "conversar

com homens bonitos".

Alguns poucos participantes disseram que agora usam exclusivamente o Thursday, principalmente para os eventos que reúne solteiros. Moses McFly, 39, participou de três deles. "Todos os demais apps estão disponíveis sete dias por semana", disse, e isso pode ser desgastante.

E como é que os encontros estão funcionando, para os solteiros? "Ainda não me impressionei, mas a ideia é boa", disse Becky Kaplan, 24, planejadora de eventos que, quando lhe foi perguntado sobre que apps de encontros usa, respondeu, fingindo espanto: "Todos eles".

Ela estava sentada em uma mesa com uma amiga, esperando ser abordada por alguém em quem estivesse interessada. "É a experiência mais próxima de conhecer alguém na vida real", disse Kaplan.

O encontro parecia estar indo bem para Fulmes, que em dado momento gritou para sua colega de apartamento: "Já conversei com seis mulheres! Você está ficando para trás".

Ali perto, um homem abordou uma mulher pelo meio da multidão que dançava ao som de "Beautiful Girls", de Sean Kingston, e dizendo, bem alto: "Vamos ali para o canto. É lá que podemos nos designar".

Celeste Ortega, 26, designer industrial, estava no evento com Choi e disse que eles tinham sido abordados por "zero pessoa".

Quando lhe foi perguntado se participaria de outro evento, Ortega não hesitou: "Provavelmente toda quinta-feira no pelo resto da minha vida".

Tradução de Paulo Migliacci

Wollstonecraft

bell hooks

Max Weber

Immanuel Kant

Ludwig von Mises

Próximo domingo

Já nas bancas

Conheça Kant, um dos grandes pensadores iluministas

Frete Grátis

Pague em até 12x sem juros no cartão

Peça sua coleção completa

Ligue 11 3224 3090 (Grande São Paulo) ou 0800 775 8080 (outras localidades)

de segunda a sábado, exceto feriados. das 9h às 14h

folha.com/pensadores

FOLHA100





Corpo de uma das vítimas da tragédia do Morro da Oficina é enterrado no cemitério de Petrópolis

Eduardo Azeiteiro/Polhemus

# Mortes em Petrópolis sobem para 117; outros 116 estão desaparecidos

Defesa Civil acionou 14 sirenes nesta quinta-feira (17), com previsão de chuva forte no município

Ana Luiza Albuquerque

**RIO DE JANEIRO** Ao menos 117 pessoas, incluindo 13 menores de idade, morreram devido ao forte temporal que atingiu na tarde de terça-feira (15) a cidade de Petrópolis, na região serrana do Rio de Janeiro, causando inundações, enxurradas e deslizamentos. Foram resgatadas com vida até a noite desta quinta-feira (17) 24 pessoas.

A DDPA (Delegacia de Descoberta de Paradoiros) da Polícia Civil do estado registrou ao menos 116 desaparecimentos. Durante o trabalho dos policiais, três pessoas que antes constavam na lista de desaparecidos foram localizadas no colégio estadual Rui Barbosa e outras 15 tiveram o obito confirmado. Seis identificações estavam duplicadas.

Os pontos de apoio da Prefeitura, montados para atender as vítimas do temporal, estão recebendo equipes da DDPA para registrar os desaparecidos. Para auxiliar na localização, é preciso informar nome completo da pessoa desaparecida, número da identidade, caso disponível, as características físicas e a roupa usada.

Até esta quinta (17), o Ministério Público do Estado já havia contabilizado 59 desaparecidos em razão dos deslizamentos, mas 13 foram encontrados vivos. As comunicações estão sendo recebidas pelo Programa de Localização e Identificação de Desaparecidos.

No fim da tarde, voltou a chover forte em Petrópolis, e a Defesa Civil emitiu alerta de mobilização para evacuação de moradores das áreas de risco do bairro Quintadinha. As vias Washington Luiz e Coronel Veiga tiveram ser fechadas em razão de inundações, e a queda de uma árvore interditou a subida da serra.

Segundo a Defesa Civil municipal, foram registrados 66,5 mm de chuva em apenas uma hora. Na terça (15), dia do primeiro temporal que devastou a cidade, foram registrados 260 mm de chuva em seis horas.

Mais cedo nesta quinta, o órgão acionou 14 sirenes, para aviso de previsão de chuva forte. Foram alertados os moradores das localidades das 24 de maio, Ferroviários, Vila Felipe (Chicana Flora), Sargento Boening, São Sebastião (Adão Brand, Vital Brasil) e Simeria.

A tarde, a Defesa Civil intensificou e evacuou a rua Nova, na comunidade 24 de maio, e a vila Manoel Corrêa, na rua Teresita, após o rolamento de blocos rochosos.

O órgão vem fazendo vistorias na região desde terça e constatou o risco de novas ocorrências. Na tarde desta quinta, uma casa chegou a ser atingida, mas ninguém ficou ferido.

Segundo o Cemaden (Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais), é muito alta a possibilidade de ocorrência de movimentos de massa na região serrana, especialmente em Petrópolis, devido aos altos acúmulos de chuva nas últimas 48 horas (> 250mm) em algumas semanas.

“Estes fatores indicam elevado nível de umidade do solo que pode favorecer a ocorrência de deslizamentos de terra mesmo na ausência de chuva, ou chuva fraca”, diz previsão do órgão.

Cerca de 200 policiais civis, entre peritos legistas e criminais, papiloscópicos, técnicos e auxiliares de necropsia e servidores de cartório, estão atuando no apoio terrestre e aéreo na cidade. Também trabalham no município 50 bombeiros, 20 policiais militares e nove helicópteros do estado.

O Corpo de Bombeiros montou um hospital de campanha



Estes fatores indicam elevado nível de umidade do solo que pode favorecer a ocorrência de deslizamentos de terra mesmo na ausência de chuva

Cemaden



Governo federal libera FGTS e envia Exército

O governo federal reconheceu nesta quinta-feira (17) o estado de calamidade pública de Petrópolis (RJ), município atingido por fortes tempestades na última terça-feira (15), resultando em inundações, enxurradas e deslizamentos.

Agora o município pode pedir recursos da União para atendimento da população afetada pelas chuvas.

O Exército, por meio do Comando Conjunto Leste, passou a atuar no local da tragédia, para ajudar as vítimas. De acordo com a instituição, o apoio começou a partir de quarta-feira (16), com emprego de tropas, viaturas e equipamentos. Serão disponibilizados, por exemplo, ambulâncias e equipes de primeiros socorros, além de maquinário para a desobstrução de vias.

A Caixa Econômica Federal anunciou nesta quinta-feira (17) a liberação do saque calamidade do FGTS (Fundo de Garantia do Tempo de Serviço) para a população do município. O valor máximo para a retirada é de R\$ 6.220.

há 190 equipamentos para desobstrução de vias. A Secretaria de Estado de Saúde enviou dois caminhões com medicamentos e vacinas antitetânicas.

A prioridade nesta quinta, além de localizar vítimas, foi acelerar a identificação dos mortos, reconstruir a estrutura do município e garantir atendimento social aos moradores da cidade, destruída pelas inundações e deslizamentos.

Pela manhã, a Polícia Civil disse que 23 corpos haviam sido identificados no IML (Instituto Médico Legal). Alguns cadáveres estão sendo armazenados em um caminhão frigorífico instalado no PRPTC (Posto Regional de Polícia Técnica Científica), no bairro Corrales.

Os corpos de pelo menos 11 pessoas foram liberados para sepultamento. São eles os de Evelyn Luiza Netto da Silva, Pablo Nunes Carvalho, Fábio Anísio da Costa, Yasmin Eliseu Alves, Zilmair Batista Montes, João Carlos de Melo Montes, Maria Clara Martins de Castro Souza, Heloise Listenberg Rodrigues, 2, Gustavo Listenberg Rodrigues, 5, Debora Listenberg Moreira, 22, e Eva Afonso da Silva.

Nem todos tiveram a idade divulgada.

A prefeitura afirmou que reforçou o número de profissionais para exumação e sepultamento, além de ter levado o viscoscopo ao cemitério do Centro. O cemitério foi afetado, mas não houve dano substancial, segundo o município. As autoridades informaram que não têm intenção de fazer enterro coletivo, para respeitar a programação dos familiares.

Até o fim da manhã desta quinta (17), a Defesa Civil municipal havia contabilizado 999 ocorrências em Petrópolis, 233 por deslizamentos. Além disso, 75 pessoas permaneceram em encaminhações para

os 33 pontos de apoio montados em escolas da rede pública. Assaílos estão suspensas para que as famílias possam ser atendidas por profissionais das secretarias de Assistência Social, Saúde e Educação. O Governo do Rio de Janeiro informou ter determinado urgência no cadastro de moradores que solicitam o alaguel social.

Mãe e crianças são enterradas em cova rasa recém aberta

**PETRÓPOLIS (RJ)** A cada meia hora, uma nova família sobe o morro coberto de mata. Aos poucos, os buracos recém-cavados vão sendo preenchidos, menos profundos. À tarde no Cemitério Municipal de Petrópolis seguiu assim esta quinta (17), dois dias depois da chuva que arrasou a cidade e matou ao menos 116 pessoas.

Por volta das 13h, foi vez de um caixão grande marrom e dois pequenos brancos. Era a mãe, Debora Lichtenberger Moreira, 22, e os dois filhos: Gustavo Lichtenberger Rodrigues, 5, e Heloise Lichtenberger Rodrigues, 2.

O pai mancava com a ajuda de uma muleta porque, segundo o amigo Daniele Deschepere, 27, havia sofrido um acidente de trânsito alguns dias antes. Soube da morte de toda a família quando ainda se recuperava no hospital.

Debora foi encontrada como se mexesse no celular quando o muro de concreto de sua casa caiu sobre ela e a forçou de uma tróca d'água, diz Daniele. O menino mais velho ainda chegou a ser levado ao hospital com vida, mas não sobreviveu. “Estava inconsciente”, afirma a amiga.

Os três foram atingidos juntos, por volta das 13h, quando estavam tentando se proteger dentro do único quarto que desabou, segundo o cunhado Gerson Souza contou ao UOL.

Moravam no bairro Moimho Preto, que de acordo com a amiga não é considerado uma área de risco, mas teve uma das ocorrências mais graves registradas pela Defesa Civil naquele dia.



# Medida de proteção poderia ter mitigado efeito das chuvas

Especialistas citam a remoção de moradores de áreas críticas e obras

Samuel Fernandes

**SÃO PAULO** Os efeitos das fortes chuvas em Petrópolis poderiam ter sido evitados ou pelo menos mitigados se tivessem sido adotadas medidas de proteção após a tragédia de 2011, afirmam especialistas. Naquele ano, a cidade também foi atingida por um forte temporal, resultando em um dos maiores desastres ambientais do Brasil.

A Folha entrou em contato com a assessoria de imprensa da Prefeitura de Petrópolis para entender quais ações tinham sido tomadas para evitar novas catástrofes de 2011 para cá, mas não obteve resposta até a conclusão desta edição.

Para Anderson Kazuo Nakano, arquiteto urbanista e professor do Instituto das Cidades da Unifesp (Universidade Federal de São Paulo), o poder público já tinha à disposição materiais que lhe davam ações que poderiam ser tomadas a fim de evitar novas catástrofes.

"Tem um acúmulo gigantesco de dados que poderiam ser usados para evitar problemas e nesses úl-

timos dez anos você poderia ter implementado", afirma. Nakano menciona o Plano Municipal de Redução de Riscos (PMRR), lançado em 2017. Segundo informações oficiais do site da Prefeitura de Petrópolis, o documento trazia um "levantamento completo das áreas de riscos do município e das ações para mitigação de desastres".

A falta de aplicação de recomendações técnicas faz com que situações como a de Petrópolis voltem a acontecer, ocasionando mortes que poderiam ser evitadas, diz Álvaro Rodrigues dos Santos, geólogo e ex-diretor de planejamento e gestão do IPT (Instituto de Pesquisas Tecnológicas).

"Os efeitos das fortes chuvas ocorridas seriam imensamente minimizados [com adoção de medidas de proteção]. As mortes ocorridas poderiam ter sido, senão todas, em sua maioria evitadas", afirma.

Segundo ele, há uma "resistência das administrações públicas em implementar as ações recomendadas produzidas pelo meio

técnico nacional".

Evitar a ocupação de áreas de risco é uma das ações essenciais para que não ocorram desastres em casos de fortes chuvas.

Existe um instrumento chamado Carta Geotécnica que instrui quais regiões não podem ser ocupadas e outras que até podem ter ocupações quando observadas recomendações — segundo Santos, essa é uma das ações que poderia ter sido adotada de aqui para cá. Para regiões em que já existem habitações, como em parte da região serrana do Rio de Janeiro, algumas ações podem ser tomadas.

Nakano afirma que uma das primeiras atividades é monitorar os níveis de riscos das regiões: baixo, médio ou alto. "Aqueles lugares que estão em situações mais críticas [...], você tem que pensar em realocar, mas tem que envolver os moradores. Não é simplesmente chegar lá, falar 'olha, a gente vai tirar você daqui e tchau'".

Além da realocação, que deve ser considerada em casos emergenciais, poderiam ter sido executadas obras de

infraestrutura que reduzem os perigos. Um tipo comum são os muros de arrimo, que servem como instrumento de contenção.

Professor do programa de pós-graduação em geotecnia da UnB (Universidade de Brasília), Newton Moreira afirma que uma das imagens que ele observou dos deslizamentos em Petrópolis foi a de uma ca-

“Os efeitos das fortes chuvas ocorridas seriam imensamente minimizados [com adoção de medidas de proteção]. As mortes ocorridas poderiam ter sido, senão todas, em sua grande maioria evitadas

Álvaro Rodrigues dos Santos  
geólogo

sa que contava com um muro desse tipo.

"Não pode ser um muro de tijolo, tem que ser muro que esteja bem ancorado no terreno e que tenha uma capacidade de resistir ao impacto dessa massa", explica.

Moreira afirma ainda ser necessário desenvolver um plano mais adequado de conscientização e informação para a população. Em situações que exigem evacuações, por exemplo, é importante ter definido pontos como rotas de fugas, espaço seguro para deslocamento e tempo que a população tem para se locomover.

O engenheiro cita a cidade de Fukushima, no Japão, que foi fortemente atingida por um tsunami em 2011. "Você tinha cidades que tinham um plano de contingência em que basicamente não morreu ninguém e você tinha cidades em que não tinha plano de contingência e a população se deslocou justamente para as áreas mais perigosas".

As aplicações de medidas como essas já tiveram comprovação de sua eficácia no Brasil. Santos cita o caso de São Vicente e Santos, no litoral paulista.

Segundo ele, as cidades sofriram com "muitos deslizamentos com centenas de mortes". Houve então a elaboração de uma Carta Geotécnica, a qual o IPT e sua implementação na região.

"Várias gestões municipais das duas cidades assumiram a plena responsabilidade da aplicação da Carta, com efe-

tiva participação da comunidade local, com o que foi alcançada uma notável redução de acidentes", afirma Moreira.

No caso de Petrópolis, algumas ações já tinham sido tomadas após 2011, como a instalação de sirenes para alertar a população de riscos de desastres. É o que afirma Jose Márcio, coordenador geral de pesquisa e desenvolvimento do Cemaden (Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais). Para ele, além de adotar medidas de proteção, é importante agir junto com a população.

"Às vezes, a sirene dispara e a população sai em pânico, mas não acontece nada. Então, quando a sirene já começou a disparar, a pessoa ficava 'ah, não é nada. Algo que temos que mudar é a percepção das pessoas sobre desastres naturais'", diz.

Por isso, Marengo entende que não é somente a implementação de um sistema de previsão e alerta de catástrofes que pode diminuir as consequências com a cidade fluminense. Para ele, poder público e população precisam agir em conjunto, sobretudo para o caso de habitações em locais de risco.

"Uma coisa que sempre se discute [...] é que, na parte climática, você pode ter a melhor previsão, o melhor modelo, com os melhores especialistas, mas não adianta a previsão ser perfeita se a população continua morando em áreas de risco, afirma.



Mulher carrega foto no local de deslizamento de terra no Morro da Oficina, um dos mais atingidos em Petrópolis. Ricardo Moraes/Reuters

## Primas de 13 anos morreram após serem arrastadas enquanto filmavam cachoeira

Júlia Barbon

**RIO DE JANEIRO** A voz de Márcio Luis Ferreira dos Santos, 45, até falta quando ele lembra o momento em que pulou a cachoeira e correu para a casa para outra junta da mulher e cinco de seus filhos. A sexta filha, Taylane de Souza dos Santos, ficou.

Ela e a primata Ana Clara da Fonseca, ambas de 13 anos, filmavam a enxurrada que jorrava no terreno de cinco casas da família em Petrópolis. Não imaginavam que duas delas seriam arrastadas pela mesma lama, que encontrou passagem ali no quintal quando uma barreira caiu e levou o curso natural da cachoeira.

"Mãe, cadê a Tatá? Morreu?", pergunta à mãe a irmã mais nova, de dois anos. Era exotroverista e alta como a

avó, conta o pai autônomo, que por pouco se salvou no dia de hoje. Ele está entre as dezenas de parentes que, desolados, buscam filhos, irmãos, mães e primos em frente ao posto regional do IML (Instituto Médico Legal) de Petrópolis nesta quinta (17).

Assim como Tayane e Ana Clara, mulheres são a maioria das vítimas temporais que arrasou a cidade na Região Serrana do Rio de Janeiro na última terça (15). Até o fim da manhã, 121 haviam sido levadas para identificação: 65 mulheres e 36 homens — entre esses, 13 menores de idade.

Os nomes de cada um vão sendo anunciados a cada meia hora por uma funcionária da Sala Lúber, antes destinada a receber denúncias de violência contra a mulher na cidade. Um punhado de gen-

te corre para a porta da unidade para dar uma vez e a mulher aparece.

É um processo que tem que ser feito com lisura, ela diz já rouca, pedindo privacidade a um fotógrafo que registra a fila. Ela afirma que há espaço dentro da sala se alguém precisar descansar ou passar mal debaixo do sol.

Não é possível gravar um momento já quase urrando pelo chão ao ouvir um dos nomes. Outra família chega e se abraça, pedindo privacidade a um fotógrafo que registra o momento. Um terceiro homem briga ao ouvir um repórter falando para as câmeras sobre a situação dos bombeiros. Quem tirou os corpos foram os moradores, critica.

Nem todos tiveram resposta ainda. A irmã de Maria das Graças Tomaz Coelho Vaz,

50, que não quis se identificar, esperava por notícias há uma hora. Ela está desaparecida desde aquela tarde, quando foi ao dentista sozinha em Alto da Serra, umas das regiões mais atingidas pelas chuvas. Deixou uma filha de 24 anos.

Daniela da Silva Viana é outra das mulheres ainda não encontradas. Aos 35 anos, voltava do trabalho no supermercado quando a água começou a subir pelo degrau do ônibus. Avisou a mãe que a corrente já balançava o veículo para o lado do rio, mandando em seguida uma foto da porta. Estava com medo.

Ficaram esperando ela voltar, mas não voltou. No dia seguinte, surgiu o vídeo do mesmo ônibus sendo arrastado junto a um segundo, enquanto passageiros tentavam

escalar as janelas. A gravação que ela postou nas redes sociais lá de dentro há minutos depois de 24 horas. O telefone chama, chama, mas ninguém atende.

O pai só soube "quando o dia lá estava brotando", diz o pedreiro José Viana, 59. Procuraram em tudo quanto é unidade de saúde e deixaram o IML por último, onde ainda não conseguiram notícias. A mãe, Tânia Maria da Silva, 59, já avisou a perícia que ela usa aparelho e tem tatuagens. "Eu sinceramente já tô certa", fala a uma amiga no telefone.

Bem em frente ao ponto onde os ônibus tombaram estava a casa de João Carlos Castro de Oliveira, 55. Ele também conversava com a família naquela tarde, mas preocupado com os cinco irmãos, afinal sua casa ficava no centro da cidade e não tinha risco de cair. Só que caiu.

A última mensagem antes da tromba d'água descer foi às 18h08, dizendo para tomarem cuidado, conta uma

das irmãs, que também não quis se identificar. Foi sozinho, porque a esposa estava no trabalho.

Apoucos metros dali, o mecânico Emídio Jôliu Vicente, 43, esperava para reconhecer a esposa, a sogra dela e três crianças. "Ás 18h08, Maria de Fátima dos Anjos Vicente, 64, 'Ver se tem pelo menos enterrado digno', espera. Ela estava em casa, em cima do Morro da Oficina, onde o maior deslizamento da cidade levou cerca de 80 casas.

Foram cinco ou seis pessoas de uma vez, ele conta; ela, o esposo, a sogra dela e três crianças. "Ás 18h08, Maria de Fátima dos Anjos Vicente, 64, 'Ver se tem pelo menos enterrado digno', espera. Ela estava em casa, em cima do Morro da Oficina, onde o maior deslizamento da cidade levou cerca de 80 casas.

Emídio diz que a sirene tocou com frequência no morro. "Tocar até taca, mas até os corpos saírem... Uns saem, outros não, uns não têm nem para onde ir", lamenta.



# Qual o limite da desgraça?

Um dia, alguém teve a ideia de perguntar a um comediante sobre limites do humor

**Tati Bernardi**

Escritora e roteirista de cinema e televisão, autora de "Depois a Louca Sou Eu"

Faz uns 12 anos, eu acho, alguém teve a ideia de perguntar a um comediante quais eram os limites do humor. Quando deixou de ser possível sacanear, groto, preto, bofo, milho, loja, puta, pessoa com deficiência, sogra, empregada doméstica, o que restou? Foi o que parte da humanidade, em um uníssono cheio de brilho, decência e caráter, resolveu que havia chegado o grande momento. Sim! A hora de tirar sarro sobre o homem branco, magro, hetero, rico que faz sucesso. Mas o homem branco, magro, hetero, rico que faz

crossfit não parece chateado. Livros, stand-ups, filmes, séries, quase não o Instagram progressista até novelas batem diariamente nesses tipos. E nós rimos muito. E eles riam também, mas é porque acabaram de clarear os dentes e gostam de imaginar, inabaláveis, que de seus bocais saem raios que cegam o restante do planeta.

Como comemorar a decisão consagrada de jamais escolher parceiros que perpetuem a chata para o lar, sejam blindados no ouro indelével do amor materno. As progenitoras, e aqui

vai uma crítica a algumas mulheres da época de minha mãe, tratavam melhor seus filhos homens. Ser necessários cem anos de massagem jocosu para que a autoestima do homem branco hetero sofra um tantinho. Mas não vamos desistir.

O problema é que, desde quando o primeiro repórter perguntou a um comediante quais eram os limites de humor, milhares de repórteres repetiram a mesma pergunta a milhares de comediantes. E ninguém aguenta mais. A pergunta sobrou a tola de uma mídia ultrapassou a baliza

as barreiras e virou a coisa mais sem graça que existe. Então é preciso reformular. É preciso ariscar uma novíssima forma de indagar as fronteiras da comédia.

E eu sugiro, urgentemente, irmos para o extremo oposto: o que o limite da desgraça? O fulano pode subir num pulo do primeiro repórter perguntar a um comediante quais eram os limites de humor, milhares de repórteres repetiram a mesma pergunta a milhares de comediantes. E ninguém aguenta mais. A pergunta sobrou a tola de uma mídia ultrapassou a baliza

ra da esquerda" daí não dá mais. É preciso parar essas pessoas. Porque uma coisa é tirar a Dilma (sempre deixando claro que foi golpe, sim). A outra é tirar a vida de mais de 640 mil brasileiros. Uma coisa era ser um hip hop negacionista que dava vida a tríplice e passava a vida achando que daí espirro do filho era sinal de autismo. Outra é negar a transição de um sangue "vacinado contra a Covid" para o filho morrendo.

Uma coisa é defender pluralidade e contratar pensadores da direita, outra é dar espaço para textos que iniciam racismo e, francamente, são mal escritos pra caca. Uma coisa é de fender liberdade de expressão, outra é achar que nazismo pode ser considerado "uma opinião". Se há 15 anos existiam "placards de mão" isso se provou um absurdo que hoje nos faz querer morrer de tanta culpa e vergonha, como vai ser quando, no

futuro, a gente perceber que em 2022 o racismo e o nazismo foram confundidos —até mesmo em manchetes de jornais respeitáveis— com pontos ou assuntos ou debates? E o retrocesso do retrocesso do retrocesso. É o fundo do poço.

É preciso discutir os limites da desgraça. Talvez seja ok matar bichinhos e crôves, mas quando foi que destruímos tanto o ambiente e o ponto de os desastres climáticos se tornarem rotina? Como encavar que no futuro nossos filhos talvez não tenham água para beber? Um jovem preto foi espancado e morto em seu local de trabalho, que continuou funcionando enquanto o corpo negro estava ali no chão. Quem viu essa foto? Ah, é notícia antiga não é. Aconteceu ontem e deve ter acontecido agora mesmo. Preocupados como limites do humor, não notamos o quanto já ultrapassamos todos os limites da tristeza.

| DOM, Antonio Prata | SEG, Marcia Castro, Maria Homem | TER, Vera Iaconelli | QUA, Ilona Szabó de Carvalho, Jairo Marques | QUI, Sérgio Rodrigues | SEX, Tati Bernardi | SÁB, Oscar Vilhena Vieira, Luís Francisco Carvalho Filho

## 94% dos alunos de 6º ano têm nível baixo ou adequado em matemática

Dados são avaliação feita pela Prefeitura de São Paulo para identificar perdas durante a pandemia

**Isabela Palhares**

**SÃO PAULO** Nas escolas municipais de São Paulo, 94% dos alunos do 6º ano do ensino fundamental estão com nível de aprendizado abaixo do adequado para a série em matemática. Entre os que estão no 6º ano, 85% não aprenderam o que era esperado.

Os dados são da Prova São Paulo, avaliação feita pela Secretaria Municipal de Educação, no fim do ano letivo de 2021. Os resultados mostram um aumento da defasagem dos estudantes em relação a 2019, última vez em que a prova havia sido aplicada.

O aumento de alunos com aprendizado abaixo do esperado aconteceu em todas as áreas avaliadas: matemática, língua portuguesa e ciências naturais.

"O efeito devastador da pandemia no aprendizado dos nossos alunos. Essa perda já tinha sido verificada em outros países e agora começa a se disseminar o tamanho do problema que temos pela frente", diz Fernando Padua, secretário de Educação do município. O Brasil foi um dos países que ficou mais tempo com escolas fechadas.

A avaliação identificou que, entre os alunos de 6º ano do ensino fundamental, 36% tinham conhecimento abaixo do básico, e 39%, no nível básico em língua portuguesa. Esses dois níveis são considerados abaixo do adequado para a série, totalizando 75% dos estudantes nessa série. Não alcançaram os resultados esperados para essa etapa significa que o aluno terminou o 6º ano sem conseguir identificar a ideia central de um texto simples ou sem saber analisar informações em gráficos e tabelas.

Apenas 23% dos alunos alcançaram o nível considerado o adequado em língua portuguesa e 2% com conhecimento abaixo do adequado em matemática no 6º ano é ainda maior. Os resultados mostram que 2% tinham conhecimento abaixo do nível básico, e 4%, no nível básico, somando 85%. Esses estudantes não conseguem, por exemplo, solucionar problemas simples que envolvam uma das quatro operações fundamentais: adição, subtração, divisão e multiplicação.

Apenas 13% atingiram o patamar adequado e 2% estão com conhecimento avançado em matemática. Em ciências naturais, 85% dos alunos do 6º ano também estão nos dois níveis considerados abaixo do adequado para a série. Os resultados dos índices ainda maiores de alunos com grave defasagem. Apenas 2% conseguiram aprender o que é considerado adequado em língua portuguesa —os outros 98% estão com conhecimentos abaixo do nível básico ou básico. Em matemática, 50% atingiram o patamar adequado e 94% estão com conhecimento abaixo do esperado. São alunos que terminaram o ensino fundamental sem ter aprendido, por exemplo, como resolver problemas de probabilidade ou sem saber usar o teorema de Pitágoras.

A avaliação também foi feita com os estudantes do 3º ano, série em que encerram o ciclo de alfabetização, mas os dados ainda não foram com-

putados pela secretaria. Dos cerca de 380 mil alunos das séries avaliadas, 71% fizeram a prova. Segundo Padua, os resultados vão ajudar a pasta a fortalecer programas de recuperação contínua do aprendizado dos alunos nos próximos anos, com foco especial na alfabetização mesmo para estudantes que estão em séries mais avançadas.

"Estamos pensando em criar turmas para aprimorar a alfabetização mesmo daqueles que estão em séries em que esse aprendizado já deveria ter acontecido", disse. As escolas poderão ofertar a recuperação no contraturno, ensino previsto de 4 a 12 semanas de aulas complementares para alunos com maior defasagem.

Os professores da rede municipal também receberão cursos de formação para que possam elaborar estratégias de ensino que levem em consideração o aumento da defasagem dos estudantes. Eles também receberão vídeos com opções de abordagens diferentes para os conteúdos que forem identificados como de maior dificuldade de pelos estudantes.

Apartir deste ano, a secretaria vai ampliar a participação de especialistas dando apoio em sala de aula. Até o momento, eles só atuavam nas turmas de 1º a 2º ano do fundamental. Agora, também vão dar suporte ao 3º ano. O secretário lembrou que muitos desses estudantes ficaram quase dois anos sem frequentar as escolas, por isso, destaca que o início deste ano letivo presencial é obrigatório a todos é o primeiro passo para a recuperação do aprendizado.

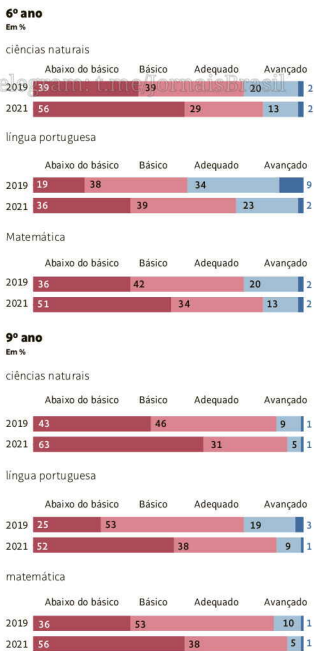
No ano passado, a prefeitura só autorizou as escolas municipais a voltarem a receber todos os alunos, ou seja, sem reprovação, no fim de outubro. Ainda assim, o retorno dos estudantes era facultativo.

Em outubro do ano passado, uma auditoria do TCM (Tribunal de Contas do Município) constatou que o município ainda não tinha adotado nenhuma ação eficiente para avaliar e entender o tamanho do prejuízo educacional dos estudantes. O tribunal também alertou para a baixa efetividade do programa de recuperação que foi feito em 2021, já que, dos mais de 400 mil alunos

**Mônica Gardelli** doutora em educação e currículo pela PUC-SP

### Perdas de aprendizado

Defasagem disparou durante a pandemia



Fonte: Prova São Paulo 2021, Secretaria Municipal de Educação de São Paulo

**Uau, como é bom relaxar numa Lafer!!!**

**PEÇAS ÚNICAS**

**50% de desconto\***

em 10x no cartão  
consulte uma de nossas lojas

**interdomus LAFER**

R. do Lavapés 4 - T. 0208.67.22  
R. do Lavapés 4 - T. 0208.67.22  
R. do Lavapés 4 - T. 0208.67.22  
R. do Lavapés 4 - T. 0208.67.22

[www.lafer.com.br](http://www.lafer.com.br)



# Promulgada PEC que isenta de IPTU imóveis alugados a tempo

Proposta foi aprovada com a urgência para texto que legaliza jogos de azar

Renato Machado  
e Danielle Brant

**BRÁSILIA.** O Congresso Nacional promulgou nesta quinta-feira (17) uma PEC (Proposta de Emenda à Constituição) que prevê isenção de IPTU (Imposto Predial Territorial Urbano) para imóveis alugados por tempos e igrejas. A proposta havia encerrado a sua tramitação em dezembro, quando foi aprovada a votação pela Câmara dos Deputados. Na ocasião, parlamentares afirmaram que se tratava de uma sinalização para a bancada evangélica, para

compensar a decisão do presidente Arthur Lira (PP-AL) e pautar urgência de um projeto que legaliza jogos de azar. Lira negou qualquer relação entre as duas matérias e, na época, indicou que o projeto de jogos seria votado em fevereiro. A PEC promulgada é de autoria do ex-senador Marcelo Crivella (Republicanos-RJ), bispo da Igreja Universal do Reino de Deus. A Constituição brasileira já prevê a imunidade tributária para templos de qualquer culto. A nova proposta amplia o benefício para imóveis que sejam alu-

gados por templos ou igrejas. Ao justificar a proposta, Crivella afirmou que a principal questão para a incidência ou não do imposto não seria caracterização da propriedade do imóvel, mas a existência ou não da prática religiosa. "Como se sabe, os contratos de locação costumam conter previsão de transferência da responsabilidade de pagamento do IPTU do locatário para o locatário. Em razão disso, as entidades religiosas, embora imunes a impostos, acabam suportando o ônus do referido imposto nos casos em que não têm a pro-

priedade dos imóveis, o que, a nosso ver, é contrário à intenção do Constituinte", afirmou o ex-senador na justificativa do projeto. "Além de violar a liberdade de crença, a criação de obstáculo para o exercício das atividades religiosas, mesmo que por meio da exigência de impostos, não é interessante, pois, como se sabe, as igrejas cumprem papel social extremamente relevante e indispensável para o país, não desigual como ainda é o Brasil", concluiu. No Senado, a PEC foi aprovada em 2016 e relatada pelo pai de Lira, o então sena-

dor Benedito de Lira (PP-AL). Em seu parecer, ele explicou que, conforme entendimento firmado pelo STF (Supremo Tribunal Federal), "não apenas os imóveis de propriedade de templos efetivamente utilizados em suas atividades são imunes, mas também aqueles porventura alugados a terceiros cuja renda seja revertida em benefício das finalidades do projeto. Nesta quinta-feira, o presidente do Congresso, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), lembrou que a Constituição reconhece a liberdade de crença e de prática religiosa. "Desse reconhecimento, advém como consequência lógica a concessão de imunidade tributária aos templos religiosos de qualquer culto, quer qual seja, conforme preceito do artigo 150 da Constituição", afirmou. Ele lembrou os questionamentos judiciais sobre a abrangência da imunidade tributária devida aos templos religiosos sediados em imóveis alugados. "Na prática corren-

te do mercado imobiliário, os contratos de locação costumam prever a transferência da responsabilidade de pagamento do IPTU do locador para o locatário", ressaltou. "Em razão disso, as entidades religiosas com frequência têm que se deparar com obrigações legais de arcar com esses ônus, contrariando assim a intenção manifestada do texto constitucional". Pacheco afirmou que a promulgação da PEC afasta mal-entendidos e impede restrições à liberdade de crença. "É uma leitura perniciosa com a do advogado Samir Nemer, sócio do FurtadoNemer Advogados. "A Constituição já concede isenção tributária para os templos de qualquer culto, de forma a proteger a liberdade de crença, mas era omissão quanto aos imóveis alugados", disse. "Com a emenda promulgada, agora não há mais o que se discutir, pois a abrangência da imunidade tributária devida aos templos religiosos sediados em imóveis alugados é uma prática reconhecida nessas locações".

## Morre Candido Mendes de Almeida, aos 93, membro da Academia Brasileira de Letras

Philippe Watanabe e Wesley Farad Klimpel

**SÃO PAULO.** Candido Mendes de Almeida morreu, aos 93 anos, nesta quinta-feira (17), no Rio de Janeiro. Além do longo histórico acadêmico, ele ocupava, desde 1989, a cadeira número 35 da Academia Brasileira de Letras. Almeida nasceu no Rio de Janeiro em 1928.

Algumas de suas obras são "O País da Paciência", "Subcultura e Mudança: Por Que Não Emengonho do meu País" e "A Renda Armada".

O acadêmico passou períodos como professor em diversas importantes instituições de ensino nacionais e internacionais, como PUC-RJ, FGV, Universidade Brown, Universidade de New York, Universidade do Novo México, Universidade da Califórnia, Universidade Stanford, Universidade Columbia, Universidade Harvard, Universidade Princeton. Também foi diretor da Universidade Candido Mendes. Também fez parte de orga-

nizações internacionais, na posição de presidente do Comitê de Programas do International Social Science Council e na de membro do Conselho Diretor do International Institute for Educational Planning. Em 1961, atuou no governo de Jânio Quadros como chefe da assessoria técnica do presidente.

A morte de Almeida, que também era advogado, foi lamentada no universo jurídico. Felipe Santa Cruz, ex-presidente da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil), relembrou o papel do acadêmico na ditadura militar, na qual defendeu os tios de Santa Cruz na ditadura.

Durante esse período, o acadêmico lutou na defesa de presos e perseguidos políticos, ao lado da Igreja Católica. O acadêmico fundou, em 1969, o Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (Iuperj), que abriu espaço a professores e intelectuais que eram acusados pelos militares de serem

subversivos e, por isso, não podiam trabalhar. "Culto, democrata e dono de espírito público único, viveu uma vida plena e espalhou na terra os frutos da sua fé. Desencanar-se-á os JUSTOS", postou o ex-presidente da OAB, em suas redes sociais.

Almeida também teve uma passagem pela carreira política. Foi candidato pelo PMB em 1986, à Câmara dos Deputados, quando conseguiu o cargo de suplente. Dois anos depois, foi um dos fundadores do PSDB.

Em julho de 1990, assumiu como deputado federal, com o cargo de suplente.

“Culto, democrata e dono de espírito público único, viveu uma vida plena”

Felipe Santa Cruz, ex-presidente da OAB

alicença de Jorge Leite, ficando na função até fevereiro de 1991, quando acabou o mandato. Em 1994 tentou outra vaga como deputado federal, agora pelo PSDB, e mais uma vez acabou a suplência. Em setembro de 1997 assumiu a cadeira, deixando cargo em janeiro de 1998.

Claudia Costin, ex-diretora de Educação do Banco Mundial, também lamentou a perda de Almeida.

A Universidade Candido Mendes, na qual foi reitor, publicou uma nota de pesar. "Enlutados com a perda irreparável para a Universidade Candido Mendes, continuaremos honrando a memória e o legado do Prof. Candido na luta permanente pela democratização do acesso à educação no país e o desenvolvimento do ensino de excelência, que marcará para sempre a história de transformação da sociedade brasileira através da educação. O corpo de Almeida será cremado na sexta-feira.



Agente do Procon realiza fiscalização no Mercado Municipal de São Paulo. Zanele Freitas/Folhapress

## Fiscais do Procon investigam golpe da mortadela no Mercadão

**SÃO PAULO.** Depois do golpe do frango, os comerciantes do Mercado Municipal Paulista, na região central de São Paulo, são acusados de aplicar golpe da mortadela.

Fiscais do Procon foram acionados há cerca de um mês para verificar denúncias de que o principal ingrediente do famoso sanduíche é vendido de maneira diferente da anunciada. "Os donos de estabelecimentos não comprovam a compra da mortadela, a marca anunciada, mas também não mostram nenhuma pecanha fechada no estoque", diz o diretor geral do Procon, Fernando Capez.

O lance de mortadela vendido no Mercadão leva cerca de 12 fatias do embutido, ou 400 gramas, aproximadamente. O preço varia entre R\$ 10 e R\$ 60 de acordo com os recheios adicionados, sendo o provável de derreter o mal pedido. Na quarta, fiscais do Procon autuaram 11 barracas

de frutas no Mercadão ao comercializar a fruta sem uma série de irregularidades. No total, 17 foram vistoriadas. Uma delas efetua vendas sem emitir nota fiscal. Outro estabelecimento foi multado por manter a balança escondida na parte da trás da barraca, o que impede a verificação dos preços.

Foi constatada também a venda de frutas importadas com o prazo de validade vencido, além de produtos oferecidos sem a informação da procedência.

Os casos de lojas que não emitiam nota fiscal, o que tinham comprovante de compra com CNPJ diferente do informado na nota fiscal, serão encaminhados para a secretaria estadual da Fazenda. Ao menos três barracas apresentaram números de CNPJ diferentes.

Procurada, a concessionária Mercado SP&P afirmou que irá apurar as denúncias e punir se forem constatadas irregularidades.



Candido Mendes de Almeida, acadêmico membro da ABL. Reprodução/TV Globo

**MUNICÍPIO DA ESTÂNCIA BALNEÁRIA DE PRAIA GRANDE**  
Estado de São Paulo  
**AVISO DE LICITAÇÃO**  
Pregão Eletrônico nº 016/2022  
Objeto: "REGISTRO DE PREÇOS PARA AQUISIÇÃO DE MEDICAMENTOS IV"  
Processo Administrativo: 033/2022  
Data do Pregão: 15/03/2022 às 10h00 (Horário Oficial de Brasília - DF)  
Endereço: www.bce.org.br  
Número do Edital de Licitação: 855/2020-01022/2022-00022  
**APURA CONCORDÂNCIA**  
A Prefeitura da Estância Balneária de Praia Grande, através da Secretaria de Saúde Pública, torna público que, na data, horário e local acima especificado, há seleção licitante na modalidade Pregão Eletrônico com o objetivo de registro de preços de MEDICAMENTO PRECISO INTRA-VEIA.  
Nota para registro de preços: R\$ 70,50 (setenta e sete reais e cinquenta e cinco centavos)  
Local e horário para pagamento da taxa: Banco Santander - das 10h00 às 16h00 - Rua Brás Bradesco 1000 - 13060-000  
Local e horário para retirada do edital: Avenida Presidente Kennedy, nº 3000, 1º Andar, Vila Mirim - Praia Grande/SP - Juntas/Departamento de Licitação, das 09h00 às 16h00 horas, ou, gratuitamente, na página eletrônica dos editais: www.pregao.sp.gov.br e www.bce.org.br  
Prazo Garante: 17 de fevereiro de 2022  
na página eletrônica dos editais: www.pregao.sp.gov.br e www.bce.org.br  
JOSE ISMAEL COSTA LIMA - Nota nº 37, Secretário da Saúde Pública

**PREFEITURA MUNICIPAL DE ANHEMBI - Estado de São Paulo**  
**PROCESSO 406/2022 LICITAÇÃO: Convite nº 06/2022, 06.01.20, Contratação do Postel 02 do Distrito do Prato, TPO: Menor preço global. PRAGMÁTICO, conforme edital. Retirada do Edital: apresentação no Departamento de Licitação do PMP Municipal (Praça Prefeito Israel Morais do Amaral, 67, Centro), no e-mail: [licitacao@anhembi.sp.gov.br](mailto:licitacao@anhembi.sp.gov.br) no dia 16/02/2022. Entrega dos envelopes: até às 09h00 do dia 16/02/2022. Abertura dos envelopes: a partir das 09h00 do dia 16/02/2022. Endereços: pelo telefone (11) 3884-9620. Anhembi, 17/02/2022. Lúndevy Augusto Mota - Prefeito Municipal.**  
**Pregão Presencial 04/2022:** Objeto: Contratação de empresa especializada para a realização de exames laboratoriais, de acordo com as normas estabelecidas pelo Ministério da Saúde, para atender o Departamento Municipal de Saúde de Anhembi-SP TPO: Menor preço global. PRAGMÁTICO. Edital: Solicitação do edital e esclarecimentos: presencialmente no PMP Municipal, sala 1, Praça Prefeito Israel Morais do Amaral, 67, Centro, pelo telefone (11) 3884-9620 ou pelo e-mail: [licitacao@anhembi.sp.gov.br](mailto:licitacao@anhembi.sp.gov.br). Entrega dos envelopes: até às 09h00 do dia 04/02/2022. Endereços: abertura dos envelopes e fase de lances: 08/02/2022 a partir das 09h00. Local: Sala de Licitação do PMP Municipal. Os demais atos estarão disponíveis no endereço eletrônico [www.licitacao@anhembi.sp.gov.br](http://www.licitacao@anhembi.sp.gov.br). Anhembi, 17/02/2022. Lúndevy Augusto Mota - Prefeito Municipal.

**Nova Aditivos Brasil Ltda.**  
CNPJ nº 16.431.800/0001-00 - NIRE 35.232.748-00  
**Empresa: Contrato de Transporte**  
Nova Aditivos Brasil Ltda., CNPJ 43.216.803/0001-00, NIRE 35.232.748-00, com sede na Rodovia João Nogueira, 107, Edifício Crespo (Pôrto B), São Roque da Chave, CEP 13201-424, Cidade de Itapetininga (SP), inscrita em função de transporte, o completo de alíquotas, passagens, embarques e correio, dentro do prazo de validade, para o transporte de passageiros e cargas, com sede na Rua Alexandre Dantas, 171, B. 1º andar, 1º andar, Cordeiro C. Chaves, São Roque da Chave, CEP 13201-424, Cidade de Itapetininga (SP), inscrita em função de transporte, o completo de alíquotas, passagens, embarques e correio, dentro do prazo de validade, para o transporte de passageiros e cargas, com sede na Rua Alexandre Dantas, 171, B. 1º andar, 1º andar, Cordeiro C. Chaves, São Roque da Chave, CEP 13201-424, Cidade de Itapetininga (SP), inscrita em função de transporte, o completo de alíquotas, passagens, embarques e correio, dentro do prazo de validade, para o transporte de passageiros e cargas, com sede na Rua Alexandre Dantas, 171, B. 1º andar, 1º andar, Cordeiro C. Chaves, São Roque da Chave, CEP 13201-424, Cidade de Itapetininga (SP), inscrita em função de transporte, o completo de alíquotas, passagens, embarques e correio, dentro do prazo de validade, para o transporte de passageiros e cargas, com sede na Rua Alexandre Dantas, 171, B. 1º andar, 1º andar, Cordeiro C. Chaves, São Roque da Chave, CEP 13201-424, Cidade de Itapetininga (SP), inscrita em função de transporte, o completo de alíquotas, passagens, embarques e correio, dentro do prazo de validade, para o transporte de passageiros e cargas, com sede na Rua Alexandre Dantas, 171, B. 1º andar, 1º andar, Cordeiro C. Chaves, São Roque da Chave, CEP 13201-424, Cidade de Itapetininga (SP), inscrita em função de transporte, o completo de alíquotas, passagens, embarques e correio, dentro do prazo de validade, para o transporte de passageiros e cargas, com sede na Rua Alexandre Dantas, 171, B. 1º andar, 1º andar, Cordeiro C. Chaves, São Roque da Chave, CEP 13201-424, Cidade de Itapetininga (SP), inscrita em função de transporte, o completo de alíquotas, passagens, embarques e correio, dentro do prazo de validade, para o transporte de passageiros e cargas, com sede na Rua Alexandre Dantas, 171, B. 1º andar, 1º andar, Cordeiro C. Chaves, São Roque da Chave, CEP 13201-424, Cidade de Itapetininga (SP), inscrita em função de transporte, o completo de alíquotas, passagens, embarques e correio, dentro do prazo de validade, para o transporte de passageiros e cargas, com sede na Rua Alexandre Dantas, 171, B. 1º andar, 1º andar, Cordeiro C. Chaves, São Roque da Chave, CEP 13201-424, Cidade de Itapetininga (SP), inscrita em função de transporte, o completo de alíquotas, passagens, embarques e correio, dentro do prazo de validade, para o transporte de passageiros e cargas, com sede na Rua Alexandre Dantas, 171, B. 1º andar, 1º andar, Cordeiro C. Chaves, São Roque da Chave, CEP 13201-424, Cidade de Itapetininga (SP), inscrita em função de transporte, o completo de alíquotas, passagens, embarques e correio, dentro do prazo de validade, para o transporte de passageiros e cargas, com sede na Rua Alexandre Dantas, 171, B. 1º andar, 1º andar, Cordeiro C. Chaves, São Roque da Chave, CEP 13201-424, Cidade de Itapetininga (SP), inscrita em função de transporte, o completo de alíquotas, passagens, embarques e correio, dentro do prazo de validade, para o transporte de passageiros e cargas, com sede na Rua Alexandre Dantas, 171, B. 1º andar, 1º andar, Cordeiro C. Chaves, São Roque da Chave, CEP 13201-424, Cidade de Itapetininga (SP), inscrita em função de transporte, o completo de alíquotas, passagens, embarques e correio, dentro do prazo de validade, para o transporte de passageiros e cargas, com sede na Rua Alexandre Dantas, 171, B. 1º andar, 1º andar, Cordeiro C. Chaves, São Roque da Chave, CEP 13201-424, Cidade de Itapetininga (SP), inscrita em função de transporte, o completo de alíquotas, passagens, embarques e correio, dentro do prazo de validade, para o transporte de passageiros e cargas, com sede na Rua Alexandre Dantas, 171, B. 1º andar, 1º andar, Cordeiro C. Chaves, São Roque da Chave, CEP 13201-424, Cidade de Itapetininga (SP), inscrita em função de transporte, o completo de alíquotas, passagens, embarques e correio, dentro do prazo de validade, para o transporte de passageiros e cargas, com sede na Rua Alexandre Dantas, 171, B. 1º andar, 1º andar, Cordeiro C. Chaves, São Roque da Chave, CEP 13201-424, Cidade de Itapetininga (SP), inscrita em função de transporte, o completo de alíquotas, passagens, embarques e correio, dentro do prazo de validade, para o transporte de passageiros e cargas, com sede na Rua Alexandre Dantas, 171, B. 1º andar, 1º andar, Cordeiro C. Chaves, São Roque da Chave, CEP 13201-424, Cidade de Itapetininga (SP), inscrita em função de transporte, o completo de alíquotas, passagens, embarques e correio, dentro do prazo de validade, para o transporte de passageiros e cargas, com sede na Rua Alexandre Dantas, 171, B. 1º andar, 1º andar, Cordeiro C. Chaves, São Roque da Chave, CEP 13201-424, Cidade de Itapetininga (SP), inscrita em função de transporte, o completo de alíquotas, passagens, embarques e correio, dentro do prazo de validade, para o transporte de passageiros e cargas, com sede na Rua Alexandre Dantas, 171, B. 1º andar, 1º andar, Cordeiro C. Chaves, São Roque da Chave, CEP 13201-424, Cidade de Itapetininga (SP), inscrita em função de transporte, o completo de alíquotas, passagens, embarques e correio, dentro do prazo de validade, para o transporte de passageiros e cargas, com sede na Rua Alexandre Dantas, 171, B. 1º andar, 1º andar, Cordeiro C. Chaves, São Roque da Chave, CEP 13201-424, Cidade de Itapetininga (SP), inscrita em função de transporte, o completo de alíquotas, passagens, embarques e correio, dentro do prazo de validade, para o transporte de passageiros e cargas, com sede na Rua Alexandre Dantas, 171, B. 1º andar, 1º andar, Cordeiro C. Chaves, São Roque da Chave, CEP 13201-424, Cidade de Itapetininga (SP), inscrita em função de transporte, o completo de alíquotas, passagens, embarques e correio, dentro do prazo de validade, para o transporte de passageiros e cargas, com sede na Rua Alexandre Dantas, 171, B. 1º andar, 1º andar, Cordeiro C. Chaves, São Roque da Chave, CEP 13201-424, Cidade de Itapetininga (SP), inscrita em função de transporte, o completo de alíquotas, passagens, embarques e correio, dentro do prazo de validade, para o transporte de passageiros e cargas, com sede na Rua Alexandre Dantas, 171, B. 1º andar, 1º andar, Cordeiro C. Chaves, São Roque da Chave, CEP 13201-424, Cidade de Itapetininga (SP), inscrita em função de transporte, o completo de alíquotas, passagens, embarques e correio, dentro do prazo de validade, para o transporte de passageiros e cargas, com sede na Rua Alexandre Dantas, 171, B. 1º andar, 1º andar, Cordeiro C. Chaves, São Roque da Chave, CEP 13201-424, Cidade de Itapetininga (SP), inscrita em função de transporte, o completo de alíquotas, passagens, embarques e correio, dentro do prazo de validade, para o transporte de passageiros e cargas, com sede na Rua Alexandre Dantas, 171, B. 1º andar, 1º andar, Cordeiro C. Chaves, São Roque da Chave, CEP 13201-424, Cidade de Itapetininga (SP), inscrita em função de transporte, o completo de alíquotas, passagens, embarques e correio, dentro do prazo de validade, para o transporte de passageiros e cargas, com sede na Rua Alexandre Dantas, 171, B. 1º andar, 1º andar, Cordeiro C. Chaves, São Roque da Chave, CEP 13201-424, Cidade de Itapetininga (SP), inscrita em função de transporte, o completo de alíquotas, passagens, embarques e correio, dentro do prazo de validade, para o transporte de passageiros e cargas, com sede na Rua Alexandre Dantas, 171, B. 1º andar, 1º andar, Cordeiro C. Chaves, São Roque da Chave, CEP 13201-424, Cidade de Itapetininga (SP), inscrita em função de transporte, o completo de alíquotas, passagens, embarques e correio, dentro do prazo de validade, para o transporte de passageiros e cargas, com sede na Rua Alexandre Dantas, 171, B. 1º andar, 1º andar, Cordeiro C. Chaves, São Roque da Chave, CEP 13201-424, Cidade de Itapetininga (SP), inscrita em função de transporte, o completo de alíquotas, passagens, embarques e correio, dentro do prazo de validade, para o transporte de passageiros e cargas, com sede na Rua Alexandre Dantas, 171, B. 1º andar, 1º andar, Cordeiro C. Chaves, São Roque da Chave, CEP 13201-424, Cidade de Itapetininga (SP), inscrita em função de transporte, o completo de alíquotas, passagens, embarques e correio, dentro do prazo de validade, para o transporte de passageiros e cargas, com sede na Rua Alexandre Dantas, 171, B. 1º andar, 1º andar, Cordeiro C. Chaves, São Roque da Chave, CEP 13201-424, Cidade de Itapetininga (SP), inscrita em função de transporte, o completo de alíquotas, passagens, embarques e correio, dentro do prazo de validade, para o transporte de passageiros e cargas, com sede na Rua Alexandre Dantas, 171, B. 1º andar, 1º andar, Cordeiro C. Chaves, São Roque da Chave, CEP 13201-424, Cidade de Itapetininga (SP), inscrita em função de transporte, o completo de alíquotas, passagens, embarques e correio, dentro do prazo de validade, para o transporte de passageiros e cargas, com sede na Rua Alexandre Dantas, 171, B. 1º andar, 1º andar, Cordeiro C. Chaves, São Roque da Chave, CEP 13201-424, Cidade de Itapetininga (SP), inscrita em função de transporte, o completo de alíquotas, passagens, embarques e correio, dentro do prazo de validade, para o transporte de passageiros e cargas, com sede na Rua Alexandre Dantas, 171, B. 1º andar, 1º andar, Cordeiro C. Chaves, São Roque da Chave, CEP 13201-424, Cidade de Itapetininga (SP), inscrita em função de transporte, o completo de alíquotas, passagens, embarques e correio, dentro do prazo de validade, para o transporte de passageiros e cargas, com sede na Rua Alexandre Dantas, 171, B. 1º andar, 1º andar, Cordeiro C. Chaves, São Roque da Chave, CEP 13201-424, Cidade de Itapetininga (SP), inscrita em função de transporte, o completo de alíquotas, passagens, embarques e correio, dentro do prazo de validade, para o transporte de passageiros e cargas, com sede na Rua Alexandre Dantas, 171, B. 1º andar, 1º andar, Cordeiro C. Chaves, São Roque da Chave, CEP 13201-424, Cidade de Itapetininga (SP), inscrita em função de transporte, o completo de alíquotas, passagens, embarques e correio, dentro do prazo de validade, para o transporte de passageiros e cargas, com sede na Rua Alexandre Dantas, 171, B. 1º andar, 1º andar, Cordeiro C. Chaves, São Roque da Chave, CEP 13201-424, Cidade de Itapetininga (SP), inscrita em função de transporte, o completo de alíquotas, passagens, embarques e correio, dentro do prazo de validade, para o transporte de passageiros e cargas, com sede na Rua Alexandre Dantas, 171, B. 1º andar, 1º andar, Cordeiro C. Chaves, São Roque da Chave, CEP 13201-424, Cidade de Itapetininga (SP), inscrita em função de transporte, o completo de alíquotas, passagens, embarques e correio, dentro do prazo de validade, para o transporte de passageiros e cargas, com sede na Rua Alexandre Dantas, 171, B. 1º andar, 1º andar, Cordeiro C. Chaves, São Roque da Chave, CEP 13201-424, Cidade de Itapetininga (SP), inscrita em função de transporte, o completo de alíquotas, passagens, embarques e correio, dentro do prazo de validade, para o transporte de passageiros e cargas, com sede na Rua Alexandre Dantas, 171, B. 1º andar, 1º andar, Cordeiro C. Chaves, São Roque da Chave, CEP 13201-424, Cidade de Itapetininga (SP), inscrita em função de transporte, o completo de alíquotas, passagens, embarques e correio, dentro do prazo de validade, para o transporte de passageiros e cargas, com sede na Rua Alexandre Dantas, 171, B. 1º andar, 1º andar, Cordeiro C. Chaves, São Roque da Chave, CEP 13201-424, Cidade de Itapetininga (SP), inscrita em função de transporte, o completo de alíquotas, passagens, embarques e correio, dentro do prazo de validade, para o transporte de passageiros e cargas, com sede na Rua Alexandre Dantas, 171, B. 1º andar, 1º andar, Cordeiro C. Chaves, São Roque da Chave, CEP 13201-424, Cidade de Itapetininga (SP), inscrita em função de transporte, o completo de alíquotas, passagens, embarques e correio, dentro do prazo de validade, para o transporte de passageiros e cargas, com sede na Rua Alexandre Dantas, 171, B. 1º andar, 1º andar, Cordeiro C. Chaves, São Roque da Chave, CEP 13201-424, Cidade de Itapetininga (SP), inscrita em função de transporte, o completo de alíquotas, passagens, embarques e correio, dentro do prazo de validade, para o transporte de passageiros e cargas, com sede na Rua Alexandre Dantas, 171, B. 1º andar, 1º andar, Cordeiro C. Chaves, São Roque da Chave, CEP 13201-424, Cidade de Itapetininga (SP), inscrita em função de transporte, o completo de alíquotas, passagens, embarques e correio, dentro do prazo de validade, para o transporte de passageiros e cargas, com sede na Rua Alexandre Dantas, 171, B. 1º andar, 1º andar, Cordeiro C. Chaves, São Roque da Chave, CEP 13201-424, Cidade de Itapetininga (SP), inscrita em função de transporte, o completo de alíquotas, passagens, embarques e correio, dentro do prazo de validade, para o transporte de passageiros e cargas, com sede na Rua Alexandre Dantas, 171, B. 1º andar, 1º andar, Cordeiro C. Chaves, São Roque da Chave, CEP 13201-424, Cidade de Itapetininga (SP), inscrita em função de transporte, o completo de alíquotas, passagens, embarques e correio, dentro do prazo de validade, para o transporte de passageiros e cargas, com sede na Rua Alexandre Dantas, 171, B. 1º andar, 1º andar, Cordeiro C. Chaves, São Roque da Chave, CEP 13201-424, Cidade de Itapetininga (SP), inscrita em função de transporte, o completo de alíquotas, passagens, embarques e correio, dentro do prazo de validade, para o transporte de passageiros e cargas, com sede na Rua Alexandre Dantas, 171, B. 1º andar, 1º andar, Cordeiro C. Chaves, São Roque da Chave, CEP 13201-424, Cidade de Itapetininga (SP), inscrita em função de transporte, o completo de alíquotas, passagens, embarques e correio, dentro do prazo de validade, para o transporte de passageiros e cargas, com sede na Rua Alexandre Dantas, 171, B. 1º andar, 1º andar, Cordeiro C. Chaves, São Roque da Chave, CEP 13201-424, Cidade de Itapetininga (SP), inscrita em função de transporte, o completo de alíquotas, passagens, embarques e correio, dentro do prazo de validade, para o transporte de passageiros e cargas, com sede na Rua Alexandre Dantas, 171, B. 1º andar, 1º andar, Cordeiro C. Chaves, São Roque da Chave, CEP 13201-424, Cidade de Itapetininga (SP), inscrita em função de transporte, o completo de alíquotas, passagens, embarques e correio, dentro do prazo de validade, para o transporte de passageiros e cargas, com sede na Rua Alexandre Dantas, 171, B. 1º andar, 1º andar, Cordeiro C. Chaves, São Roque da Chave, CEP 13201-424, Cidade de Itapetininga (SP), inscrita em função de transporte, o completo de alíquotas, passagens, embarques e correio, dentro do prazo de validade, para o transporte de passageiros e cargas, com sede na Rua Alexandre Dantas, 171, B. 1º andar, 1º andar, Cordeiro C. Chaves, São Roque da Chave, CEP 13201-424, Cidade de Itapetininga (SP), inscrita em função de transporte, o completo de alíquotas, passagens, embarques e correio, dentro do prazo de validade, para o transporte de passageiros e cargas, com sede na Rua Alexandre Dantas, 171, B. 1º andar, 1º andar, Cordeiro C. Chaves, São Roque da Chave, CEP 13201-424, Cidade de Itapetininga (SP), inscrita em função de transporte, o completo de alíquotas, passagens, embarques e correio, dentro do prazo de validade, para o transporte de passageiros e cargas, com sede na Rua Alexandre Dantas, 171, B. 1º andar, 1º andar, Cordeiro C. Chaves, São Roque da Chave, CEP 13201-424, Cidade de Itapetininga (SP), inscrita em função de transporte, o completo de alíquotas, passagens, embarques e correio, dentro do prazo de validade, para o transporte de passageiros e cargas, com sede na Rua Alexandre Dantas, 171, B. 1º andar, 1º andar, Cordeiro C. Chaves, São Roque da Chave, CEP 13201-424, Cidade de Itapetininga (SP), inscrita em função de transporte, o completo de alíquotas, passagens, embarques e correio, dentro do prazo de validade, para o transporte de passageiros e cargas, com sede na Rua Alexandre Dantas, 171, B. 1º andar, 1º andar, Cordeiro C. Chaves, São Roque da Chave, CEP 13201-424, Cidade de Itapetininga (SP), inscrita em função de transporte, o completo de alíquotas, passagens, embarques e correio, dentro do prazo de validade, para o transporte de passageiros e cargas, com sede na Rua Alexandre Dantas, 171, B. 1º andar, 1º andar, Cordeiro C. Chaves, São Roque da Chave, CEP 13201-424, Cidade de Itapetininga (SP), inscrita em função de transporte, o completo de alíquotas, passagens, embarques e correio, dentro do prazo de validade, para o transporte de passageiros e cargas, com sede na Rua Alexandre Dantas, 171, B. 1º andar, 1º andar, Cordeiro C. Chaves, São Roque da Chave, CEP 13201-424, Cidade de Itapetininga (SP), inscrita em função de transporte, o completo de alíquotas, passagens, embarques e correio, dentro do prazo de validade, para o transporte de passageiros e cargas, com sede na Rua Alexandre Dantas, 171, B. 1º andar, 1º andar, Cordeiro C. Chaves, São Roque da Chave, CEP 13201-424, Cidade de Itapetininga (SP), inscrita em função de transporte, o completo de alíquotas, passagens, embarques e correio, dentro do prazo de validade, para o transporte de passageiros e cargas, com sede na Rua Alexandre Dantas, 171, B. 1º andar, 1º andar, Cordeiro C. Chaves, São Roque da Chave, CEP 13201-424, Cidade de Itapetininga (SP), inscrita em função de transporte, o completo de alíquotas, passagens, embarques e correio, dentro do prazo de validade, para o transporte de passageiros e cargas, com sede na Rua Alexandre Dantas, 171, B. 1º andar, 1º andar, Cordeiro C. Chaves, São Roque da Chave, CEP 13201-424, Cidade de Itapetininga (SP), inscrita em função de transporte, o completo de alíquotas, passagens, embarques e correio, dentro do prazo de validade, para o transporte de passageiros e cargas, com sede na Rua Alexandre Dantas, 171, B. 1º andar, 1º andar, Cordeiro C. Chaves, São Roque da Chave, CEP 13201-424, Cidade de Itapetininga (SP), inscrita em função de transporte, o completo de alíquotas, passagens, embarques e correio, dentro do prazo de validade, para o transporte de passageiros e cargas, com sede na Rua Alexandre Dantas, 171, B. 1º andar, 1º andar, Cordeiro C. Chaves, São Roque da Chave, CEP 13201-424, Cidade de Itapetininga (SP), inscrita em função de transporte, o completo de alíquotas, passagens, embarques e correio, dentro do prazo de validade, para o transporte de passageiros e cargas, com sede na Rua Alexandre Dantas, 171, B. 1º andar, 1º andar, Cordeiro C. Chaves, São Roque da Chave, CEP 13201-424, Cidade de Itapetininga (SP), inscrita em função de transporte, o completo de alíquotas, passagens, embarques e correio, dentro do prazo de validade, para o transporte de passageiros e cargas, com sede na Rua Alexandre Dantas, 171, B. 1º andar, 1º andar, Cordeiro C. Chaves, São Roque da Chave, CEP 13201-424, Cidade de Itapetininga (SP), inscrita em função de transporte, o completo de alíquotas, passagens, embarques e correio, dentro do prazo de validade, para o transporte de passageiros e cargas, com sede na Rua Alexandre Dantas, 171, B. 1º andar, 1º andar, Cordeiro C. Chaves, São Roque da Chave, CEP 13201-424, Cidade de Itapetininga (SP), inscrita em função de transporte, o completo de alíquotas, passagens, embarques e correio, dentro do prazo de validade, para o transporte de passageiros e cargas, com sede na Rua Alexandre Dantas, 171, B. 1º andar, 1º andar, Cordeiro C. Chaves, São Roque da Chave, CEP 13201-424, Cidade de Itapetininga (SP), inscrita em função de transporte, o completo de alíquotas, passagens, embarques e correio, dentro do prazo de validade, para o transporte de passageiros e cargas, com sede na Rua Alexandre Dantas, 171, B. 1º andar, 1º andar, Cordeiro C. Chaves, São Roque da Chave, CEP 13201-424, Cidade de Itapetininga (SP), inscrita em função de transporte, o completo de alíquotas, passagens, embarques e correio, dentro do prazo de validade, para o transporte de passageiros e cargas, com sede na Rua Alexandre Dantas, 171, B. 1º andar, 1º andar, Cordeiro C. Chaves, São Roque da Chave, CEP 13201-424, Cidade de Itapetininga (SP), inscrita em função de transporte, o completo de alíquotas, passagens, embarques e correio, dentro do prazo de validade, para o transporte de passageiros e cargas, com sede na Rua Alexandre Dantas, 171, B. 1º andar, 1º andar, Cordeiro C. Chaves, São Roque da Chave, CEP 13201-424, Cidade de Itapetininga (SP), inscrita em função de transporte, o completo de alíquotas, passagens, embarques e correio, dentro do prazo de validade, para o transporte de passageiros e cargas, com sede na Rua Alexandre Dantas, 171, B. 1º andar, 1º andar, Cordeiro C. Chaves, São Roque da Chave, CEP 13201-424, Cidade de Itapetininga (SP), inscrita em função de transporte, o completo de alíquotas, passagens, embarques e correio, dentro do prazo de validade, para o transporte de passageiros e cargas, com sede na Rua Alexandre Dantas, 171, B. 1º andar, 1º andar, Cordeiro C. Chaves, São Roque da Chave, CEP 13201-424, Cidade de Itapetininga (SP), inscrita em função de transporte, o completo de alíquotas, passagens, embarques e correio, dentro do prazo de validade, para o transporte de passageiros e cargas, com sede na Rua Alexandre Dantas, 171, B. 1º andar, 1º andar, Cordeiro C. Chaves, São Roque da Chave, CEP 13201-424, Cidade de Itapetininga (SP), inscrita em função de transporte, o completo de alíquotas, passagens, embarques e correio, dentro do prazo de validade, para o transporte de passageiros e cargas, com sede na Rua Alexandre Dantas, 171, B. 1º andar, 1º andar, Cordeiro C. Chaves, São Roque da Chave, CEP 13201-424, Cidade de Itapetininga (SP), inscrita em função de transporte, o completo de alíquotas, passagens, embarques e correio, dentro do prazo de validade, para o transporte de passageiros e cargas, com sede na Rua Alexandre Dantas, 171, B. 1º andar, 1º andar, Cordeiro C. Chaves, São Roque da Chave, CEP 13201-424, Cidade de Itapetininga (SP), inscrita em função de transporte, o completo de alíquotas, passagens, embarques e correio, dentro do prazo de validade, para o transporte de passageiros e cargas, com sede na Rua Alexandre Dantas, 171, B. 1º andar, 1º andar, Cordeiro C. Chaves, São Roque da Chave, CEP 13201-424, Cidade de Itapetininga (SP), inscrita em função de transporte, o completo de alíquotas, passagens, embarques e correio, dentro do prazo de validade, para o transporte de passageiros e cargas, com sede na Rua Alexandre Dantas, 171, B. 1º andar, 1º andar, Cordeiro C. Chaves, São Roque da Chave, CEP 13201-424, Cidade de Itapetininga (SP), inscrita em função de transporte, o completo de alíquotas, passagens, embarques e correio, dentro do prazo de validade, para o transporte de passageiros e cargas, com sede







# TCU aponta indícios de fraude com insumo de cloroquina para Exército

Relatório afirma que fornecedora não é de pequeno porte e que há suspeita sobre 26 licitações

Vinícios Sassine

**BRÁSILIA** Um documento da área técnica do TCU (Tribunal de Contas da União), obtido pela Folha, aponta "indícios robustos" de fraude em licitações por parte da empresa que forneceu ao Exército o insumo necessário à produção de cloroquina.

A suposta fraude teria ocorrido em 26 licitações feitas entre 2018 e 2021 — período que abrange a pandemia —, conforme o relatório técnico do TCU de 3 de fevereiro deste ano. De total, 24 pregões ocorreram de 2019 em diante, no governo Jair Bolsonaro (PL).

Um desses pregões resultou na compra de insumo para produção de cloroquina pelo Laboratório Químico Farmacêutico do Exército. A explosão da produção ocorreu a partir de um desejo expresso de Bolsonaro, para combater a Covid-19.

O presidente, um crítico das vacinas, aposta desde o início da pandemia na cloroquina, uma droga usada no combate à malária e sem eficácia comprovada para a nova doença.

Os indícios de fraude foram detectados por auditores no curso de um processo aberto no TCU para investigar suspeita de superfaturamento na produção de cloroquina pelo Laboratório do Exército, a explosão de quantidades produzidas na pandemia, e a responsabilidade direta de Bolsonaro na produção.

Segundo o relatório produzido pelos técnicos, a empresa Sulminas Suplementos e Nutrição, contratada pelo Exército, foi responsável por fornecer o produto para o fornecimento de sal disfosfato, participou de licitações voltadas exclusivamente a empresas de pequeno porte. Indícios retirados pelos auditores apontam, porém, que o grupo do interior de Minas Gerais não se enquadrava nessa condição.

"Verificada a ocorrência de fraude comprovada à licitação, o tribunal declarou a inidoneidade do licitante fraudador para participar, por até cinco anos, da administração pública federal", afirmou o relatório.

A área técnica pediu a abertura de um processo a partir para investigar as suspeitas de fraude e para ouvir a Sulminas. A decisão caberá ao ministro relator do processo, Benjamin Zymler, que pode submeter a questão ao plenário do TCU.

Em nota, o grupo Sulminas afirmou que as licitações com participação de suas empresas foram de amplo conhecimento e participação pública e que os valores praticados são compatíveis aos de mercado. A empresa disse ainda



Profissional de saúde segura cartelas de sulfato de hidróxido de cloroquina, azitromicina e cloroquina

Uslei Marcelino - 5 jun. 2020 / Reuters

que os insumos foram entregues em cumprimento estrito a "requisitos de qualidade técnica e analítica necessários, nos termos especificados nos editais".

"O grupo está à disposição das autoridades para prestar qualquer esclarecimento que se faça necessário", afirmou o grupo, a Sulminas Suplementos está enquadrada no regime do Simples Nacional. Já a Sul de Minas Ingrediente, não foi enquadrada no mesmo regime, conforme a nota.

Os auditores do TCU apontaram dois indícios de fraude em licitações, no momento em que a primeira empresa do grupo se apresenta para os pregões como sendo de pequeno porte.

Um dos sócios da Sulminas Suplementos, Marcelo Mazzaro, tem 10% de participação em empresa do grupo de nome semelhante, a Sul de Minas Ingrediente, conforme o documento do TCU.

A outra sócia, nas duas empresas, é Roseana Mazzaro, conforme os registros públicos da Receita Federal. "Verifica-se que há o atendimento da primeira condição para aplicação da restrição legal da lei complementar 123/2006", citou o relatório.



Verificada a ocorrência de fraude comprovada à licitação, o tribunal declarou a inidoneidade do licitante fraudador para participar, por até cinco anos, de licitação na administração pública federal

TCU (Tribunal de Contas da União) em relatório

dora para fornecer itens cuja participação exclusiva deveria ser de empresas de pequeno porte ou microempresas. Essas 15 licitações foram feitas pelo Laboratório Químico Farmacêutico do Exército, pelo Laboratório Farmacêutico da Marinha e por Farmanginhos (Instituto de Tecnologia em Fármacos), da Fiocruz (Fundação Oswaldo Cruz).

Há ainda outros pregões, como um feito pelo centro de aquisições específicas da Aeronáutica.

O Exército e a Marinha não responderam aos questionamentos da reportagem. A Fiocruz afirmou, em nota, que não recebeu o relatório do TCU e que prestará ao tribunal todos os esclarecimentos necessários, dentro do prazo.

Aeronáutica, também em nota, disse que não é parte do processo e que o planejamento

da compra dos insumos para matéticos ocorreu em 2019, antes da pandemia.

Dados do portal da transparência do governo mostram que a Sulminas Suplementos, fornecedora do insumo da cloroquina produzida pelo Exército, recebeu R\$ 6 milhões da União, a partir de 2019. Os laboratórios de Exército e Marinha e Farmanginhos são os contratantes.

A segunda empresa do grupo, Sul de Minas Ingrediente, recebeu R\$ 97 milhões do governo federal desde 2014. Do total, R\$ 6,2 milhões foram pagos a partir de 2019. Os contratantes foram os mesmos. Para atender a um desejo de Bolsonaro, o então ministro da Defesa, General Fernando Azevedo e Silva, viabilizou um aumento da produção de cloroquina pelo Laboratório Químico Farmacêutico do Exército.

Os recursos começaram a ser desviados dentro da Força, com essa finalidade, em março de 2020. Os gastos do Exército com a empreitada foram de R\$ 11 milhões.

Segundo a auditoria do TCU, 900 quilos de sal disfosfato resultaram na produção de 3,2 milhões de comprimidos de cloroquina em 2021. A última produção de cloroquina 150 mg pelo laboratório do Exército havia sido em 2017: 265 mil comprimidos, a partir de 70 quilos de insumos, segundo o relatório do tribunal.

641.997 mortes  
1.129 entre quarta e quinta

27.941.476 casos  
129.266 infecções em 24 horas

## Paciente de Covid pode ter risco maior de problemas de saúde mental

Pam Belluck

THE NEW YORK TIMES Isolamento social, tensão econômica, perda de pessoas queridas e outras dificuldades durante a pandemia contribuíram para aumentar os problemas de saúde mental como ansiedade e depressão.

Master Covid-19 pode aumentar o risco de desenvolver doenças mentais? Um novo estudo diz que sim. Publicado na quarta-feira (16) na revista BMJ, o estudo analisou registros de quase 154 mil pacientes de Covid no sistema da Administração de Saúde dos Veteranos e comparou suas experiências no ano seguinte à recuperação da infecção inicial com as experiências de grupo semelhante de pessoas que não contrainham o vírus.

O estudo só incluiu pacientes que não tiveram diagnóstico ou tratamento de doença mental pelo menos dois anos antes de se infectarem, permitindo que os pesquisadores se concentrassem em diagnósticos e tratamentos psiquiátricos após a infecção por vírus.

As pessoas que tiveram Covid em 39% mais propensas a ter depressão e 35% mais inclinadas a ter diagnóstico de ansiedade nos meses seguintes à infecção do que as pessoas sem Covid no mesmo período, concluiu o estudo. Os pacientes de Covid tinham 8% maior probabilidade de ser diagnosticados com estresse e transtornos de adaptação e 41% maior probabilidade de apresentar sintomas de distúrbios do sono do que as pessoas não infectadas.

"Precisamos ter um olhar mais cuidadoso sobre os problemas de saúde mental nessas pessoas", disse Paul Harrison, professor de psiquiatria na Universidade de Oxford, que não participou do estudo. Ele disse que os resultados refletem a imagem de surtos de outros pesquisadores "reforça a tese de que há algo na Covid que está desafiando as pessoas sob maior risco de condições comuns de saúde mental".

Os dados não sugerem que os problemas de saúde mental de Covid irão desenvolver sintomas de saúde mental. No estudo, somente entre 4,4% e 5,6% deles receberam diagnóstico de depressão, ansiedade ou estresse e distúrbios de adaptação. Os pesquisadores também descobriram que pacientes com Covid tinham mais propensas a desenvolver problemas cognitivos do que aqueles que não tiveram Covid.

Tradução: Luis Roberto M. Gonçalves

## MORTES

### Missionária, hippie e comunista, viveu para amar ao próximo

NÍDIA CALDAS MAFRA (1960-2022)

Regiane Soares

**SÃO PAULO** Tão logo nasceu, Nídia Caldas Mafra foi apresentada ao bisavô materno, uma erva guianense, como a "bugrinha linda" que Deus tinha enviado para a família. E desde então, para alguns familiares e muitos amigos era apenas a Bugra.

Bugra era muitas vezes comparada a uma jaguatirica, lembra a filha Tamara Chaves Caldas Mafra Ramos, 38,

coluna.obituário@grupofolha.com.br

"Ela era muito brava e teitava mesmo", recorda.

A brava, porém, era só uma aliada de seu desejo de querer mudar o mundo. E, para isso, desafiou alguns padrões estéticos e culturais. Foi de comunista e hippie, mas foi como missionária que viveu plenamente.

Era início da década de 1970, quando tinha apenas 13 anos, que Bugra se juntou ao Partido Comunista de Florianópolis, onde vivia com a família.

A vida revolucionária caminhou com as orações da irmã mais velha, Sônia, para que ela conhecesse a Jesus.

Por insistência de Sônia, concordou em ir a um acampamento de adolescentes da igreja, mas com uma condição: se fosse e ficasse até o fim, nunca mais a irmã iria falar de Jesus para ela nem deixar bilhetes conversuais da Bíblia pela casa, como fazia com frequência.

Condições aceitas e orações atendidas. Bugra não só conheceu a Jesus como também o grande amor de sua vida, o João, que viria a ser o seu marido e pai de seus dois filhos. E foi a partir desse acampamento que a vida de Bugra começou a ter um novo sentido:

amar os amados de Jesus, em especial os mais necessitados.

Seu primeiro chamado foi quando passava pela praça 15 de Novembro, no centro de Florianópolis, e ouviu Deus dizer para que ela voltasse à praça, pois ali estava parte do povo dele. Na época, a praça 15 era tomada por hippies.

"Ela foi e simplesmente viveu no meio dos hippies sem dizer que era crente. Viveu com eles durante um ano. Não usou drogas e só namorava o meu pai, de quem era noiva na época. Foi durante esse tempo que ela exercitou o que acreditava: amor não só palavra. Amor é atitude", conta Tamara. Bugra só deixou de ser missionária entre os hippies

para se dedicar aos filhos. Já em 1991 começou a pregar na igreja Batista de Florianópolis e deste trabalho criou o Projeto Silos, ONG que acolhe dependentes químicos e seus familiares, além de atuar em hospitais e presídios.

Em 2006, quando ficou viúva, Bugra decidiu intensificar sua vocação missionária e se dedicava integralmente à pregação do Evangelho e ao acolhimento de pessoas em situação de rua.

Bugra teve um AVC em 2018, mas se recuperou totalmente. Em 21 de janeiro deste ano, teve uma série de convulsões em casa e foi levada ao hospital já em coma. Morreu em 7 de fevereiro, mesmo dia em que completaria 62 anos de vida.

Viúva, Bugra deixa dois filhos.

**EM MEMÓRIA**  
GEMELHOS OSWALDO VICENTE DE AZEVEDO. Neta sabado (19/2) às 15h, Igreja do Calvário, Pinheiros, São Paulo (SP)

Procure o Serviço Funerário Municipal de São Paulo:

tel. (11) 3398-3610 e central 155; pref. 3398-3610 por serv. telefônico.

Anúncio pago na Folha de São Paulo: (11) 3398-4000. Seg. a sex. 16h-20h. Sáb. a dom. 12h-15h.

Anúncio gratuito na seção 'Folha.com' (mortes) até 50 linhas por publicação no dia seguinte.

(gratuito de sexta para domingo) ou pelo telefone: (11) 3398-3030. As informações são de caráter informativo e não constituem oferta de serviços.







# Evolução da Holanda nas Olimpíadas serve como inspiração para o Brasil

Infraestrutura, áreas de liderança e foco na 'cereja do bolo' ajudam a explicar o sucesso do país

Daniel E. de Castro

SÃO PAULO País de 17 milhões de habitantes, a Holanda passou a desafiar potências bem mais populosas nos últimos anos e tem registrado sucesso crescente nos Jogos Olímpicos. Em Tóquio-2020, os holandeses ocuparam pela primeira vez a sétima posição no quadro de medalhas de uma edição de Verão e foram ao pódio 36 vezes, praticamente o dobro dos números obtidos nos três eventos anteriores (16, 20 e 19).

Nas Olimpíadas de Inverno, o salto foi triplo: de 8 medalhas em 2010 para 24 em 2014. Após uma leve queda para 20 pódios em 2018 — que não a tirou do top 5 do quadro —, a Holanda quer voltar a crescer em Pequim-2022 e já soma 15 conquistas. A atual edição dos Jogos acaba no domingo (20).

O desempenho baseado em especialização e alto índice de aproveitamento dos talentos esportivos chama a atenção do mundo todo, e o COB (Comitê Olímpico do Brasil) é uma das entidades que tem observado atentamente o trabalho dos rivais europeus.

"Eu me sinto que miramos há algum tempo e usamos como exemplo de sucesso, pelas condições que tem. Um país pequeno, mas com aproveitamento de recursos humanos grande", diz o diretor de esportes do COB, Jorge Bichara. O dirigente explica que o modelo holandês começou a ser estudado pelos brasileiros antes de Londres-2012. Aquele altura, foi criada uma rela-



Delegação holandesa na cerimônia de abertura dos Jogos de Inverno de Pequim-2022. *Marina Dapic - 4.10u.22/Reuters*

ção de parceria e troca de informações entre os comitês olímpicos dos dois países. Eles fazem parte de um grupo com seis membros (Suécia, Suíça, Noruega e Bélgica são os outros) que compartilham experiências regularmente.

Essa aproximação levou o gerente de pesquisa e inovação de desempenho do Comitê Olímpico Holandês, Kami-

el Maase, a ser um dos palestrantes da segunda edição do Congresso Olímpico Brasileiro. O evento, organizado pelo COB, acontecerá em Salvador nos dias 19 e 20 de março.

Mas afinal, o que torna o trabalho executado pela Holanda um exemplo a ser seguido? É importante ressaltar que o comitê olímpico do país se dedica somente à nata de espor-

te de alto rendimento e que seu sucesso nos Jogos também depende de uma série de ações em diferentes esferas. Elas incluem na criação de uma infraestrutura acessível e de qualidade para a prática esportiva, pismam pelos mecanismos de detecção e desenvolvimento de talentos até chegar aos ajustes finais para potencializar a performance.

Situado no fim dessa cadeia, o comitê criou há cerca de cinco anos seis áreas de liderança: medicina esportiva; comportamento; tecnologia; força e condicionamento; nutrição; pesquisa e inovação. "Nosso foco é principalmente no alto nível. Se um atleta está no top 8, nós tentamos levá-lo ao alcance da medalha. Não temos como gastar

tudo o nosso dinheiro e nossa expertise em milhares de atletas", explica Maase. "É claro que há um grupo excelente de talentos e bem treinados atletas que se saem bem e alcançam a sexta, sétima ou oitava posição. São grandes resultados, mas nos Jogos isso vale zero ponto. Então, temos uma política fortemente focada na cereja do bolo", completa o gerente.

Depois de Pequim-2022, o comitê holandês fez um corte expressivo nos programas incentivados pelas suas verbas e passou a priorizar um número menor de atletas. Para Maase, essa é a principal razão para a melhoria de desempenho daquela edição até as Olimpíadas de Tóquio.

No Brasil, a principal fonte de financiamento do esporte olímpico são os repasses das loterias federais, garantidos por lei. No caso do COB, os valores são distribuídos entre 34 confederações olímpicas. "Nós temos um sistema que eu acho mais adequado ao modelo socioeconômico brasileiro e de valorização do esporte: parte dos recursos das loterias é distribuído para todos os filiados e outra parte investido nos principais atletas, ou nas modalidades que tenham mais chances", argumenta o dirigente.

Nem tudo se explica pelas decisões tomadas no topo da pirâmide. Também é determinante para os bons resultados holandeses o histórico de políticas públicas que valorizam a prática esportiva na população. Outro ponto central é o investimento em ciência e tecnologia feita pelos atletas. A federação de patinação do país, por exemplo, recorreu há uma década a matemáticos para ajudar a estabelecer um modelo de seleção dos seus premiados patinadores de velocidade. O algoritmo indica quais provas e atletas reúnem maiores chances de conquistas nos principais eventos.

## Quedas e choro de Valieva são alívio para comitê internacional em Pequim

SÃO PAULO Acada competidora que entrava na pista, aumentava a expectativa para a chegada da apresentação de Kamila Valieva, a russa de 15 anos de idade, considerada a grande favorita na patinação artística dos Jogos de Inverno de Pequim.

A jovem, no entanto, tinha mais expectativas do que a sua performance nesta quinta-feira (17): ela está sob investigação por conta de uma acusação de doping.

O momento emocional se refletiu no gelo. Valieva caiu em duas oportunidades e se

apoiou no chão em outro movimento. Ao final da prova, ela chorou, provavelmente ciente de que ficaria fora do pódio, o que foi comprovado na sequência. A russa terminou ocupando o quarto lugar.

De qualquer forma, o COI (Comitê Olímpico Internacional) já havia anunciado que, caso Valieva conquistasse uma medalha, não haveria cerimônia de entrega de medalhas, justamente para que ela não fosse premiada em meio ao caso do doping.

A substância encontrada em seu teste, feito em 25 de

dezembro de 2021, foi a trimetazidina, droga usada no tratamento de doenças cardiovasculares.

O resultado das amostras, enviadas para um laboratório sueco, foi divulgado apenas na semana passada, em meio aos Jogos de Pequim.

As medalhas de ouro e de prata desta quinta-feira, contudo, ficaram com o Comitê Olímpico Russo. Anna Scherbakova se sagrou campeã olímpica, em uma dobradinha com Alexandra Trusova. A japonesa Kaori Sakamoto completou o pódio.



BARCELONA EMPATA COM NAPOLI EM RETORNO À 'SEGUNDA DIVISÃO'

Koulibaly, do Napoli, e Nico González no jogo que ficou em 1 a 1, em Barcelona, acostumada a jogar a Champions, equipe catalã não disputava a Europa League desde 2003. *Lola Gera/APP*

## Muito perto para ficar tão longe

Chance de mudança no governo e Lei da SAF atraem olhares internacionais

Paulo Vinícius Coelho

Jornalista, autor de "Escola Brasileira de Futebol", cobriu seis Copas e oito finais de Champions

O City Football Group, proprietária do Manchester City, foi um dos consultados pelo Botafogo para comprar o clube, há um ano. Informou que não se interessava por nenhum projeto no Brasil.

Isso aconteceu bem antes de John Texeira se aproximar do Rio de Janeiro e seis meses antes da aprovação da lei das Sociedades Anônimas do Futebol (SAF), no Congresso Nacional.

O Bahia admite ter sido consultado por de grupos internacionais interessados na compra do clube do Nordeste. O City

soudu. Nada sério, não houve proposta e o Bahia só pensou em levar a SAF ao conselho deliberativo se houver documento oficial.

O que mudou entre o desinteresse pelo Brasil e a sondagem ao Bahia se chama SAF. Os empresários internacionais estão com o olho, ainda que tímido, com a possibilidade de mudança do governo federal, depois das eleições, e como aprovação da nova legislação.

É quase obrigatório prestar atenção ao que se passará no Brasil. Nenhum país de desem-

bar aqui abruptamente. Muita gente, no entanto, monitora um mercado promissor — se mudar de verdade.

Hoje, existem três tipos de clubes na Série A do Brasileiro: 1. Os gigantes que nem cogitam virar empresas, cujas de Flamengo, Atlético-MG, Palmeiras e Corinthians. 2. Os desesperados, como o Vasco, sedento para seguir Botafogo e Cruzeiro; 3. Os médios, de bons resultados recentes, esperançosos de seguir crescendo sem o dinheiro novo. Na última faixa estão Fortaleza e Ceará, novo centro do futebol do

Nordeste, à frente de Pernambuco e Bahia. São Paulo, Santos e Bahia observam, não descartam nem se apressam.

Há uma disputa maior pela criação da liga de clubes. Não está tão perto, quanto já parece, nem tão distante, quanto não possa acontecer. Até dezembro, o advogado Flavio Zetter da Cosmos Kapital, tinha um mandato para trazer um investidor capaz de aportar dinheiro e comprar ao menos 20%.

A empresa norte-americana Advent foi cogitada, informou-se e não houve acordo sobre a

antecipação de receita. Zetter uniu-se ao grupo BTG Pactual e voltou ao mercado.

De outro lado, a LiveMedia, que ajudou a turbinar a Copa do Nordeste, aproxima-se dos dirigentes da região e tem a simpatia do Atlético.

A terceira hipótese inclui a XP Investimentos. A corretora fez a assessoria para Botafogo e Cruzeiro avançaram na venda de suas SAFs: agora, defendem a venda de porcentagem da Liga Brasileira para CVF e Liga Espanhola. Ronaldo Fenômeno ajudaria a fazer essa ponte. Um dos vinte dirigentes da Série A diz que a proposta é siri na lata. Já viu como o bichinho faz barulho, quando fica preso, mas nunca consegue escapar sair andando? A metáfora expõe a desconjuntura.

As três propostas podem ter fracassado, mas estão muito perto para o futebol brasileiro seguir tão longe da modernidade.

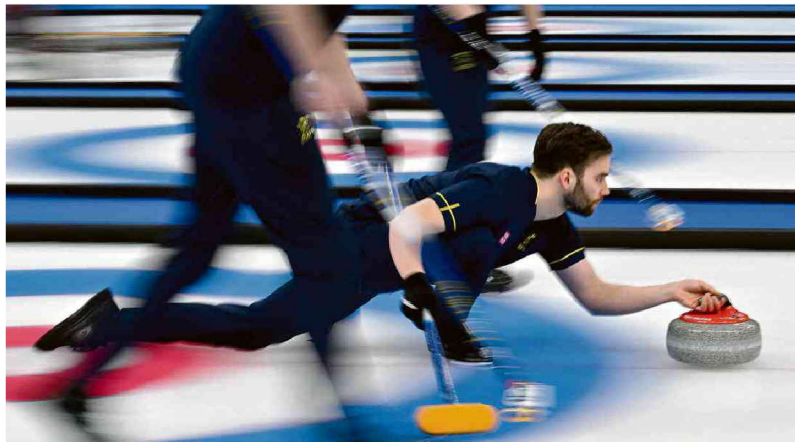
A vantagem do que se está discutindo é, pela primeira vez, ser um projeto econômico e não político. Sempre fracassou porque os líderes eram presidentes de clubes, mas interessados nos benefícios para a própria torcida.

A desvantagem é que os dirigentes ainda aparentam estar mais preocupados em passar o chapéu e contar as moedas do que em projetar a criação de uma liga, conduzida por executivos, pode fazer o Brasileiro melhorar e aumentar seu valor nos próximos dez a vinte anos.

Muita gente ainda não compreendeu que pode haver transformação. John Texeira dá o exemplo, como a torcida do Corinthians pediu a Kia (torreão-chefe) para buscar um líder carismático, bastaria voltar aos tempos de Emil Pinheiro.

Tem de ser muito mais sério do que isso.





Atleta sueco em competição de curling na pista do Cubo de Gelo, nos Jogos de Inverno de Pequim | Lillian Sawanmeh/AFP

# Transformar piscina em pista de curling foi desafio dos Jogos

Disputas acontecem no Cubo d'Água, parque aquático das Olimpíadas de 2008

PEQUIM | THE NEW YORK TIMES — Gelo pode ser só gelo. Mas não no curling. As placas congeladas criadas para competições de elite como as Olimpíadas são produto de um processo detalhado, comandado por uma equipe de especialistas que precisam atender à demanda muito específica de garantir que uma pedra pesada, ajudada por atletas que varrem furiosamente o gelo diante dela, deslize graciosamente por uma pista.

Mesmo sob as melhores condições, em instalações construídas especialmente para o esporte, o trabalho é estressante. Em Pequim, as complicações são imensamente maiores.

Os especialistas internacionais em criar gelo digno de um evento olímpico de curling tiveram de encarar um desafio ainda mais complicado do que o que enfrentaram no passado: transformar uma piscina olímpica do Centro Aquático Nacional chinês em pistas gelo prontas para receber os atletas do curling.

"Era algo que nunca tinha sido feito", disse Hans Wuthrich, o técnico chefe de produção do gelo das Olimpíadas de Inverno de Pequim,

a quarta edição dos Jogos e uma das numerosas competições de elite em que ele trabalhou em sua carreira, que já dura décadas.

As autoridades chinesas se vangloriaram do status de Pequim como a única cidade a sediar tanto as Olimpíadas de Verão quanto as Olimpíadas de Inverno — e o feito foi realizado, em parte, por meio da reciclagem de locais construídos para os Jogos de 2008.

As competições de curling aconteceram no parque de natação com o revestimento exterior em forma de colema que em 2008 era conhecido como Cubo d'Água e onde Michael Phelps conquistou oito medalhas de ouro olímpicas para os Estados Unidos. Para os Jogos de Inverno, o nome do local foi mudado para Cubo de Gelo. Mas prepará-lo para as competições foi bem mais complicado do que uma simples mudança de nome.

Um primeiro desafio foi construir uma infraestrutura que sustentasse o gelo. A piscina foi ocupada por um sistema de andaimes, encimados por uma camada de concreto. Em seguida veio o gelo — e um obstáculo inicial. À água comum usada no cu-

bo tinha uma leitura de 375 partes por milhão de sólidos dissolvidos, como sais, minerais e íons. Essa quantidade é aceitável para a água potável, mas, quando a água é congelada, não se vê para o curling.

As impurezas afetam a capacidade de criar placas de gelo tão lisas quanto necessário. A equipe de construção usou sistemas de filtração para purificar a água. Mas quando o processo terminou, ela era pura demais para consumo humano. "Se uma pessoa a bebesse", disse Mark Callan, o segundo em comando da equipe de produção de gelo para as provas de curling, "sofeteria queimaduras sistêmicas".

Em ambientes abertos, a água congelada de cima para baixo, criando uma superfície altamente inconsistente. Em ambientes fechados, "é preciso conduzir o processo muito devagar", disse Callan, "e permitir que a água congelada de baixo para cima". Quando as camadas superiores estiverem congeladas, tinta branca, marcas e logotipos são acrescentados. No total, o gelo tem 10 centímetros de espessura.

O edifício era seco demais para o gelo. O objetivo era secar a água. "O que é um tanto irônico",

disse Callan, "já que se trata de uma piscina".

A equipe instalou um sistema de umidificadores que liberam uma névoa constante em torno da pista de gelo. Mas isso não foi suficiente. Wuthrich se orgulha da solução encontrada: encher uma piscina menor, não muito distante do gelo, com água quente. "Todo mundo achou que fôssemos completamente loucos", ele disse em um post no Twitter, acompanhado por uma foto-

“Se não conseguimos oferecer condições consistentes, a técnica dos jogadores começa a perder a importância e a sorte passa a valer mais. É nosso trabalho garantir que isso não aconteça”

Mark Callan, especialista envolvido na construção da pista

grafia que mostra a cena.

Mesmo depois que o gelo está congelado de acordo com suas especificações, os técnicos continuam a se preocupar com os detalhes, monitorando o gelo e a atmosfera ao seu redor em nível granular: quente demais, frias demais, umidade demais, umidade de menos, textura insuficiente para que a pedra deslize. Qualquer desvio pode ter impacto desproporcional sobre a competição.

"Trabalhamos com uma precisão de milésimos de centímetro", disse Wuthrich, depois que sua equipe terminou de preparar o gelo para o torneio feminino.

A precisão do trabalho contrasta com a ideia de que, entre os esportes olímpicos, o curling é um dos mais fáceis. É um esporte amplamente acessível e, nos clubes amadores, praticantes procuram acima de tudo cereja e diversão.

Mas, no nível olímpico, a capacidade atlética e estratégica dominam o esporte, e saber fazer a leitura do gelo é essencial para a vitória. O gelo imita tanto quanto as pedras e as vassouras.

"É um jogo de habilidade, não de sorte", disse Callan. "Se não conseguimos oferecer condições consistentes, a técnica dos jogadores começa a perder a importância e a sorte passa a valer mais. É nosso trabalho garantir que isso não aconteça".

Wuthrich e Callan — além de um terceiro técnico, Shawn Olsen — foram atraídos para essa carreira altamente especializada por conta de sua paixão pelo curling. Eles têm outros empregos. Wuthrich, que

vive na província canadense de Manitoba, é dono de uma empresa de jardinagem e de um viveiro de plantas; Callan, que mora em Glasgow, na Escócia, é diretor de vendas da empresa que fabrica as pedras usadas nas competições de curling de elite, com grânito extraído de uma ilha escocesa.

Por mais satisfatório que seu trabalho lhes pareça, eles também reconhecem a pressão que o acompanha.

"É o pináculo de tudo e, como fabricante de gelo, para mim também é", disse Wuthrich sobre as Olimpíadas. "Você precisa estar atento o tempo todo. Se qualquer coisa acontecer, é preciso consertar. Você precisa criar a melhor pista possível, porque as pessoas batalharam durante 20 anos para chegar a um evento como esse".

Uma noite, antes das rodadas finais de jogos, os técnicos — e sua equipe de quase duas dúzias de voluntários chineses, a maioria de universidades — iniciaram suas atividades de preparação do gelo.

A equipe usou um raspador de gelo para nivelar as pistas; Callan carregava uma mochila cheia de água equipada com um chuveirinho. Caminhando de costas pelas pistas, ele aspergia gotículas de água a fim de criar a textura que permite que as pedras deslizem e girem sobre as Olimpíadas.

Depois eles usaram um aparelho conhecido como lançador de pedras, que permite que lancem diversas pedras de curling pelas pistas para simular uma partida. Eles queriam deixar o gelo amaciado para os jogadores.

O último passo foi um teste de gelo por Callan com uma pedra. Sob os termos de seu contrato, eles têm de criar gelo no qual uma pedra possa se mover entre 12 e 15 metros em 24 ou 25 segundos. O objetivo é manter a temperatura superficial do gelo em cinco graus Celsius negativos.

Os dias são longos e parecem estar se tornando mais longos. Wuthrich caminha cerca de 30 quilômetros por dia, no trabalho porque cuida da pista. Wuthrich e Callan caminham 40 quilômetros. Eles comemam às 6h e cada manhã. Recentemente, os problemas vêm se acumulando, o que significa que eles não trabalham até às 11h. No norte de segunda-feira (14), enquanto a equipe feminina da Coreia do Sul caminhava para abrir uma nova rodada de jogos, eles se sobrepôs a uma tempestade de neve sobre o Japão. Wuthrich disse ao gelo por um momento e se sentiu. Imaginou estar de volta à sua casa, em Manitoba, e se sentiu. Ele curtiu a imagem mental por alguns instantes, mas logo voltou à pista, onde os jogadores continuavam na disputa, gritando e decidindo estratégias.

Tradução de Paula Migliacci

## As forças externas

Como um poltergeist, elas não têm cara ou cheiro, mas estão lá, pairando no ar

Sandro Macedo

Medalha de ouro no futsal (improvisado no gol) e no vôlei do ensino fundamental em 1996; na Folha desde 2009

"Poltergeist", "A Bruxa de Blair", "Atividade Paranormal", "Os Outros", "Beetlejuice". O cinema explora há décadas com sucesso as forças externas, mas elas agora dominam o futebol brasileiro. E aterrorizam normalmente as mesmas vítimas, os jogadores e os técnicos.

O que eles precisam para se livrarem das forças externas? Jogar bem e eventualmente não ganhar? Jogar mais ou menos, mas o tempo bem aproveitado? Ninguém sabe.

Mesmo antes de começar o

Campeonato Brasileiro, já temos dois filmes parecidos. No Corinthians, Sylvinho foi demitido depois de apenas três partidas no Paulistinha. Era o mesmo Sylvinho do ano passado, o sujeito que comandou o time no honroso quarto lugar — ok, poderia ficar na frente do Fortaleça, mas contra Atlético Mineiro, Flamengo e Palmeiras, nada ordena, não tinha muito o que fazer.

Jogava bem? Não exatamente, mas o time foi ganhando pontos durante a competição, e ainda está em formação. Mas

então por que não o demitiram no ano passado e esperaram só agora para mandar reposta no Sylvio embora? Resposta: as forças externas.

A diretoria gosta de Sylvinho e não queria mandar ele embora. Os jogadores? Tudo chapa. O presidente? Amigo. Mas veio ela, a pressão externa. E Sylvinho se foi.

Já pensou se as forças externas fossem tão poderosas em 2011 e 2012 no Corinthians? O que seria de Tite após a derrota por o Tolima na Pré-Libertadores de 2011? Naquela

época, quem reclamou foi a torcida mesmo, que pediu a cabeça do professor Tite. E o então presidente Andrés Sanchez deu de ombros, manteve Tite e foi campeão do mundo um ano depois.

Nesta semana, em outro estado, episódio diferente, mesma série. No Rio Grande do Sul, Wagner Mancini era o técnico do Grêmio na reta final do Brasileiro e permaneceu mesmo depois da queda para a Série B — aparentemente, constatou-se que ele era o homem culpado. Neste ano, começou pres-

tigido e estava invicto no Gauchinho. Isso mesmo, invicto.

No entanto, aquele vilão que você já conhece pairava sobre a tábua azul de Porto Alegre. E aí não teve jeito. O diretor de futebol veio para a coletiva e anunciou a demissão de Mancini por culpa dele, o "ambiente externo".

Como um poltergeist, as forças externas não têm cara, não têm cheiro, não têm nome e elas estão lá, pairando no ar.

Estudiosos dizem que as forças externas são uma mistura do som de parte da arquibancada em dia de chuva com os maldades habitam as redes sociais e uma pitada de quebra da imprensa — leia-se como "Imprensa" qualquer sujeito que tenha um blog que fale apenas sobre um time que não é o CEO, o jornalista, o analista e até a fonte: eles não tem o mesmo poder de fogo quando se trata de "forças externas".

E sobre as redes antiosciais, cá entre nós, se reclama de tudo ali, até de Colômbia Pascal na Páscoa. Mas ainda tem quem é ouvido lá.

Foram extirpados os Naldes do. Quem demitiu foi o Naldes do. time liderava o Cariquinha e perdeu um misero jogo, um clássico sem graça para o Fluminense. E aí, Anderson Moura, o melhor técnico do planeta B no ano passado, foi demitido.

Foram extirpados os Naldes do. Quem demitiu foi o Naldes do. time liderava o Cariquinha e perdeu um misero jogo, um clássico sem graça para o Fluminense. E aí, Anderson Moura, o melhor técnico do planeta B no ano passado, foi demitido.



## GELO E GIM

Daniel de Mesquita Benevides

folha.com/geleogim

## O novo "Macbeth" mantém o humor etílico do original de Shakespeare

As batidas no portão do castelo ressoam de um jeito agourento e sinistro, mas o espírito do novo filme está mais para a galhofa. "Quem é, em nome de Belzebu?" Ao atender, ele explica aos cavaleiros que ficou na farrá até tarde. Emenada com uma reflexão sobre os efeitos do álcool: "nariz ver melho, sono e vontade de fazer xixi".

Antes de abrir as travas para o inferno de "Macbeth", Shakespeare se permite esse momento cômico. O contraste gritante abre espaço para os gritos de horror. Ignorando o destino do rei, o ressequado do porteiro continua sua preleção, uma obra-prima do humor etílico:

"Quanto à luxúria, a bebida indica a reprimida a ao mesmo tempo: provoca o desejo, mas impede-lhe a execução. Por isso se pode dizer que a bebida em demasia é um ver-

dadeiro logro para a luxúria, pois suscita-a e frustra-a, persuade-a e desanima-a, arma-a e desarma-a".

Na versão dirigida por Joel Cohen, indicada a três Oscar (ator, fotografia e cenário), a graça se perde em meio à frieza expressionista das longas escadas e paredes nuas. Sob a direção de Polanski, a mesma piada tem o calor escatológico que merece, ainda que o resto do filme seja inferior.

Curiosamente, tanto Orson Welles quanto Kurosawa, ao filmarem "Macbeth", cortaram a fala do porteiro, que ressoa na infertilidade do casal assassino. Supérflua ou fora de lugar, devem ter pensado. Concentraram-se nas sombras mais nítidas do texto.

Se o diretor japonês fez, com "Trono Manchado de Sangue", a mais intensa leitura da peça, a adaptação com Michael Fassbender e Marion Co-

tillard (2015) demorou-se demais em narcísicas cenas em câmera lenta. Também ignorou a divertida aula do porteiro. Nem caberia.

A verdade é que Shakespeare sem humor é como coquetel sem álcool: não faz muito sentido. O barão era inseparável da comédia, como "a modicidade da luxúria". E era moderno antes do calor escatológico que merece, ainda que o resto do filme seja inferior.

Como todos na era elizabetana, ele bebia com gosto, ainda que moderado. Uma caneca de ale (a cerveja antes do lúpulo) ou de vinho importado era mais segura do que uma jarra de água do poço, costumemente contaminada. Até as crianças se hidratavam com cerveja.

A rainha tomava religiosamente poções de alto teor alcoólico. Havia cerca de uma taverna para cada 180 habitantes na Inglaterra.

O termo bar foi criado lá mesmo, em meados do século 16. Era o lugar em que nobres, prostitutas e pessoas do povo se reuniam, com direitos iguais de óptimo — e de briga, invariavelmente sangrenta.

Shakespeare costumava encontrar-se com Ben Jonson e Christopher Marlowe num pub para pôr a dramaturgia em dia. Talvez cruzassem com Falstaff, criação mais viva do barão — tão viva que de fato poderia estar ali, em (muita) carne e osso.

São inúmeras as falas dele sobre a alegria de viver nos bares da vida, na leve devassidão das noites, longe das pompas e circunstâncias da corte. Sobre a honra, por exemplo, diz: "não passa de um escudo na porta dos defuntos" ("Henrique IV").

"Tonel humano", tinha também sua filosofia de taverna: "Se eu tivesse mil filhos, eu os ensinaria a evitar bebidas sem graça". Resta dizer, como o próprio em sua bravata fanfarrona: "desterrará o gordocho Falstaff e teréis desterrado o mundo inteiro".



★ BYRRH & BEER  
(variação de receita de Simon Difford)

• 60 ml de british bitter ale (IPA serve)  
• 30 ml de Byrrh (na falta, Dubonnet ou vermouth doce)

Misture tudo num copo com gelo. Decore com uma casca de laranja.

Adalberto

## A necessária presença de música

Julio Abramczyk

Médico, vencedor dos prêmios Esao (Informação Científica) e S. Reis de Divulgação Científica (CNPq)

Nestes tempos de pandemia e distanciamento social, a música é necessária. E ela pode ser utilizada em várias situações vivenciadas pelos seres humanos.

Pouco percebemos, mas em quase todas as cenas dos filmes, na TV ou no cinema, há um fundo musical.

Nas cenas de amor triunfante ou arrebatador, a música que o momento exige. Nas de agressão e maldade, às vezes uma sucessão de sons que podem provocar angústia.

Artigo de revisão publicado pelo cirurgião-dentista Thiago Medina Brazoloto na revista Brazilian Journal of Pain refere que a música pode minimizar a sensação de dor, apesar das controvérsias sobre seu papel analgésico.

No caso de crianças, explica Brazoloto, a musicoterapia reduz a ansiedade porque atrai sua concentração eliminando da audição os possíveis ruídos desagradáveis dos equipamentos odontológicos.

Para os idosos portadores de Alzheimer, a música pode atuar no resgate de experiências vividas anteriormente.

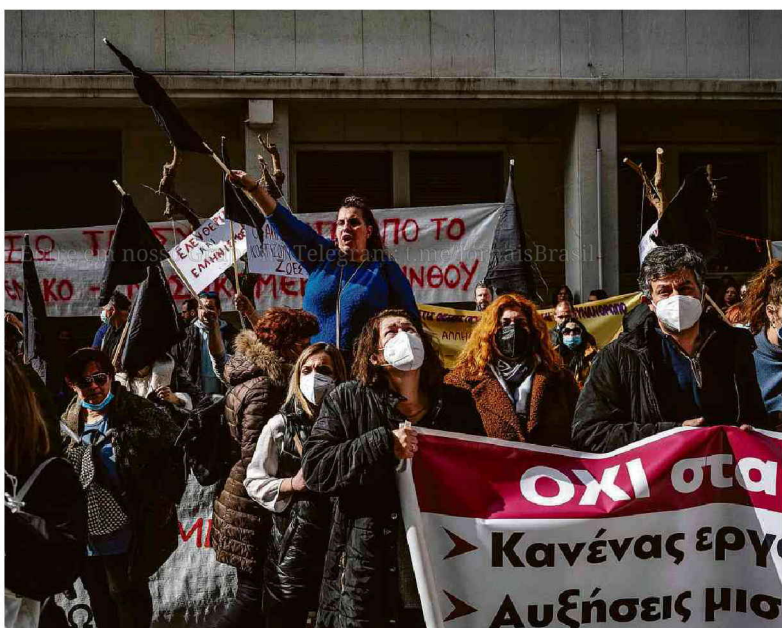
De baixo custo em relação aos medicamentos, previne sintomas depressivos e melhora a qualidade de vida desses pacientes.

Em idosos institucionalizados com demência, a musicoterapia ajudou no tratamento da apatia, na ansiedade e na agitação.

Brazoloto destaca também em seu artigo a importância de ampliar o uso da música em serviços de saúde, pelos seus benefícios e moderada despesa.

[...]

De baixo custo em relação aos medicamentos, previne sintomas depressivos e melhora a qualidade de vida



## ATENAS VIVE PROTESTOS ANTIVACINA

Profissionais da saúde se manifestam contra obrigatoriedade do imunizante contra a Covid-19

Angelos Tzortzinis/AFP



Fila da edição 2019 do Lollapalooza. tw/Ondersy/UOL

## VOCÊ VIU?

O Lollapalooza Brasil confirmou nesta quinta (17) que vai exigir o comprovante de vacinação (físico ou virtual) com, no mínimo, duas doses da vacina para a Covid-19. Além disso o uso de máscara será obrigatório, sendo permitida a retirada apenas para comer ou beber. Por ora, a nomeação do festival está confirmada para 25, 26 e 27 de março, no autódromo de Interlagos (zona sul de São Paulo). Segundo a organização, são esperadas 100 mil pessoas por dia de festival. Por causa da Covid, o Lolla foi adiado algumas vezes. Inicialmente o evento estava agendado para 3, 4 e 5 de abril de 2020, foi transferido para 4, 5 e 6 de dezembro e, posteriormente, confirmado nos dias 10, 11 e 12 de setembro de 2021.

ACERVO FOLHA | Há 100 anos 18. fev. 1922

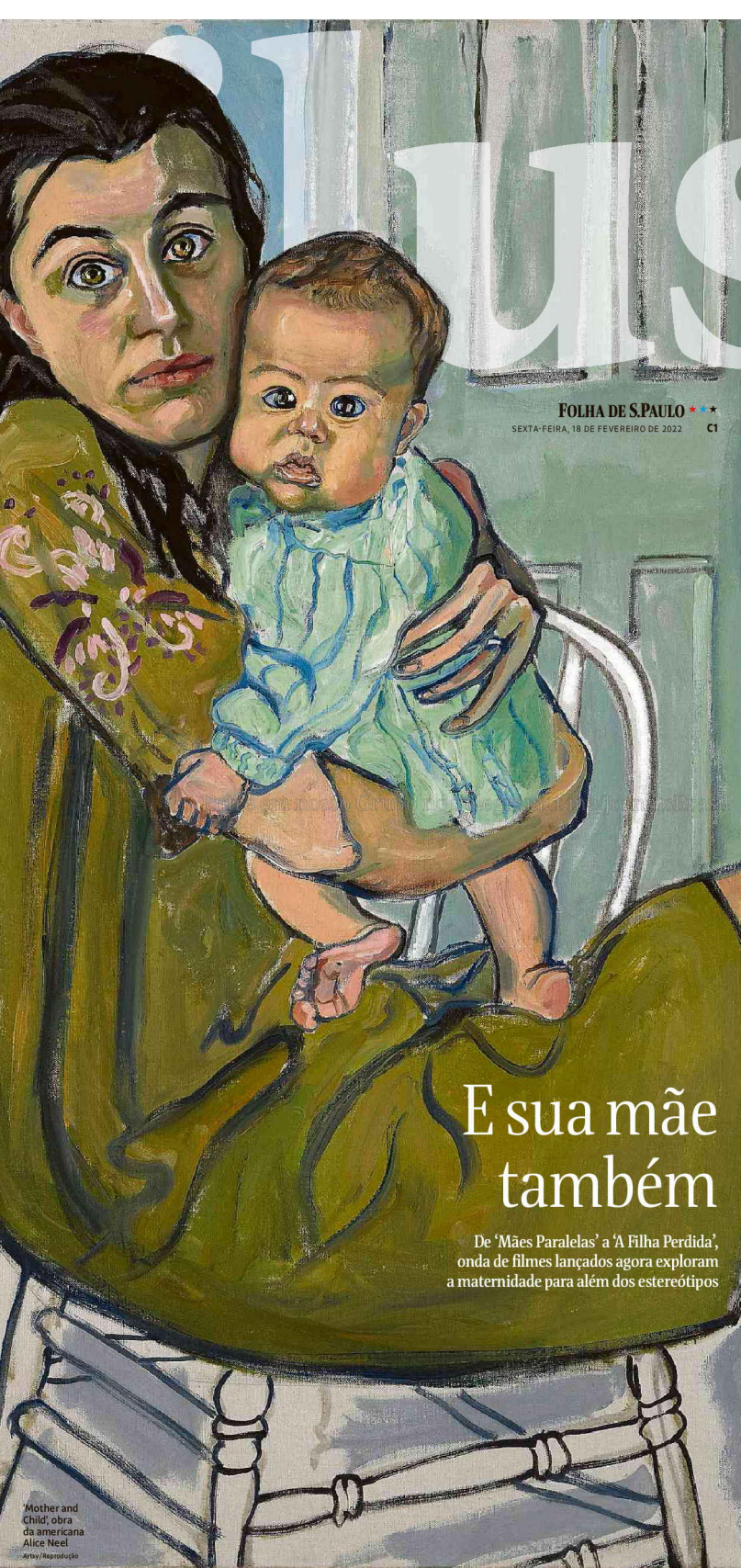
## Festas carnavalescas vão agitar foliões de São Paulo neste sábado

As festas carnavalescas começam em São Paulo neste sábado (18) em vários pontos da cidade (apesar de a terça-feira de Carnaval ser só no dia 28). O Theatro Sant'anna inaugurará a sua festa com um programa tentador, que conta com bailes clássicos e de fantasias. Além disso, terão interessantes cortejos de cordões e concursos de músicas inéditas de compositores paulistas, de fantasias e de frases de espírito ou anedotas. O clube dos Argonautas promoverá no Theatro Apolo um grande baile à fantasia, o Congresso dos Excêntricos realizará festa na sua sede na rua Boa Vista e os Fenianos desfilarão do centro ao Brás.



LEIA MAIS EM  
acervo.folha.com.br





"Mother and Child", obra da americana Alice Neel  
Arty/Reprodução

FOLHA DE S. PAULO

SEXTA-FEIRA, 18 DE FEVEREIRO DE 2022 C1

## E sua mãe também

De 'Mães Paralelas' a 'A Filha Perdida', onda de filmes lançados agora explora a maternidade para além dos estereótipos

Clara Balbi

**S**Ó PAULO São muitas as figuras maternas que surgem em cena em "Mães Paralelas", longa de Pedro Almodóvar que chega agora à Netflix. Na trama sobre o inusitado laço formado entre duas mulheres que dividem o quarto de hospital antes do parto, há as mães que anseiam pela chegada dos filhos e as que preferiram abortar. As que abraçam a função com fervor e as que deixam a prole para seguir seus sonhos.

Não é só ali que as mães parecem proliferar. Depois de uma onda de livros que se debatiam com as faces mais obscuras da maternidade, lixerada por escritoras como Rachel Cusk e Elena Ferrante — autora do romance que deu origem a "A Filha Perdida", que segue rendendo debates inflamados meses depois de seu lançamento —, o tema invade agora o cinema.

Sua onipresença nesta temporada de prêmios rendeu até piada no site de cultura pop Vulture, que organizou um "guia para as mães tristes do Oscar", da transtornada princesa Diana de "Spencer" à poderosa feiticeira de "Duna".

Como seus pares na literatura, essas narrativas buscam desconstruir estereótipos perpetuados por décadas. O que, no caso do cinema hollywoodiano do século 21, se resume a basicamente dois, segundo escreve a americana Elizabeth Ann Kaplan em "Motherhood and Representation", estudo seminal sobre a representação da maternidade nas telas.

São elas, de um lado, a mãe abnegada, sem desejo sexual ou vontade própria, disposta a sacrificar tudo pelos filhos, a própria Virgem Maria, chamada de mãe "anjo" por Kaplan. E, de outro, a mãe "bruxa", egoísta, possessiva ou sádica.

Autora de uma dissertação de mestrado sobre a representação da maternidade no cinema nacional e pesquisadora da Universidade de São Paulo, Juliana Malacarne afirma que a maior inovação que esses filmes recentes trazem é um grau maior de empatia em relação a personagens que em outros tempos seriam enquadradas como "bruxas" — pense, por exemplo, na beata fanática de "Carrie", a Estranha, ou na personagem de Meryl Streep em "Kramer vs. Kramer", que abandona o filho só para disputar a sua guarda nos tribunais ao retornar.

De vilãs autômicas, elas passaram a ser retratadas como anti-heróicas e até heróicas. "Há 30 anos, um final feliz para uma mãe que se põe em primeiro lugar seria impossível. Mas hoje você vê isso".

A pesquisadora diz que uma das razões para essa mudança foi o crescimento do número de mulheres em postos de liderança atrás das câmeras nos últimos anos. Isso promoveu um deslocamento do ponto de vista de quem narra a experiência de maternidade — diretoras e roteiristas que, muitas vezes, são elas mesmas mães.

Uma mudança que, segundo Malacarne, não só acrescenta complexidade a essas representações, como também tem ajudado a romper "com alguns dos grandes mitos sociais sobre o que é ser mãe". Ela lembra, por exemplo, a ideia de que o instinto maternal é natural e que para se tornar mãe basta parir. Ou o pressuposto de que ela não só deve assumir o protagonismo no cuidado dos filhos, como isso deve ser o suficiente para ela alcançar a plenitude, independentemente de seus outros desejos e aspirações.

Psicanalista e pesquisadora do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, Ilana Katz afirma que essas duas concepções são, de fato, mitos. "O amor materno é absolutamente cultural, nada biológico", afirma ela, acrescentando que cada experiência de maternidade responde à história de uma pessoa específica, a partir do encontro com uma criança específica.

Continua na pág. C2



ilustrada

## MÔNICA BERGAMO

monica.bergamo@grupofoh.com.br

## NOTA FISCAL

Um relatório de inteligência do Tribunal de Contas da União (TCU) aponta divergências entre declarações de Sergio Moro (Podemos) sobre seu trabalho na Alvarez & Marsal e documentos apresentados pela consultoria e por ele mesmo para defender sua atividade na iniciativa privada, onde recebeu R\$ 3,7 milhões em um ano.

**NOTA 2** A empresa, que cuida da recuperação judicial da Odebrecht, afirma que Moro jamais trabalhou em setores ligados à construção, ou qualquer outra empresa investigada na Lava Jato, descartando eventual conflito de interesses. Sergio afirmou ao TCU que, juri foi contratado inicialmente pela Alvarez & Marsal Disputas e Investigações Ltda., e cuidava da área de compliance. Posteriormente, ele foi para a Alvarez & Marsal Disputas & Investigações Inc, nos EUA.

**NOTA 3** O próprio Moro, no entanto, apresentou uma nota fiscal em uma live com o deputado federal Kim Kataguri (DEM-SP) em que constava, como tomador de serviços, a filial brasileira Alvarez & Marsal Consultoria em Engenharia Ltda.

**PARADE** A discrepância reforçaria as suspeitas de que, ao contrário do que declarou a empresa e ex-juiz, não havia uma separação drástica entre os diversos setores da companhia que pudesse evitar o conflito de interesses, separando do inclusive os recursos dos departamentos. O TCU agora pretende aprofundar a investigação sobre a situação de Moro na consultoria.

**ENGANO** A Assessoria de Moro afirma que "o valor do bô-fê foi transferido da conta bancária da Alvarez & Marsal Disputas e Investigações para a conta da Moro Consultoria, tendo havido somente um erro na natureza emissora da nota fiscal pela Moro Consultoria. Não há qualquer relação financeira de Moro Consultoria com outra empresa da Alvarez & Marsal Disputas e Investigações".

**RAÍZ** Já a Alvarez & Marsal disse que, "conforme informado em todo o processo de licitação, o TCU, Sergio Moro foi contratado pela operação global de Disputas and Investigations, que teve sua prática original no setor de estruturas. No Brasil, na Alvarez & Marsal Consultoria em Engenharia Ltda., e em seguida foi transferida para a Alvarez & Marsal Disputas e Investigações Ltda. Os pagamentos efetuados aqui no Brasil foram realizados através da empresa Alvarez & Marsal Disputas e Investigações Ltda."

**BRACOS ABERTOS** O PT ampliou o pacote político que pretende oferecer ao PSD de Gilberto Kassab para conseguir o apoio do partido à candidatura de Lula já no primeiro turno.

**DENVOO** Além da possibilidade de retirar candidaturas aos governos estaduais de Babi de Minas Gerais e do Amazonas para lidar com a candidatura do PSD, os petistas se comprometeram a apoiar a candidatura de Roberto Pacheco (PSD-MG) para presidir o Senado na próxima legislatura. As conversas com Kassab, no entanto, não evoluíram até agora, e ele afirmou que o PSD terá que voltar ao próprio primeiro turno.

## À MESA



Fotos Denise Andrade/Divulgação



O advogado Pierre Moreau e sua mulher, a empresária Roberta Spera, ofereceram um jantar no restaurante

Mani, em SP, na terça-feira (15). O casal reuniu convidados do conselho de Cultura do Governo de São Paulo, Sérgio Sá Leitão, e a diretora da ArteRio, Brenda Valsani.

O evento ocorreu entre 16 e 20 de março, na Oca, no parque Ibirapuera. Também estiveram lá o dono da Bolsa de Arte, Jones Bergamini, e o diretor Lula Buarque de Holanda.

**OLHO VIVO** A Defensoria Pública de SP pediu que a Polícia Civil, a Secretaria Municipal de Segurança Urbana e a Guarda Civil Metropolitana de São Paulo se manifestem em dez dias sobre suposta atuação abusiva por parte de agentes policiais na racolândia.

**OLHO 2** A abordagem ocorreu no dia 10 deste mês, durante uma operação da Polícia Civil. Imagens mostram agentes apertando armas para dezenas de usuários de drogas e efetuando disparos mesmo enquanto eles eram orientados a ficar sentados. Procurada, a Polícia Civil diz que vai prestar esclarecimentos dentro do prazo. A secretária não retornou.

**RESPOSTA** A Assembleia Legislativa de SP sediará na segunda (21) um ato solene em memória às vítimas do Holocausto. O evento ocorre após o podcast Monark defender o direito de haver um partido nazista no Brasil. A iniciativa é do deputado Paulo Firorillo (PT) em conjunto com o Consulado de Israel em SP.

**TROGA** O Masp irá emprestar duas obras de Pierre-Auguste Renoir ao Museu Städel, em Frankfurt, na Alemanha. Os quadros "Rosa e Azul" e "As Meninas Cabem Dançantes" (1886) e "A Dançarina e o Cão Griffon" (1886) serão exibidos em uma mostra em março. Ao todo, cerca de 60 obras de acervo da instituição serão enviadas a museus internacionais em 2022.

## E sua mãe também

Continuação da pág. C1

Além disso, negar a divisão que a maternidade gera no campo do desejo, entre ser mulher e ser mãe, complica muito as mulheres, o que complica os filhos".

Katz lembra que tanto Leda, de "A Filha Perdida", como Teresa, mãe de uma das protagonistas de "Mães Paralelas", deixam a prole porque não conseguem viver esses dois papéis ao mesmo tempo. Sobrepõem, então, um dos lados dessa "finíssima equação" — no caso, a ambição profissional e o desejo erótico sobre o outro, de ser mãe.

"Acho que isso provoca uma pergunta — o que serve de rede para que essas mulheres pudessem seguir na vida dos seus filhos? Afinal, defende Katz, para se desdobrar nessas tarefas exigidas pela vida contemporânea — de cuidadora, profissional e adulta com uma vida afetiva e sexual —, essas mulheres precisam de apoio, que inclui não só homens como o próprio Estado.

Um debate que, ela acrescenta, só se tornou ainda mais urgente durante a pandemia, o que talvez explique a repercussão do mesmo "A Filha Perdida" e de séries como "Maid" nos últimos meses. "Esses filmes mostram os tantos fios que são necessários para tecer a maternidade, e eles não vêm só das mulheres", afirma ela. "Ninguém é mãe sozinha".

Vale notar que, a despeito do avanço na busca por nuances na representação dessas mães, não falta quem reconheça estereótipos nusselesnagamentos. Autora de "Cinematerity", que investiga retratos da maternidade em gêneros cinematográficos para além do melodrama, a americana Lucy Fischer afirma que a Leda de "A Filha Perdida" não é diferente da mesma caricatura da profissional ambiciosa propagada por Hollywood, como cola nela a pecha da "intelectual", segundo ela um dos retratos femininos menos lisonjeiros do cinema. "Leda é vista de cara como uma mulher não natural", afirma.

Já a psicanalista Vera Ilanelli, colunista deste jornal e autora de "O Mal-Estar na Maternidade" e "Crianças no século XXI", critica, entre outros, a personagem de Penélope Cruz em "Mães Paralelas", uma mãe solteira que tem um bebê recém-nascido, uma carreira sofisticada — e ainda assim consegue estar linda, calada feitos e roupas impecáveis, em todas as cenas. É o que ela chama de "supermãe contemporânea", uma figura que "assombra as mulheres".

Ilanelli questiona sobretudo a ausência masculina, nessa e em outras narrativas. "A questão do desejo dos pais é invisível. Queremos saber tudo sobre o desejo das mães, mas não temos nenhum interesse em saber as motivações deles. Isso reflete essa hiperresponsabilização da figura da mãe que nem a arte, nem a ciência têm conseguido de fato criticar".

"Minha hipótese é que não tem tabu maior do que a maternidade. Não é o sexo, não é se você quer ser mãe, menino ou não binário. Isso encaramos, com perdas e danos. Mas continuamos a não entender a bola quando se trata da figura da mãe. Porque ela remete a nossa própria mãe. E é isso que é possível que ela não nos tenha deixado?"

Os tabus não desapareceram, portanto. Mas, diz Ilanelli, as "perguntas estão esquentando".



## Com Almodóvar na Netflix, saiba quais filmes você não pode perder

Novo "Mães Paralelas" é o ponto alto na obra do diretor e lembra clássicos como "Carne Trêmula" e "A Lei do Desejo"

ANALISE

Sérgio Alpendre

"Mães Paralelas" é mais um ponto alto na carreira de Pedro Almodóvar, como o famoso "A Lei do Desejo", de 1987, "Carne Trêmula", de 1997, e o hitchockiano "A Pele que Habito", de 2011. Nesta semana, parte dos filmes de espanhol entrou no catálogo da Netflix.

Nesses pontos, seu estilo se apresenta de forma plena, sem grandes devios típicos ou limitações narrativas. Se "Julietta" inicia, em 2016, uma nova fase, "Dor e Glória", de 2019, a confirma, e "Mães Paralelas" a enriquece. Da primeira fase, entre 1987 e 1988, permeada por comédias pós-franquistas em que a libertação sexual coincide com as referências estéticas do diretor — de Douglas Sirk a Fassbinder, de Buñuel a Godard — o assinante poderá ver "Maus Hábitos", de 1983, que talvez seja o mais próximo que Almodóvar chegou de Buñuel. Já em "O Que Fiz Eu Para Merecer Isto?", de 1984, começa a se estabelecer a poética do diretor, marcada por elementos notáveis em seus filmes seguintes — cenas de programas ou comerciais televisivos usados como sátira ou crítica; arroubos melo-

máticos em meio a um contexto paródico; cores e canções exacerbando os sentimentos.

Sem falar na diversidade sexual e a questão dos transgêneros, famílias desestruturadas, mulheres às voltas com a brutalidade masculina — como na filmografia do cineasta japonês Kenji Mizoguchi.

"A Lei do Desejo", de 1987, conjuga pela primeira vez as referências mencionadas com um estilo maneiista bem sucedido. Fuma búfala cruel de amor louco, comatuação marcante de Antonio Banderas.

Os filmes seguintes afinam a fórmula com um estilo consolidado e constituem a fase da consagração internacional, na qual Victoria Abril se torna a grande parceira criativa. O melhor é "Ata me", de 1989, ausente do pacote da Netflix.

Mas está presente "Mulheres à Beira de um Ataque de Nervos", de 1988, e ainda sem Abril. É importante no uso das cores e talvez seja o primeiro grande sucesso do diretor. "De Salto Alto", de 1991, e "Kika", de 1993, porém, revelam um esgotamento da comédia sexual à moda de Almodóvar. O primeiro já apresenta uma forte carga melodramática, retomando "O Que Fiz Eu Para Merecer Isto?", canticando a sua mais influenciada por Douglas Sirk, da segunda metade da década de 1990.

Continuação da pág. C3





**RANKING**  
ALMOODÓVAR  
NA NETFLIX

A Lei do  
Desejo  
(1987)  
★★★★★

Carne  
Trêmula  
(1997)  
★★★★★

Fale  
com Ela  
(2002)  
★★★★★

Mães  
Paralelas  
(2021)  
★★★★★

Volver  
(2006)  
★★★★★

Maus  
Hábitos  
(1983)  
★★★★★

A Flor  
do Meu  
Segredo  
(1995)  
★★★★★

O que Eu Fiz  
para Merecer  
Istoa (1984)  
★★★★★

Má Educação  
(2004)  
★★★★★

Kika (1993)  
★★★★★

De Salto  
Alto (1991)  
★★★★★



Da esq. para a dir., as atrizes Victoria Abril e Marisa Paredes, em cena do filme 'De Salto Alto', de 1991 *Divulgação*

Continuação da pág. C2

Mas tem uma trama mal desenvolvida, com uma porção policial que é bastante pífia.

"Kika" tenta retomar o espírito libertário de seu primeiro longa, "Pepe, Luci, Bom e Outros Garotos de Montão", de 1986. Fracassa no ritmo e na falta de graça nas piadas verbais e visuais. Ainda tem uma sequência abjeta envolvendo estupro dentro de um contexto cômico. Lamentável maneira de filmar algo tão grave. O longa seguinte, "A Flor do Meu Segredo", de 1995, revela o desejo de abraçar o melodrama de maneira decisiva. Sirk e Fassbinder assumem a dianteira no caldeirão referencial, e uma nova fase se inicia. No lugar das mulheres atraídas de outrora, a sensibilidade das questões femininas pela qual o cineasta se tornará mais celebrado. É o início ainda indeciso de uma nova fase que trará a ele ainda mais consagração, fará dele uma grife.

O ponto alto dessa fase aparece já em "Carne Trêmula", em que o melodrama encontra o policial e o estilo se assemelha ao de Brian De Palma. A depuração se mantém no igualmente belo "Tudo Sobre Minha Mãe", de 1999, infelizmente ausente do ciclo da Netflix, e se prolonga ainda com "Fale com Ela", de 2001, um de seus filmes mais elogiados, belo ensaio sobre o poder do amor e do sexo. Essa sequência é provavelmente a mais forte de uma carreira marcada pelo risco. "Má Educação", de 2001, é o filme de crise, em que belas ideias convivem com cenas constrangedoras. Poderia ser o "Oito e Meio" de Almodóvar, mas é só uma obra de transição. Bem melhor é "Volver", de 2006, que retoma a atmosfera da segunda metade dos anos 1990 em chave nostálgica.

Entre em nosso Grupo no Telegram: [@EspacoDasAmericas](#)

<b>CHITÃOZINHO &amp; XORORÓ</b> É HOJE! 18 DE FEVEREIRO	<b>LUCCAS NETO</b> 26 E 27 DE FEVEREIRO   SAB E DOM	<b>FÉRVOR DAS GLORIOSAS</b> ALOMILLA E GLORIA CRIVONE EM DOIS GRANDES SHOWS 01 DE MARÇO   TERÇA	<b>ALEXANDRE PIRES</b> OBALLE DO NEGRO VERDE 05 DE MARÇO   SÁBADO
<b>FUTPARÓDIAS</b> 06 DE MARÇO   DOMINGO	<b>SKANK</b> TURNÊ DA DESPEZIDA 11 E 12 DE MARÇO   SEX E SÁB SHOW EXTRA: 13 DE MARÇO	<b>JÃO</b> TURNÊ PIRATA 18 DE MARÇO   SEXTA SHOW EXTRA: 14, ABR E 27, MAI	<b>DUDA BEAT</b> 01 DE ABRIL   SEXTA
<b>O GRANDE ENCONTRO</b> 02 DE ABRIL   SÁBADO	<b>JORGE &amp; MATEUS</b> 08 DE ABRIL   SEXTA	<b>MELIM</b> 09 DE ABRIL   SÁBADO	<b>THE MANHATTANS</b> 10 DE ABRIL   DOMINGO
<b>MAIARA &amp; MARAÍSA</b> EM HOMENAGEM A PELLEGRINI 15 DE ABRIL   SEXTA	<b>MARIA BETHANIA</b> FEVEREIRINHAS 16 DE ABRIL   DOMINGO	<b>WESLEY SAFADÃO</b> TBT 195 20 DE ABRIL   QUINTA	<b>RACIONAIS</b> 22 DE ABRIL   SEXTA
<b>IVETE SANGALO</b> 23 DE ABRIL   SÁBADO	<b>LULU SANTOS</b> ALÍ BASE 29 DE ABRIL   SEXTA	<b>PRIMO STARTUPS</b> JÓRGE KEPLER & PRIMO RICCO 30 DE ABRIL   SÁBADO	<b>IL DIVO</b> GREATEST HITS TOUR 01 DE ABRIL   DOMINGO



APÓDIO

Guarani  
Tudo que é Brasil

Azul

ACESSE [WWW.ESPACODASAMERICAS.COM.BR](http://WWW.ESPACODASAMERICAS.COM.BR) E GARANTA JÁ O SEU INGRESSO.

**LEMBRE-SE:** PARA ACESSO AO LOCAL DO EVENTO, É OBRIGATÓRIO A APRESENTAÇÃO DO COMPROVANTE DE VACINAÇÃO CONTRA COVID-19. COM DUAS DOSES OU DOSE ÚNICA.

OS INGRESSOS JÁ ADQUIRIDOS PARA OS SHOWS QUE TIVERAM SUAS DATAS ALTERADAS SERÃO VÁLIDOS PARA AS NOVAS DATAS, SEM A NECESSIDADE DE TROCA. CONFIRA OS HORÁRIOS DOS SHOWS EM NOSSO SITE

RUA TAGIPURU, 795 - BARRA FUNDA - SÃO PAULO [f](https://www.facebook.com/espacodasamericas) [i](https://www.instagram.com/espacodasamericas) [y](https://www.youtube.com/espacodasamericas) /ESPACODASAMERICAS



## ilustrada

# ‘Uncharted’ exhibe atletismo de Tom Holland e oferece ação competente

Versão filmada de jogo pode até fazer brilhar os olhos de produtores atrás de lucro e aventuras, mas faltam novidades

## CINEMA

**Uncharted: Fora do Mapa**

★★★★★

EUA, 2021. Direção: Ruben Fleischer. Com: Mark Wahlberg, Tom Holland e Sophia Taylor. Nos cinemas: 12 anos

## João Montanaro

Um espectro ronda Hollywood há algumas décadas. A indústria não consegue produzir franquias a partir de adaptações de jogos. De todas as lançadas nos últimos dez anos, só “Sonic” e “Resident Evil” tiveram continuação.

“Como um mercado que produz globalmente US\$ 18,8 bilhões por ano, rico em propriedades intelectuais, e que ao longo dos anos tomou emprestado boa parte da nossa sintaxe visual, não consegue servir de matéria-prima para algumas franquias lucrativas?”, devem se perguntar os produtores executivos.

Há quem diga que a natureza discrepante entre os meios —cinema como uma experiência narrativa passiva e o videogame como uma experiência interativa— dificulta adaptações, já que boa parte do que faz um jogo não está necessariamente ligada à história que apresenta.

Jogos continuam sendo jo-

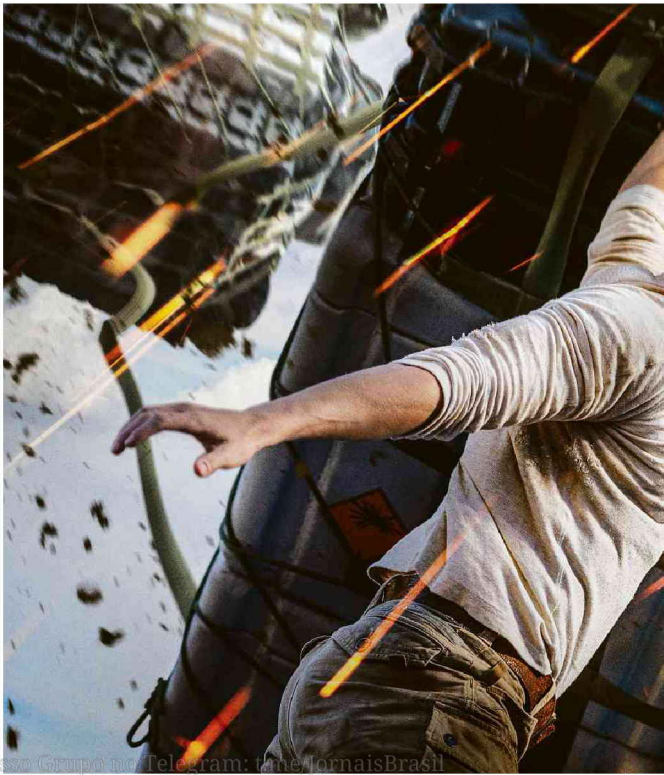
gos, com regras, objetivos e agência do jogador sobre os caminhos que a narrativa e seu protagonista vão tomar.

“Uncharted: Fora do Mapa” é a aposta da Sony —responsável pelo console PlayStation— para quebrar o mau agouro que impera sobre essas adaptações. Baseado num jogo tido como cinematográfico e que tem como maior influência “Indiana Jones”, longa e dirigido por Ruben Fleischer e tem Tom Holland como Nathan Drake, um garoto órfão que ganha a vida em Nova York como bartender e praticando pequenos furtos.

Ele é procurado pelo ladrão e caçador de tesouros Victor Sullivan, papel de Mark Wahlberg, para que juntos tentem localizar o ouro perdido de Fernão de Magalhães através de pistas que o irmão mais velho de Nathan pode ou não ter compartilhado com ele antes de desaparecer do mapa.

Nathan escolhe entrar na aventura na esperança de reencontrar seu irmão, mas logo se vê imerso em conspirações, traições e perseguições, uma vez que o herdeiro da poderosa família Moncada, papel de Antonio Banderas, também está atrás do ouro.

Continua na pág. C5



Tom Holland no pôster do filme ‘Uncharted: Fora do Mapa’, dirigido por Ruben Fleischer

Foto: Divulgação

# ‘Horizon Forbidden West’ supera antecessor, mas não impressiona

## GAMES

**Horizon Forbidden West**

★★★★★

Produção: Guerrilla Games. Distribuição: Sony. Disponível nos PlayStation 4 e 5. R\$ 299, 14 anos

## Tiago Ribas

Para o bem e para o mal, “Horizon Forbidden West” é mais do mesmo. O jogo pode ser considerado uma versão maior e melhor de seu antecessor, “Horizon Zero Dawn”, lançado em 2017 pela Guerrilla Games —o que já é um grande feito—, mas não vai muito além disso.

O título que chega aos consoles PlayStation 4 e 5 nesta sexta-feira conta com enredo e personagens mais interessantes, gráficos mais bonitos e resolve alguns dos principais problemas do original.

Mas, ironicamente, sendo um jogo de exploração em mundo aberto, não se arrisca a levar a sério para caminhos desconhecidos, retomando os mesmos temas explorados no primeiro jogo, com pesquisas e bem-vindas mudanças nas mecânicas de combate e movimentação.

A história de “Forbidden West” começa meses após os acontecimentos de “Zero Dawn”. A protagonista Aloy —guerreira e exploradora de ruínas que vive em uma versão pós-apocalíptica dos Estados Unidos— está à procura de Gaia, uma inteligência artificial que pode salvar a Terra de um apocalipse ambiental.

Ao longo da aventura para salvar o mundo, Aloy reencontra antigos amigos e faz novos aliados que a ajudarão em sua tarefa em meio a batalhas contra tribos rebeldes, inteligências artificiais malignas e dinossauros-robôs.

Apesar de ter um quê de ficção científica lado B, a história é bem construída, com

reviravoltas surpreendentes e emocionantes. Mesmo as missões secundárias são bem trabalhadas, com enredos criativos que aprofundam o entendimento do mundo.

Pena que algumas animações ainda pareçam pouco naturais e prejudiquem a emoção. Em situações de diálogo com mais de um personagem na tela, por exemplo, não é raro ver um deles olhando em direção ao nada ou com movimentos semelhantes aos de um boneco de marionete.

Quanto à jogabilidade, as melhores adições são relacionadas a novas formas para explorar o oeste proibido. Aloy agora pode mergulhar em cavernas subaquáticas, planar com uma espécie de paraquedas eletrônico e utilizar um gancho para alcançar lugares mais altos ou puxar objetos, dando uma densidade muito maior aos cenários.

Essas novas mecânicas, associadas à reformulação do criticado sistema de escalada, aumentam a liberdade para explorar um mapa mais amplo e diversificado do que o do original, com lindas versões de biomas como desertos, pântanos, montanhas nevadas, florestas e praias.

A mecânica de combate é similar à do jogo anterior, mas com boas adições. O sistema de combate corpo a corpo está mais robusto, com diferentes opções de combos. Para aqueles que preferem uma abordagem mais estratégica também há melhorias, como um sistema de foco reformulado, em que é possível identificar e marcar peças específicas das máquinas para serem atingidas.

Mudanças menos significativas, como a necessária reformulação do layout de menus e inventários, também impactam a experiência e ajudam a



A personagem Aloy em cena do jogo ‘Horizon Forbidden West’

otimizar seu tempo. A possibilidade de se teletransportar de um ponto de salvamento a outro sem custos é outro grande avanço em comparação com o primeiro jogo, em que era necessário fabricar ou comprar “pacotes de deviação” para isso.

Outra alteração sutil é a possibilidade de deixar seis armas em acesso rápido em vez de quatro, aumentando as alternativas durante os combates. Também foram ampliadas a árvore de habilidades, passando de quatro para seis “ramos” de melhorias, e o número de tipos de robôs diferentes, de 23 no jogo original (sem contar variações) para 43.

“Forbidden West” também disponibiliza várias opções para o jogador modular a experiência às suas preferências. Sem nenhuma dificuldade, é possível alterar, por exemplo, o idioma do texto dos diálogos —a tradução para o português brasileiro, por sinal, está bem satisfatória— e a dificuldade do jogo.

Testando o título em um PlayStation 5, por cerca de 30 horas, experimentei alguns raros bugs, como objetos necessários para cumprir uma missão que ficaram fora de alcance e demora para carregamento de texturas (apesar de a situação ter melhorado após a atualização do dia de lançamento). Além disso, tive de reiniciar o jogo em ao menos três oportunidades devido a travamentos. Mesmo assim, os problemas não chegaram a impactar de forma grave a experiência.

Apesar de não inovar na fórmula de jogos de mundo aberto, “Horizon Forbidden West” ainda é uma grande adição à série e, assim como agradará aos fãs do primeiro título, também servirá como uma boa porta de entrada para a saga de Aloy.





Continuação da pág. C4

O filme, então, segue a estrutura de uma caça ao tesouro pelo mundo. Os protagonistas são perseguidos por campanhas do vilão, traídos por personagens um passo à frente deles e resolvem quebrar cabeças usando livre interpretação da história e artefatos. Tudo isso se movimentando em ritmo frenético entre "set pieces" tão absurdos quanto divertidos, o que remete ao material original.

Sob a sombra das aventuras consagradas por Steven Spielberg, não há nada para ser visto de novo ou melhor que a influência da influência. Fleischer decupa a ação com tanta falta de esmero, interessado só em mostrar a proficiência da sua equipe de computação gráfica, que ele apresenta com a perseguição de tanques em "Indiana Jones e a Última Cruzada".

O filme acaba encontrando sua redenção na relação entre a dupla de protagonistas, que engata em uma bem humorada dinâmica de mestre e aprendiz e põe os protagonistas em situações cada vez piores.

Com formação de dançarino e acrobata, Tom Holland tem uma performance que exalta seu físico. Seu controle na hora de executar movimentos difíceis em sincronia com outros atores enquanto corre e pula impressiona quando a decupagem dá a devida atenção. Não é coincidência que o filme preste homenagem a "Police Story: A Guerra das Drogas", de Jackie Chan. Tom Holland ainda é o maior jovem ator em ascensão em Hollywood, e ele não tem a mesma liberdade de arriscar suas articulações como Chan tinha. Para ver a diferença entre indústrias, suas peripécias sem

auxílio de computação gráfica acabam sendo apenas pontuais. Vale imaginar seu potencial como intérprete cujo trunfo é como se movimentar em frente à câmera.

"Uncharted: Fora do Mapa" acaba sendo um trabalho baseado num jogo — por sua vez, baseado em filmes — e tem dificuldade de pensar fora dessa cadeia. Nenhuma armadilha é nova, nenhuma traição é inusitada, mas o espectador não vai desejar ter um controle em mãos para pular para a ação. Melhor, talvez: saia do cinema querendo jogar "Uncharted".

O mercado finalmente terá uma nova e bem-sucedida franquia baseada num jogo? O final dá a entender que essa é a intenção. Se conseguir se distanciar das influências mais óbvias e priorizar a relação entre os dois protagonistas, pode ser o início de uma franquia sem compromissos e bem divertida.

Ministério do Turismo e Consórcio Nacional Volkswagen apresentam

**LUIZ MIRANDA**

**MATEUS SOLANO**

**DIÁGO PICCOLLI**

**GUÍS CASABONA**

**FÁBIO LINDS**

**THOMAS MACCONDES**

**EMANUEL**

**INGRESSOS À VENDA**

**QUI, SEX, SÁB 20h30 DOM 17h**

**TEATRO SÉRGIO CARDOSO**

**CRIMINAL MIND**

**de Charles Ludlum**

**Symplic**

Entre em nosso Grupo no Telegram: [t.me/jornaisbrasil](https://t.me/jornaisbrasil)

diversos

22

Refestália

diversos

22

No centenário da Semana de Arte Moderna, festival Refestália reúne mais de 60 apresentações artísticas nas Unidades: 24 de Maio, Belenzinho, Bom Retiro, Campo Limpo, Carmo, Consolação, Interlagos, Ipiranga e Itaquera.

Programação completa em [sescsp.org.br/refestalia](https://sescsp.org.br/refestalia)

**DANÇA**

**Âncés**  
Com Tieta Macau  
Dia 18/2.  
Sexta, 19h. Ipiranga

**Z**  
Alejandro Ahmed, Grupo Cena 11  
Dia 18/2. Sexta, 20h. Belenzinho

**CINEMA**

**Tropicália**  
Direção: Marcelo Machado, Brasil, Documentário, 2012  
Dia 18/2. Sexta, 18h. Consolação

**Por Onde Anda Makunaimã?**  
Direção: Rogério Sello, Brasil, Documentário, 2020  
Dia 18/2. Sexta, 14h. Interlagos  
Dia 19/2. Sábado, 15h. Consolação

**INSTALAÇÃO**

**Gigante Tarsila**  
Com Pia Fraus  
Dias 18 e 19/2. Sexta e sábado, 15h, 16h, 17h e 18h. Campo Limpo

**LITERATURA**

**TransMITO Makunaimã**  
Intervenção cênico-literária, criada a partir do livro Makunaimã — O Mito Através do Tempo  
Com Deborah Goldenberg e Família Makunaimã  
Dia 19/2. Sábado, 15h. Interlagos

**CIRCO**

**Circomuns**  
Com Circo Teatro Palomar  
Dia 18/2. Sexta, 15h. Itaquera  
Dia 20/2. Domingo, 17h. Campo Limpo

**MÚSICA**

**Katu Mirim**  
Lançamento do primeiro álbum  
Revellita  
Dia 19/2. Sábado, 19h. Bom Retiro

**Arrigo Barnabé**  
Com a partir de Clara Crocillo  
Dias 18 e 19/2. Sexta e sábado, 21h. Belenzinho

**Pastoras do Rosário: Libertador**  
Com as Pastorais do Rosário.  
Participações: Fabiana Cozza, Izzy Gordon, Isabel Fillardis e Aldry Eloise.  
Dia 19/2. Sábado, 15h. Itaquera

**EXPOSIÇÃO**

**Raio-que-o-parta: ficções do modernismo no Brasil**  
A "arte moderna" no país para além de 1922 e do protagonismo por vezes atribuído a São Paulo.  
Até 7/8.  
Terça a domingo.  
24 de Maio

**TEATRO**

**A Fuzarca dos Descaços**  
Com Coletivo dos Anjos.  
Dias 18, 19 e 20/2. Sexta e sábado, 21h30. Domingo, 18h30. Belenzinho

**Manifesto de Uma Mulher de Teatro**  
Com Tânia Farias  
Dia 18/2. Sexta, 18h. Carmo

**Chegança dos Malungos**  
Com Teatro Popular Solano Trindade  
Dia 18/2. Sexta, 20h. Campo Limpo

**PERFORMANCE**

**Passeio Tropical**  
Com Sheyla Ayo  
Dia 18/2. Sábado, 14h.  
24 de Maio

**Depois do quadro TROPICAL, quantos passos demos em direção ao novo**  
Com artistas do Coletivo Trova: Sheyla Ayo, Lídia Lisboa e Juçella Bernardo  
Dia 18/2. Sexta, 16h. Campo Limpo

**Axéxé da Negra ou O Descanso das Mulheres que Mereciam Serem Amadas**  
Com Renata Felinto  
Dia 19/2. Sábado, 15h. Bom Retiro





Entre em nosso Grupo no Telegram: [t.me/jornaisBrasil](https://t.me/jornaisBrasil)

Adam Scott em cena da série 'Ruptura', do Apple TV+ Divulgação

# 'Ruptura' retrata a era do burnout, em que vida e trabalho entram em colisão

Produzido e dirigido por Ben Stiller, seriado sci-fi imagina dividir nossas memórias entre dever e lazer

Leonardo Sanchez

**SÃO PAULO** Imagine se você pudesse separar completamente a sua vida pessoal do trabalho — e nunca mais ter de se preocupar com a entrega de algum relatório enquanto vê TV em casa ou então com algum problema amoroso enquanto está no escritório. Parece o mundo dos sonhos, embora a nova série 'Ruptura' tente provar que o arranjo está longe de ser benéfico.

Produzida e dirigida por Ben Stiller para o Apple TV+, a trama que estreia agora acompanha o dia a dia na Lumen In-

dustries, uma empresa gigantesca que cria uma tecnologia capaz de ligar ou desligar as partes do cérebro relacionadas ao trabalho e ao lazer. Tudo graças a um procedimento cirúrgico ao qual novos funcionários são submetidos. Quando eles chegam para trabalhar, todas as memórias não relacionadas à labuta são comprimidas e é como se a pessoa em questão criasse uma nova personalidade, sem ter lembranças de sua família, por exemplo. Quando sai, ela tampouco reconhece os colegas de trabalho na rua.

A discussão sobre a separa-

ção entre vida pessoal e trabalho feita por 'Ruptura' parece especialmente atual na resaca pandêmica, já que a Covid-19 foi responsável por bagunçar as fronteiras entre as duas coisas, com gente trabalhando de casa por meses e reuniões por vídeo sendo interrompidas por emergências domésticas — tipo de problema do qual nem celebridades como Stiller escaparam. A mania como a nossa vida se transformou no período em que passamos desenvolvendo a série mudou completamente a nossa relação com o trabalho, agora

mais misturado à nossa vida pessoal", afirma o produtor e diretor, emendando que cerca de 80% da montagem da série foi feita remotamente. "Eu colocava meu filho na cama, ligava para o meu editor e nós combinávamos que trabalharíamos por cerca de uma hora, uma hora e meia, montando os episódios. O fato de estarmos trabalhando e de repente nos virarmos para falar com a nossa família pode ser esquizofrênico às vezes. É como se vivêssemos duas realidades, com uma tentando se sobrepor à outra. E estranho, todos nós tivemos que

“A maneira como a nossa vida se transformou mudou completamente a nossa relação com o trabalho, agora mais misturado à nossa vida pessoal. Pode ser esquizofrênico

**Ben Stiller**  
produtor e diretor de 'Ruptura'

aprender a organizar nossas vidas de uma maneira nova." "Ruptura" traz esses e outros questionamentos ao acompanhar Mark, personagem de Adam Scott, que perdeu a mulher há pouco e decidiu se juntar à Lumen para poder escapar do luto por algumas horas diárias. Quando o chefe de seu departamento é misteriosamente desligado da empresa, ele precisa treinar uma novata, que, depois de passar pelo procedimento cerebral, cria uma pessoa que quer, a todo custo, fugir do emprego.

O que se segue é uma série de debates sobre a ética da "ruptura" — defendida por alguns personagens e abominada por vários outros, que alegam que ambições capitalistas estão tomando posse da mente das pessoas — e também sobre a importância das nossas lembranças, boas ou traumáticas, como as de Mark, na construção de quem somos.

"Como toda boa ficção científica, 'Ruptura' é um reflexo de onde nós estamos agora enquanto sociedade e também nos permite dar uma olhadinha no futuro que talvez nos aguarda", diz Scott, que já frequentou escritórios na série 'Parks & Recreation'. 'Ruptura' apresenta uma possível solução para o burnout e outros dilemas trabalhistas que enfrentamos na vida real, mas leva isso para um nível além."

"Ruptura", no entanto, não se relaciona com a realidade só por questionar a delicada balança sobre a qual vida pessoal e trabalho se equilibram. Com a Lumen Industries, que tem personagens vividos por Patricia Arquette, Christopher Walken e John Turturro entre seus recintos, a série traça também um paralelo com o mundo das megacorporações, que controlam diversos aspectos das nossas vidas usando tecnologias inovadoras e um farto leque de atuação — a própria Apple, nem é preciso lembrar, tem um domínio que vai muito além das fronteiras do streaming e do entretenimento.

Adam Scott lembra Elon Musk como um personagem que poderia ter sido das 'Três Irmãs da Lumen'. Com uma fortuna construída graças a investimentos que vão de carros ao turismo espacial, o bilionário trabalha agora num chip cerebral que, a princípio, teria funções médicas — nem por isso o ator deixa de classificar o projeto de "assustador, bizarro e inquietante".

"Mas há várias coisas que a princípio nos causam estranheza. Se, quando era adolescente, alguém me dissesse que eu teria uma dispositivo no meu bolso capaz de acessar todo o catálogo de filmes do mundo ou todas as músicas dos Beatles, eu não acreditaria, diria que é para ficção científica. Então talvez não estejamos tão longe de bifurcar o nosso cérebro."

Com nove episódios e uma possível segunda temporada, da no horizonte, 'Ruptura' é mais uma trama produzida ou dirigida por Ben Stiller, mas na qual ele não atua. Não é apenas um diretor, mas também um ator de apoio, com uma participação especial. O americano tem investido intensamente em sua carreira nos bastidores nos últimos anos, trabalhando em histórias tão disparehas quanto a minissérie 'Escape at Dannemora', indicada a 12 prêmios Emmy, e o filme 'Alex Strangelove', um romance adolescente bobinho.

"Eu não quis atuar em 'Ruptura' porque, na verdade, eu não tenho feito isso há um tempo, atuar e dirigir. Eu gosto de ter que fazer as coisas as coisas e aproveitar o tempo numa única função", diz ele. E não adianta criar uma tecnologia capaz de separar o Ben Stiller ator do Ben Stiller produtor-diretor — se a "ruptura" existisse, ele deixaria bem claro que não gostaria de se voluntariar para o procedimento.

**Ruptura**  
EUA, 2022. Criação: Dan Erickson. Com: Adam Scott, Patricia Arquette e Christopher Walken. Disponível no Apple TV+



## ilustrada



Lincoia Souza

## Lukaku

Imprensa deve formar profissionais que não reproduzam discursos racistas

Djamila Ribeiro

Mestre em filosofia política pela Unifesp e coordenadora da coleção de livros Feminismos Plurais

A jornalista Renata Mendonça, colega colunista deste jornal, apontou racismo de um comentarista esportivo que reduziu o atacante belga Romelu Lukaku a um jogador desprovido de técnica e dotado de mera força física. O comentário foi feito na transmissão da final entre Chelsea e Palmeiras, no qual o clube inglês venceu o jogo — com gol de Lukaku — e se sagrou pela primeira vez campeão mundial de

futebol masculino.

O pivô do time marcou seu nome na história mais uma vez. Do no de uma carreira exitosa, é o maior goleador da seleção belga, marca que atingiu aos 27 anos. Conquistou títulos nacionais e internacionais e recebeu diversas premiações. E ainda vai conquistar muito mais.

Mas, salvo exceções, jornalistas esportivos não se qualificam na compreensão da sociedade em que estão e costumam cair

na vala comum, repetindo clichês da lógica racista que animaliza o negro e retira sua capacidade racional o confinando em um lugar de força física. Reproduzem teorias retrógradas do século 19, ou racismo científico, a ideia de que a população negra seria biologicamente inferior à população branca, com o fim de justificar a escravidão. Por essa ideologia, que, vale frisar, reinou na intelectualidade do país e sedimentou as bases

de estudos e discurso, negros e negras seriam dotados de força física e capacidade de braço, mas não seriam aptos a desenvolver trabalhos intelectuais. Ainda hoje, as raízes dessa visão colonial se traduzem no ranço em reconhecer, ou na teimosia em não reconhecer, a genialidade de uma pessoa preta, seja ela atleta, escritora, política, artista et cetera.

Seria interessante que as empresas que empregam comenta-

ristas, jornalistas, editores(as), diretores(as), fizessem a formação de seus quadros. Na melhor das hipóteses, a pessoa nesses cargos está reproduzindo um comentário racista, o fazendo por estar inserida em uma sociedade de construída sobre essas bases. Logo, sendo o combate ao racismo um dos objetivos da República e sendo essas empresas concessionárias públicas, é dever formar seus profissionais, para que reproduções de discursos racistas não ocorram e, se que quando vierem a ocorrer, que haja políticas de reparação.

O jornalismo esportivo é um campo de urgente atuação, pois, apesar de, incluindo o futebol, foi estruturado pelo racismo. Negros foram impedidos de praticar esportes. Quando começaram a jogar, receberam aplausos racistas de todo tipo, prática comum até hoje, assim como é um dado da realidade não haver técnicos ou dirigentes negros.

Há uma série de estudos sobre o tema, documentários, filmes que poderiam ser pesquisados por quem se diz da área, mas é claro que é mais confortável permanecer ignorante. Duente do desenvolvimento do esporte, os comentários racistas do jornalista esportivo foram e são valia comum.

Por mais de 50 anos, o goleiro Barbosa foi punido por ter sofrido um gol na Copa de 1950. Diante do que a mídia branca entendeu como falha, criou-se o "mito do goleiro negro", que dizia que "negro não serve para ser goleiro". Até a ascensão de Dida, em 1995, o posto de goleiro da seleção foi dominado por arqueiros brancos. Na TV, é comum ver esse clichê se repetido.

Historicamente, as empresas de imprensa em geral são compostas por homens, sobretudo em cargos de direção. Contudo, a hegemonia no campo esportivo é ainda maior. Até recentemente, mulheres nem sequer eram comentaristas de programas ou narradoras.

O ambiente profissional aludia a estruturas históricas são um cenário de propriedade, sogrinha, ódio às mulheres. "Invasão" da paz que reinava nas brincadeiras dos "meninos", a presença de mulheres, em especial de mulheres conscientes, faz com que haja hostilidade em relação a seu trabalho.

Lembrei-me dos tempos em que escrevi um artigo apontando o desrespeito de jornalistas esportivos que se referiam a Serena Williams, simplesmente a maior tenista de todos os tempos, de forma reducionista e desrespeitosa. No texto, cobrava jornalistas que haviam sido tenistas de menor expressão e se portaram de maneira digna na profissão.

Era 2015, não havia ainda publicado livros e estava no meu terceiro ano como colunista. "Quem é essa que está nos questionando?" A reação, assim como a resposta masculina a Renata Mendonça, foi um chliquo, é engraçado que homens gostem de se referir a mulheres como históricas. Mas basta um questionamento diante de uma besteira diá para começar um verdadeiro expurgo de seus colegas uns solidários.

Como diz o amado jornalista Paulo César Vasconcelos, o espaço é ocupado e ampliado. A mudança virá, o absurdo de deixar de ser normal e as mulheres só estão começando.

| seg. Lúiz Felipe Pondé | ter. João Pereira Coutinho | qua. Marcelo Coelho | qui. Fernanda Torres, Doreia Vazille | sex. Djamila Ribeiro | sáb. Mario Sergio Conti

## Entre em nosso Grupo no Telegram: t.me/jornaisBrasil

## CRÍTICA SERIAL

Luciana Coelho

criticaserial@grupofolha.com.br

## Intrigas entre nobreza e plebe de Nova York movimentam 'A Idade Dourada'

Não é novo o tema que "A Idade Dourada" traz. O atrito provocado conforme poder e dinheiro mudam de mãos entre os ricos cuja fortuna vem de família antiga e aqueles que a obtiveram com o próprio esforço, esperteza ou sorte já foi explorado em incontáveis ângulos, de "O Grande Gatsby" a "Rainha da Suca".

O que torna especial esta série da HBO Max que estreou no fim de janeiro é quem a assina, Julian Fellowes.

O roteirista contemplado com o Oscar em 2002 por "Assassinato em Gosford Park", de Robert Altman, e com uma

longa lista de prêmios pela série "Downton Abbey" — no ar entre 2010 e 2016 — não trai seu público: estão ali as intrigas, as aspirações de ascensão, ou de se reconquistar um antigo status, as barreiras sociais entre empregados e patrões, a heroína orgulhosa e pragmática e, claro, cenários e figurinos deslumbrantes.

Mudou, contudo, o sotaque: a nobreza inglesa que povoou outras obras de Fellowes dá lugar à elite nova-iorquina do final do século 19, quando o boom industrial e ferroviário mudava o país e, sobretudo, a cidade que viria a habitar fantasmas mundo

afora como símbolo da possibilidade de ascensão social.

Sim, à maneira que a mansão de Downton era viva em cena, é difícil assistir à "A Idade Dourada" sem se deslumbrar com uma Nova York fervilhante e voraz que, em não poucos momentos, ofusca os personagens. E olha que o elenco arregimentado por Fellowes é impecável.

O conflito aristocrata versus novos ricos aqui ganha a forma dos Russell, uma família que enriqueceu com ferrovias, e as irmãs Brooks — a sonhadora Ada, papel de Cynthia Nixon, que nunca se casou, e a amarga Ag-

nes, vivida por Christine Baranski, cujo casamento lhe rendeu o sobrenome Van Rhijn, uma pequena fortuna e traumas diversos.

Os dois núcleos moram frente a frente em palacetes na Quinta Avenida, com um recin: inaugurado Central Park logo ali. Se as duas irmãs veem seu poder e conforto definhar, a família Brook, capitaneada por Bertha — vivida por Carrie Coon, de "The Leftovers", possivelmente em seu melhor papel — e Geor-

ge — encarnado por Morgan Spector — anseia por status social. E há festas e bajulações para conseguir isso.

Mas, como é Nova York e não a Inglaterra, somos levados a crer que tudo é possível, e as novas gerações terão menos preconceitos. Os preconceitos diferentes, talvez. A chegada de Marian — papel da nova Louise Brooks — para viver com as tias após o pai morrer e deixá-la na miséria dá a chance de abrir todas essas portas. Ela traz, por

exemplo, Peggy Scott, uma jovem negra aspirante a jornalista que logo consegue um emprego como secretária de Agnes e desperta o racismo da criadagem norista.

A série ainda está em seu quarto episódio — serão nove, com estreia a cada segunda, à moda antiga — e acaba de ter a segunda temporada garantida. É pouco para um veredicto, mas já dá para dizer que Fellowes não perdeu a mão. "A Idade Dourada" está na HBO Max, com novos episódios às segundas

**OPUS** APRESENTA

JUCA DE OLIVEIRA ROSI CAMPOS LEO STEFANINI NILTON RICUDO  
NATALLIA RODRIGUES JULIANA ARAUJO DANIEL WARREN

**A flor do meu bem querer**

Em temporada

TEATRO FREI CANECA

INGRESSOS EM **uhj.com**

Uma comédia de Juca de Oliveira

Para todos os eventos presenciais seguimos os protocolos de prevenção à COVID-19. Mais informações em **TEATROFREICANECA.COM.BR**

Ministério do Turismo, AncorMital e Porto Seguro apresentam

**SUCESSO NA LITERATURA, NO CINEMA E NO TEATRO DE UMA FORMA QUE VOCÊ NUNCA VIU!**

**MEL LISBOA** **MARCELLO AIROLDI**

**MISERY**

Baseado na obra de **STEPHEN KING**  
de **WILLIAM GOLDMAN** dirigido por **ERIC LEVINE**

TEATRO PORTO SEGURO

CURTA TEMPORADA  
SEX 8 SÁB 20H  
DOM 19H

**Sympla**

Produção Original da Broadway Produzida pela Warner Bros. Theatre Ventures em associação com Castle Rock Entertainment. Lúcio Glória, Marc Kaufman, Martin Butler e Raymond We



ilustrada

É meme ou fake news?

O método de confundir para conquistar

Renato Terra

Roteirista e autor de "Diário da Dilma", "Dirigiu 'Uma Noite em 60"' e "Narciso em Férias"

Vacina é ruim, Agrotóxico é bom. Nazismo é igual a comunismo. Há racismo reverso. Armas promovem a paz. Rachadinha não é corrupção. Meritocracia é ser filho do presidente. Eficácia. O bolsonarismo mistura tudo numa pasta disforme para que não se possa distinguir o que é fato do que é narrativo. O que é tchazinho do que é uma saudação nazista. O que é um símbolo de "OK" como os dedos ou um sinalzinho

para os supremacistas. Ou então: o que é meme e o que é fake news. Esta semana, por ocasião da viagem de Jair Bolsonaro à Rússia, o ex-ministro Ricardo Salles postou uma imagem com a logomarca da CNN e a manchete: "Putin sinaliza recuo na Ucrânia, presidente Bolsonaro evita a Terceira Guerra Mundial". A CNN se apressou em publicar: "CNN não noticiou que presidente Bolsonaro evitou guer-

ra". Emboixo da manchete, pôs um selo de "fake news" na imagem propagada por Salles. Presionado, o ex-ministro alegou que se tratava de um "meme". O humor pode se tornar um alibi confortável para quem quer espalhar mentiras. É isso que apontar (mais um) caminho perigoso nestas eleições. "Ah, era um meme". "Ah, era uma piada". "Ah, o que eu disse foi tirado de contexto". "Ah, eu tava bêbado". A confusão faz parte da es-

tratégia. Enquanto o mundo real se move, no Telegram a manchete circula: "Putin sinaliza recuo na Ucrânia, presidente Bolsonaro evita a Terceira Guerra Mundial". Num discurso oficial, Jair Bolsonaro aumentou a confusão: "Mantivemos a nossa agenda. Por coincidência, ou não, par-te das tropas deixou a fronteira", disse. A declaração do presidente também circula nas redes de Telegram, nas redes soci-

ais, em todo lugar. Quem quiser pode juntar as coisas e acreditar. Afinal, acreditaram na mamadeira de pírcia. Acreditaram que a vacina implantava um chip. A pasta informe criada pelos bolsonaristas desacreditada a imprensa, desacredita os veículos de checagem. Já não se sabe o que é realidade, o que é fake news, o que é piada. Nessa confusão propositalmente criada, das pessoas acreditam no que querem acreditar. Raul Seixas cantou a pedra: "É na cidade de cabeça pra baixo / A gente usa o teto como capacho / Ninguém precisa morrer / Pra conseguir o paraíso no alto / O céu já está no asfalto". Ou foi Regina Duan te disse isso? Foi o Morgan Freeman? Era uma música? Raul era de esquerda? Era de direita? Morreu de Covid?



Deborah Gonzalez

| DOM, Ricardo Araújo Pereira | SEG, Bia Braune | TER, Manuela Cantuária | QUA, Gregório Duvivier | QUI, Flávia Boggio | SEX, Renato Terra | SÁB, José Simão

É HOJE EM CASA

Tony Goes

tonygoes@uol.com.br

Freira lésbica do século 17 estrela novo filme de Paul Verhoeven

Benedetta

Para compra ou aluguel em diversas plataformas, 18 anos. Diretor de "Instinto Assassino" e "Elle", o holandês Paul Verhoeven nunca se furtou a escandalizar o público. Sua última provocação é este longa que conta a história real de Benedetta Carlini, uma freira italiana que, com métodos discutíveis, chegou a madre superiora de um poderoso conserto, enquanto mantinha um romance com outra religiosa. Virgine Efira está indicada ao César de melhor atriz pelo papel titulo.

Mostra Plural de Cinema LGBTQIA+

sess.org.br/mostraplural, grátis. Em parceria com o British Council, a plataforma Sesc Digital exibe dez curtas britânicos que abordam a diversidade sexual, entre ficções e documentários. Entre os destaques estão "Anomalia", de Amour Al-Kadhi e "Balada", de Amélia Hashemi. Até domingo.

Maravilhosa Sra. Maisel

Amazon Prime Video, 14 anos. A quarta temporada da sitcom sobre uma dona de casa que se torna comediantes se passa em 1960, com a protagonista se afastando a família por causa da carreira. Dois novos episódios toda sexta.

Space Force

Netflix, 12 anos. Steve Carell, de "The Office", faz um general que monta um novo ramo das Forças Armadas para a guerra no espaço. Na segunda temporada, ele tem quatro meses para provar que a empreitada vale a pena.

Amazônia - O Despertar da Floresta

Canal Brasil, 17h30, livre. No dia em que Christiane Torloni completa 65 anos, o canal exibe o documentário que a atriz dirigiu ao lado de Miguel Przewodowski, sobre a preservação da Amazônia.

O Caminho de Volta

Telecine Premium, 22h, 14 anos. Ben Affleck faz um ex-jogador de basquete alcoólatra que, enfrentando o vício, aceita treinar o time de sua antiga universidade.

Sicário: Dia do Soldado

Record, 22h30, 16 anos. A sequência de "Sicário: Terra de Ninguém" traz um ex-agente, papel de Benicio del Toro, que tenta se vingar de traficantes que mataram sua família.

QUADRINHOS

Piratas do Tietê Laerte



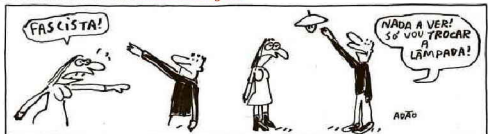
Daiquiri Caco Galhardo



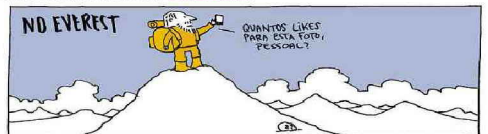
Niquel Nausea Fernando Gonsales



A Vida Como Ela Yeah Adão Iturrugarai



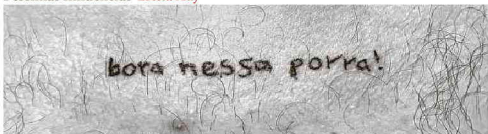
Não Há Nada Acontecendo André Dahmer



Viver Dói Fabiane Langona



Péssimas Influências Estela May



SUDOKU

texto.art.br/fp

FÁCIL

2	1							
	6		2	5				1
		3			6			8
7	8						3	9
				8			4	
4	3	1						
1		5	7					
						7		3

O Sudoku é um tipo de desafio lógico com origem europeia e aprimorado pelos EUA e pelo Japão. As regras são simples: o jogador deve preencher o quadrado mágico, que está dividido em nove grids, com nove lacunas cada um, de forma que todos os espaços em branco contenham números de 1 a 9. Os algoritmos não podem se repetir na mesma coluna, linha ou grid.

SOLUÇÃO

1	2	6	9	4	5	3	7	8
9	7	5	1	8	4	2	3	6
3	4	8	2	7	6	5	1	9
4	9	1	6	5	3	7	8	2
6	3	7	4	2	8	1	5	9
5	1	2	3	9	7	8	6	4
8	6	3	5	1	2	4	9	7
2	5	9	8	3	7	1	4	6
7	8	4	3	6	1	9	2	5

CRUZADAS

HORIZONTALS

1. Reputado, considerado / Microprocessador / elemento essencial de um computador. 2. (Pop.) Apartamento / Obra em versos. 3. Ir ou vir em socorro. 4. Atacar de frente, com audácia. 5. Enfeitado / (Quim.) O antimônio. 6. Uma personagem das histórias infantis / Um que tem um ou mais filhos. 7. Faixa limpa de uma mata, para evitar a propagação de incêndios. 8. O chef e apresentador de TV Guedez / Digite oposta ao leste. 9. Ação fraudulenta / Artigo de pesca. 10. Arborizar. 11. Exclusivo do corpo / (Farm.) Uso oral. 12. As iniciais do cantor e compositor Valença / (Alto.) Diz-se de ocasião que favorável, positiva. 13. Ecor, retumbante.

VERTICAIS

1. Um dos carros-chefe da culinária paranaense / Formar gradualmente, com conselhos e ensinamentos. 2. Igreja Presbiteriana / Provide de som (filme) / Um animal comum a água ou a terra. 3. Pronunciar bem, com toda a clareza. 4. Golpe para trair a pata da cavalegada / Embelezar. 5. Em costura, o ato de fazer marcas com alfinete / (Rec.) Recipiente próprio para as refeições humanas. 6. Ato de denostar / Grande indignação. 7. Planta trepadeira usada para revestimento de muros / Ficar imóvel para ser fotografado / Signa de um estado extremo do corpo / 8. Coberta de água / Inclinação alternada dos dentes da serra. 9. Um número como quatro ou sessenta / Fatia de carne enrolada com toucinho, cenoura etc., e cozida em molho.

1	2	3	4	5	6	7	8	9
1								
2								
3								
4								
5								
6								
7								
8								
9								
10								
11								
12								
13								

Forças: 1Rg, 2Rg, 3Rg, 4Rg, 5Rg, 6Rg, 7Rg, 8Rg, 9Rg, 10Rg, 11Rg, 12Rg, 13Rg, 14Rg, 15Rg, 16Rg, 17Rg, 18Rg, 19Rg, 20Rg, 21Rg, 22Rg, 23Rg, 24Rg, 25Rg, 26Rg, 27Rg, 28Rg, 29Rg, 30Rg, 31Rg, 32Rg, 33Rg, 34Rg, 35Rg, 36Rg, 37Rg, 38Rg, 39Rg, 40Rg, 41Rg, 42Rg, 43Rg, 44Rg, 45Rg, 46Rg, 47Rg, 48Rg, 49Rg, 50Rg, 51Rg, 52Rg, 53Rg, 54Rg, 55Rg, 56Rg, 57Rg, 58Rg, 59Rg, 60Rg, 61Rg, 62Rg, 63Rg, 64Rg, 65Rg, 66Rg, 67Rg, 68Rg, 69Rg, 70Rg, 71Rg, 72Rg, 73Rg, 74Rg, 75Rg, 76Rg, 77Rg, 78Rg, 79Rg, 80Rg, 81Rg, 82Rg, 83Rg, 84Rg, 85Rg, 86Rg, 87Rg, 88Rg, 89Rg, 90Rg, 91Rg, 92Rg, 93Rg, 94Rg, 95Rg, 96Rg, 97Rg, 98Rg, 99Rg, 100Rg.





Poltronas de couro, móveis escuros e iluminação baixa do bar Rabo di Galo, que tem pintura no teto assinada pelo artista Rodrigo de Azevedo Saad, o Cabelo

Eduardo Knap/Thalpress

# Conheça o Rabo di Galo, novo bar de luxo de SP

Dentro do hotel Rosewood, próximo à avenida Paulista, casa investe em carta de drinks e serve bolovo de R\$ 135

## Marina Consiglio

**SÃO PAULO** A inauguração do hotel Rosewood, em São Paulo, não trouxe à cidade apenas uma marca de luxo e acomodações avaliadas como seis estrelas, com diárias que partem dos R\$ 2.800. Ela representou também a abertura de um novo bar, tão chique quanto o empreendimento e dedicada à alta coquetelaria: o Rabo di Galo. Apesar dos sorrisos e da atenção dispensados pela equipe da casa, beber por ali não é para qualquer bico. O bar está no hotel instalado no complexo Cidade Marfraz, numa quadra da avenida Paulista, e a visita é um evento. Com direção artística do francês Philippe Starck, o Rosewood tem uma coleção de 450 obras assinadas por artistas brasileiros — parte delas pode ser vista pelo público que for a um dos espa-

ços gastronômicos ou à centenária capela de Santa Luzia.

Dos seis restaurantes do hotel, cinco já estão em funcionamento — a Le Jardin, o Blaise, o Tazie e o Rabo di Galo recebem visitantes, enquanto o Bela Vista Rooftop está disponível apenas para hóspedes. Destes, somente o Rabo di Galo não aceita reservas.

Para evitar o perrengue de ficar na fila, o jeito é chegar cedo. O espaço abre às 18h, e suas poltronas de couro acomodam apenas 35 pessoas.

"Chegamos às 17h30 e já tinha fila de espera", relata a diretora criativa Claudia Toledo, que tentou visitar o local no dia 29 de janeiro. Como não havia previsão do tempo de espera e não era possível pedir um aperitivo ou uma água enquanto aguardava, ela e seus acompanhantes desistiram de entrar no bar. Ainda tivessem que pagar R\$ 60 de estaci-

onamento. Só recebemos uma ligação às 20h para dizer que a mesa estava liberada."

Em nota, o hotel reforçou que o bar trabalha com uma lista de espera que funciona por ordem de chegada e que a procura vem sendo alta. "Os restaurantes e bar do Rosewood de São Paulo estão operando com uma alta demanda de clientes, em especial aos finais de semana", afirmou.

Enquanto aguarda, o visitante pode folhear as livras da biblioteca, circular pelo lobby do hotel e observar as obras de arte e peças de designers. "O banheiro é lindíssimo", disse uma funcionária, como quem dá uma dica de passeio. Com cabines revestidas de mármore de diferentes cores, o ambiente impressiona mesmo. Até o lixo é bonito.

Batizado com o nome do brasileiro rabo de galo, drink criado nos boteques

paulestinos nos anos 1950, o bar reflete a proposta do Rosewood de valorizar o que é nacional e apresentá-lo como artigo de luxo.

Intimista, o ambiente é inspirado nos clubes de jazz dos anos 1930. Mas seu teto é colorido pelas mãos de Rodrigo de Azevedo Saad, o Cabelo, que pintou ali uma noite mágica, com um quê de primitiva. A programação musical toma o espaço de terça a domingo. Já o menu lança um rico val-tragourmetizador nos tradicionais petiscos de bares. Há receitas como frango à passarinho, que custa R\$ 58 com quatro unidades; croquetas de camarão, abóbora e coco, por R\$ 74 com quatro unidades.

O famoso bolovo também está no cardápio — feita de frango e caviar, a unidade custa R\$ 135. As ovas coram o petisco, cuja massa finíssima se desfaz na degustação. Há ain-

da uma versão mais simples do salgado, feita com emulsão trufada, por R\$ 52 a unidade.

Coincidentemente, o novo bar foi inaugurado pouco depois que São Paulo se despediu do Frank, em dezembro — e tem potencial de preencher esse vácuo e se tornar o novo balcão do hotel que atrai quem sai pela noite paulistana em busca de um drink.

Inaugurado em 2015 no lobby do Malsoud Plaza, o Frank acumulou prêmios e marcou uma nova fase da categoria na capital. O negócio fechou as portas junto ao hotel.

No Rabo di Galo, Ana Paula Ulrich é a chefe de bar e assina criações como o frutado Wishbone, feito com gim, Lillet, manga, Luxardo Bitter Bianco, Sauternes e Angostura. A bebida custa R\$ 65 — que é o valor das receitas mais baratas do cardápio, diga-se.

A receita mais tradicional

do rabo de gallo combina cachapa, Cynar e vermute tinto. Por ali, a bebida aparece em duas versões: a primeira junta vermute tinto e branco, além de goiaba, e sai por R\$ 75. Já a segunda é mais encorpada, não tem Cynar, mas tem rum e jerez — esta custa R\$ 65.

A título de comparação, num boteco do tipo bar e lanches, como o Estádio, a bebida também tem variações. Na lanchonete, a receita mais barata custa R\$ 66, com cachapa e vermute Cinzano, e paga-se R\$ 14 pela mais cara, com licor de cacau e Domestique.

Mas botecos, claro, não têm um ambiente assinado com gente circulando para ver e se vista. No Rabo di Galo, paga-se para provar a experiência do popular em versão de luxo.

## Rabo di Galo

Hotel Rosewood • 11 Topica, 475, Bela Vista, região central. Instagram @rosewoodsaopaulo

## Oregon e Tasca do Arouche, dois tradicionais pontos da comida paulistana, estão fechados

Laura Lewer e Nathalia Durval

**SÃO PAULO** O restaurante Tasca do Arouche e a lanchonete Oregon, dois tradicionais empreendimentos gastronômicos da capital paulista, estão com as portas fechadas e têm seus destinos indefinidos.

O primeiro está fechado desde o início da pandemia, em 2020. Ponto de culinária portuguesa inaugurado em 2014 no centro, o local interrompeu o funcionamento primeiramente de forma temporária.

Funcionários do hotel San Raphael, que fica do outro lado da rua do restaurante e cuja equipe também administra o Tasca, primeiramente confirmaram o fechamento definitivo da cozinha. Mas depois surgiu uma luz no fim do túnel para os frequentadores.

Gregório Gaf, gerente do

San Raphael e neto do fundador, que criou o restaurante junto a José Maria Pereira, afirmou que há planos de local retornar no futuro.

"O ponto do Tasca está aguardando uma segunda definição. Devemos reabrir as operações, seja o próprio Tasca, seja talvez algo híbrido. Temos planos de voltar com a casa o mais breve possível", afirmou, sem dizer uma data.

O grupo revela também que estuda inaugurar um novo restaurante no mesmo largo do Arouche, que vem passando por obras de revitalização.

A lanchonete Oregon, que, por sua vez, funcionava desde 1967 em uma esquina de Pinheiros, é outra que tem seu futuro indefinido. Também de raízes portuguesas, o espaço passou parte da pandemia sem funcionamento, mas logo reabriu o salão para os clientes.

Em agosto do ano passado, no entanto, o edifício onde ficava o empreendimento foi comprado pela Yuca — empresa que transforma prédios em colivings —, o que forçou os moradores dos apartamentos que ficam acima da lanchonete a se mudarem.

A época, a família que toca a lanchonete ainda não sabia onde seria do espaço, que era alugado. Mas quem passa pelo endereço atualmente vê as portas fechadas, pedreiros circulando e o ambiente da Oregon completamente vazio.

Segundo a Yuca, a lanchonete parou de funcionar no fim do ano e há planos para a abertura de dois pontos comerciais no espaço antes ocupado pelo restaurante — mas ainda não se sabe quais. Procurado, um dos gerentes da Oregon não respondeu se vai reabrir a casa em outro ponto.

# FEVEREIRO

NO TEAT(R)O OFICINA UZYRNA UZONA

18 e 19 de FEV 20H!

**PARA NOIA**

poema porrada!!!  
pela paulicéia desvairada

de Roberto Piva  
com Marcelo Drummond

TEATRO OFICINA  
RUA JACQUEGUÊ, 520 - BIXIGA  
Ingressos à venda: Symplic

**SODOMA**  
6/OMORRA

**{teatrao}**

com Luiz Püntow

dramaturgia  
AO VIVO

da letra inédita  
de Antonice Filho

17 e 24 de FEV  
03, 10, 17, 24 e 31 de MAR às 21H!

PROTEJO  
SÃO PAULO  
CINEMA DE ARTE E CULTURA



**guiafolha**

Shake clássico da Milk &amp; Mellow Fotos Divulgação



Versão da Pinguina, lançada em janeiro



Receita de leite da Urbana Mauro Holanda/Divulgação

# Milk-shakes ganham nova rota em SP, com versões até de cachaça

Sorvetes batidos se multiplicam na cidade e inspiram grife dos chefs Jefferson e Janaína Rueda; saiba onde prová-los

Flávia G. Pinho

**SÃO PAULO** Eles são moda desde os anos 1960, quando as primeiras lanchonetes ao estilo americano foram inauguradas em São Paulo. Naquele começo, não havia muita escolha: era chocolate, morango ou baunilha — e olhe lá.

Besuntados de calda industrializada, os copões de vidro traziam a mistura de sorvete batido com leite, quase sempre com direito a corinho.

Hoje, a história é outra. Os menus de milk-shakes estão cada vez mais variados — e gulosos — e já têm até grife. Em agosto do ano passado, a Lanchonete da Cidade criou a Urbana Milkshakeria, que funciona dentro de parte das lojas e tem receitas dos chefs Jefferson e Imaína Rueda.

Tanto nas casas tradicionais quanto nas novas redes especializadas em milkshakes, onde os sabores podem passar de uma centena, estão em alta as montagens que extrapolam os limites dos copos e incorporam outros ingredientes, como bolachas recheadas,

Veja a seguir onde encontrar essas perdições geladas.

**Bullguer**  
Nas 16 unidades paulistanas, o cardápio lista três opções de milk shakes, todos batidos a partir de sorvete de baunilha: o Nutty, que leva creme de avelã, além do clássico de morango e o de biscoito Negresco com leite condensado. Todos são servidos em copos de 300 ml e custam R\$ 15.

R. Loeffgren, 1.260, Vila Mariana.  
Veja outros 15 endereços na capital no Instagram @bullguer

**Cabana Burger**  
Com nove unidades na capital, a rede oferece sete sabores de milk-shakes: tem de sorvete de leite em pó com calda de frutas vermelhas (R\$ 24) e de sorvete de caramelo com flor de sal e cookies (R\$ 24) —sempre em copos com 500 ml. Indícios podem pedir o Baby Shake, opção que combina dois pedidos com 240 ml cada um: um de leite em pó com Nutella e outro de chocolate com Ovmalinite (R\$ 27).  
Av. Braz Leme, 2.398, Santana. Veja outros oito endereços na capital no Instagram @cabana.burger

### Milk & Mellow

Inaugurada em 1976, a lanchonete sempre teve os milk shakes como especialidade. Há novidades como o sabor de banoffee, que mistura sorvete de baunilha, banana fresca, paçoca e cobertura de caramelo (R\$ 44). Mas os pedidos retrô seguem no cardápio, como o vaca preta, que mistura sorvete de chocolate com refrigerante de cola (R\$ 45), ou o Ice Cream Soda, feito com sorvete de creme e soda, finalizado com cobertura de morango (R\$ 45).  
Av. Cidade Jardim, 1.085, Itaim Bibi; av. Presidente Juscelino Kubitschek, 101, Vila Nova Conceição.  
Instagram @milkmelowoficial

Pine Co.

Raphael Lee responde pela criação dos sorvetes da casa, que podem ser batidos em milkshakes — basta escolher o sabor da vitrine. Como complementos, eles recebem chantili, farofa de casquinha de chocolate ou de bolacha amanteigada e caldas artesanais de caramelo, chocolate ou morango. O copo com 440 ml sai a R\$ 23 (ou R\$ 27 se o sabor for pistache).

## Disguise

A pequena sorveteria artesanal lançou o menu de milkshakes na última semana de janeiro. Além do clássico de chocolate, há shakes de doce de leite, de café e pudim de leite, batido com o doce da Pudim do Olim. Todos saem em copos de 500 ml, a R\$ 28.

R. Medeiros de Albuquerque, 337, Vila Madalena. Instagram @pinguina\_sorveteria

### Urbana Milkshakeria

Três unidades da Lanchonete da Cidade oferecem milk-shakes criados pelos chefs Jefferson e Janaina Rueda — da Sorveteria do Centro, A Casa do Porco e do Bar da Dona Onça. São sete receitas em 400 ml, que mesclam sorvetes, caldas e coberturas. O Chocolate (R\$ 34) tem calda de brigadeiro, sorvete de chocolate, chantilly de chocolate, casquinha de chocolate, brigadeiro e farofa de brownie.

Av. Macaco, 355, Moema; r. Coropé, 51, Pinheiros; Shopping Cidade Jardim - av. Magalhães de Castro, 12.000. Instagram @lanchonetedacidade



Três sabores de milk-shake da Milky Moo



Artesanais feitos na Pine Co. Thays Bittar/Divulgação



### Bebida com frutas vermelhas do Cabana

MONTECARLO TURISMO E INVESTIMENTOS SUSTENTÁVEIS

CLAUDIA RAIA JARBAS HOMEM DE MELLO

PARTICIPAÇÃO ESPECIAL GUILHERME TERRA

ATÉ 27.02

Teatro Procópio Ferreira  
Rua Augusta, 2.823  
Horários: zil (sexta-feira e sábado):  
7PM (domingo)

CONCERTO PARA DOIS O MUSICAL

TETO ANNA TOLEDO | CANTISTAS THIAGO GUIMARES, TONY LUCCHESI & ANNA TOLEDO | INSTRUMENTOS JARBAS HOMEM DE MELLO  
CO-DIREÇÃO E COREOGRAFIA KÁTIA BARRIOS | DIREÇÃO MUSICAL TONY LUCCHESI | PRODUÇÃO E REALIZAÇÃO: RAIJA PRODUÇÕES

BRASIL  
CULTURA

bradesco seguros

VIA VAPOR

MMA

GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

SECRETARIA DE CULTURA

GOVERNADOR DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

EDUARDO PAES

GOV. DO RJ



MINISTÉRIO DO TURISMO, DO SEGUROS E SESC APRESENTAM BANCO DO BRASIL PATROCINA

MUSICAL

DA OBRA DE **CLARICE LISPECTOR**

# A HORA DA ESTRELA

OU **O CANTO DE MACABEA**

DIREÇÃO E ADAPTAÇÃO  
**ANDRÉ PAES LEME**

COM **CLAUDIA VENTURA**  
**CLAUDIO CARRELL**  
**LARIÁ CARVALHO**

CANÇÃO ORIGINAL  
**CHICO CESAR**

DIÁLOGO MUSICAL E LETRAS  
**MARCELO CALDI**

COM A PARTICIPAÇÃO  
**ANDRÉA ALVES**

**SESC SANTANA. ATÉ 27 FEV**

**SEX E SÁB: 21H**  
**DOM: 19H**

Patrocinador

Patrocinador

Patrocinador

Patrocinador

**SESC**

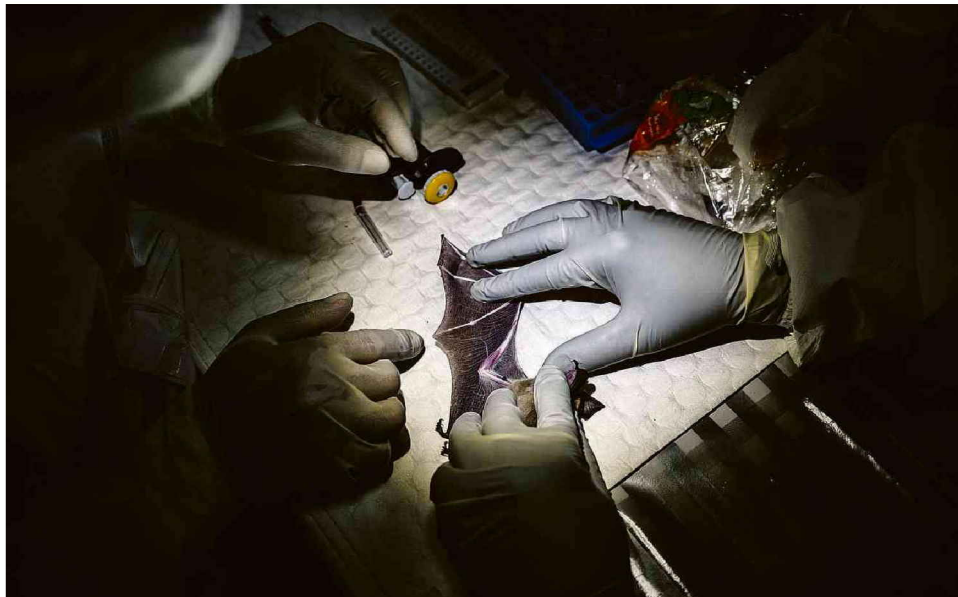
SECRETARIA ESPECIAL DE CULTURA

MINISTÉRIO DO TURISMO

INSTITUTO BRASIL

INSTITUTO BRASIL





Equipe da Universidade Kasetsart coleta amostras de morcego de caverna na Tailândia; abundância de espécies no Sudeste Asiático facilita troca de patógenos

Adam Dean - 18.02.20/The New York Times

# Parente do vírus da Covid é achado em morcegos na Ásia

Descoberta é passo importante para entender as origens da doença

## SAÚDE

Reinaldo José Lopes

**SÃO CARLOS (SP)** Pesquisadores da França e do Laos identificaram pela primeira vez um vírus de morcego que é parente próximo do Sars-CoV-2, causador da Covid-19, e que consegue invadir células humanas usando o mesmo método do vírus pandêmico.

É um passo importante para entender as origens da doença, além de reforçar alertas: patógenos com potencial de causar novas moléstias infecciosas na nossa espécie existem nas montanhas na natureza.

O estudo, que acaba de sair numa das principais revistas científicas do mundo, a *Nature*, foi coordenado por Marc Eloit, do Laboratório de Descoberta de Patógenos do Instituto Pasteur de Paris.

Também assinam o trabalho cientistas da filial do Instituto Pasteur no Laos e de outras instituições desse país do Sudeste Asiático, que faz fronteira com nações como a China, a Tailândia e o Vietnã.

O trabalho está muito bem

feito, e é um misto de surpresa e 'eu te disse', na verdade", diz Flávio Guimarães da Fonseca, pesquisador da UFPA e presidente da Sociedade Brasileira de Virologia.

"Desde antes da pandemia, a gente já vinha juntando pedacinhos percebendo que os coronavírus que utilizam essas vias de infecção são muito mais disseminados do que a gente achava antigamente".

As 46 espécies de morcegos analisadas pelo estudo de Eloit e seus colegas foram coletadas em cavernas do Laos. Já se sabe há tempos que os mamíferos voadores da região estão entre os possíveis re-

servatórios de parentes "selvagens" do Sars-CoV-2. Vírus identificados a ele ainda não foram detectados na natureza, mas patógenos cujo material genético tem mais de 95% de semelhança com o do agente causador da Covid-19 vêm todos de morcegos asiáticos.

Mesmo esses "primos de primeiro grau" do coronavírus pandêmico, entretanto, trazem diferenças significativas num ponto crucial: a ponta da chamada proteína da espícula, que o vírus usa para se conectar a pontos de entrada específicos na superfície das células humanas.

Trata-se do receptor designado pela sigla ECA2. Ele está presente numa grande variedade de células, em diversos tecidos do organismo, o que explica os múltiplos efeitos da Covid-19, que vão muito além dos problemas respiratórios.

Seu vírus de morcegos realmente fez o salto de uma espécie para outra e conseguiu infectar seres humanos, conforme acredita a maioria dos cientistas, ele precisava ter a "chave" certa na proteína da espícula para abrir a fechadura do receptor ECA2, já que o formato dele muda das células de uma espécie para outra. Nenhum vírus de morcego com a chave correta tinha sido encontrado até hoje.

Na nova pesquisa, a equipe internacional obteve amostras de sangue, saliva, urina e fezes de 645 morcegos, usando um método que "fissa" o material genético de vários tipos de coronavírus. Depois, decodificaram o genoma de todos os coronavírus encontrados e o compararam com catálogos online desses vírus.

Diversos patógenos identificados por esse método mostraram grande proximidade

com o Sars-CoV-2, destacando-se o designado pela sigla Banal-52, que tem 96,8% de semelhança com o causador da Covid. A análise da ponta da proteína da espícula, a parte mais importante para a interação com o receptor das células invadidas, revelou mais semelhanças.

Essa similaridade é avaliada pelo número de aminoácidos, os componentes que, juntos, formam as proteínas. Dos 17 aminoácidos que interagem com o receptor ECA2 no vírus que afeta seres humanos, 16 deles são os mesmos de Banal-52, entre os quais o EC2, carregado com 16 ou 15 que são idênticos — como se tivessem uma chave com uma ou duas pequenas ranhuras a menos, digamos, mas ainda assim aparentemente funcional.

Foi o que testes mais aprofundados demonstraram.

No tubo de ensaio, as versões das espículas presentes neles se mostraram capazes de interagir com o ECA2 humano e também se promoveram a invasão e a multiplicação dos vírus dentro de células humanas. A eficácia do processo foi similar à do vírus original da Covid-19 (anteriores às variantes que passaram a surgir depois do fechamento dele mundo afóra).

A equipe realizou ainda uma análise evolutiva do material genético dos vírus de morcegos coletados até agora e do Sars-CoV-2. A conclusão é que, por enquanto, o Banal-52 é o mais próximo parente conhecido dos parentes mais próximos do Sars-CoV-2.

Mesmo que uma região atinja um equilíbrio — seja de casos ou de mortes —, essa estabilidade pode ser perturbada com o

genética com o Sars-CoV-2, enquanto mais alguns vírus isolados na China parecem ter contribuído para o patógeno que afeta humanos por meio de recombinações de seus genomas, ou seja, trocando material genético entre si.

Essa mistura não tem nada de muito surpreendente, porque os grandes conjuntos de vírus genéticos entre os povos asiáticos abrigam populações de diversas espécies de morcegos que se agrupam juntas, facilitando muito a troca de patógenos entre os povos.

O desmatamento e o tráfico de animais crescentes, por sua vez, aumentam as chances de contato deles com os seres humanos.

"O trabalho reforça a ideia da origem do Sars-CoV-2 numa espécie de morcego e mostra que coronavírus como esses vão, de tempos em tempos, emergir", diz Mauricio Lacerda Nogueira, virologista da Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto (interior paulista). "Mostra ainda a importância da vigilância em relação a esses reservatórios de novos vírus."

"A gente tem de estar muito atento ao que anda acontecendo. É algo típico da situação ecológica que os seres humanos alcançaram: hoje, nós somos uma espécie muito mais intrusiva, muito mais invasiva, e consequentemente esses fenômenos se tornam mais frequentes por causa do maior contato com espécies silvestres que albergam esses vírus", diz Flávio da Fonseca.

“

Desde antes da pandemia, a gente já vinha juntando pedacinhos e percebendo que os coronavírus que utilizam essas vias de infecção são muito mais disseminados do que a gente achava antigamente

Flávio Guimarães da Fonseca

presidente da Sociedade Brasileira de Virologia

# O mais seguro é não dar mais oportunidades para o Sars-Cov-2

## CIÊNCIA FUNDAMENTAL

Mellanie Fontes Dutra

Biomédica, pesquisadora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e coordenadora da Rede Analise Covid-19

Nesses quase três anos de disseminação do vírus da Covid-19, observamos a aceleração surpreendente do avanço científico, com o desenvolvimento de vacinas efetivas e seguras, opções terapêuticas (com evidências científicas) e a validação de táticas cujas probabilidades apontam para uma estratégia de sucesso para o controle — e a saída — de uma pandemia.

O cenário que aponta para

a saída da pandemia parece estar ganhando uma forma: a perspectiva de uma epidemia.

De modo geral, quando um agente infeccioso se torna endêmico em uma população, ocorre um patógeno recorrente, cujas taxas gerais são estáticas — não aumentam nem diminuem. Ou seja, o número de indivíduos que uma pessoa infectada pode contaminar, também chamado número básico de reprodução do vírus, é muito próximo de 1: cada caso gera em média um novo caso.

Para nós, que vivemos um momento em que esses valores são bem superiores, essa proporção poderia soar praticamente inofensiva, descível, até. Infelizmente, não há nada de inofensivo numa epidemia.

Para entender que é uma epidemia, é preciso lembrar de doenças que se encaixam nessa categoria. Em 2020, a malária matou mais de 600 mil pessoas na África; no mundo, contraíram tuberculose cerca de 10 milhões de indivíduos, dos quais 1,3 milhão morreu.

Muitas dessas condições endêmicas ganham gravidade em especial em países de baixa renda, com precárias condições sanitárias e de saúde. Nas palavras do virologista Aris Katzourakis, "endêmico certamente não significa que a evolução de alguma forma 'domou' um patógeno para que a vida simplesmente retorne ao normal".

Para Katzourakis, proclamar a proximidade de um cenário endêmico nesse momento pode encorajar uma complacência equivocada, excimindo os tomadores de decisão de uma atuação mais incisiva sobre nossa realidade.

Políticas de saúde pública devem seguir embasadas no conhecimento científico disponível, com ações coordenadas que promovam o avanço e a ampliação da vacinação, o uso de máscaras adequadas, além do distanciamento físico e a preferência por ambientes abertos e bem ventilados.

Mesmo que uma região atinja um equilíbrio — seja de casos ou de mortes —, essa estabilidade pode ser perturbada com o

surto de uma nova variante, com novas características. Não é a primeira pandemia que enfrentamos, mas parece que ainda não aprendemos com nossa história.

O pensamento de que a endemidade é leve e inevitável é perigoso, pois poderemos ter de encerrar ainda muitos casos de doença e ondas imprevíveis de novos casos.

Precisamos entender que o caminho mais seguro é não dar oportunidades para o vírus se transmitir, pois ele sempre se adaptará. Fazendo isso, investiremos na melhor estratégia possível: prevenir que um cenário pior aconteça.







# Uso de estátua misteriosa de 2.700 anos intriga cientistas

Objeto de bronze de 15 centímetros foi o 2º do tipo achado na Alemanha e o 13º perto do mar Báltico

## CIÊNCIA

Franz Lidz

**THE NEW YORK TIMES.** Dois vértices atrás, quando mergulhava nas águas pantanosas do rio Tollense, na costa alemã do Mar Báltico, um motorista de caminhão de 51 anos, Ronald Borgwardt, fez uma descoberta surpreendente.

Vasculhando a turfa, ele achou uma estatueta de bronze de 15 centímetros de altura, com uma cabeça em forma de ovo, braços em círculo, seios nodosos e um nariz que faria inveja a um tumbadão.

A estatueta, com um cinto e uma gargantilha, foi apenas a segunda do tipo escavada na Alemanha, embora a 13ª encontrada perto do mar Báltico. A primeira surgiu por volta de 1840. Todas são semelhantes em forma e proporção.

"A estatueta mais recente representa um enigma arqueológico", disse Thomas Terberger, arqueólogo e chefe de pesquisa do Departamento Estadual de Patrimônio Cultural da Baixa Saxônia, na Alemanha. "O que foi, como chegou lá e para que foi usada?"

Curiosamente, 24 anos antes, remando pelo mesmo pântano, o pai de Borgwardt avistou um monte de ossos saindo de um barranco. Ele foi buscar o filho e juntos vasculharam a lama. Entre seus achados havia um osso de braço humano perfurado por uma ponta de flecha de sílex e um bastão de madeira de 75 cm de comprimento semelhante a um taco de beisebol. A exploração da área revelou os esqueletos de meia dúzia de cavalos, dezenas de artefatos militares e os restos de mais de 140 indivíduos. Na maioria, homens entre 20 e 40 anos, que apresentavam sinais de trauma crânio. Praticamente todas as requieiras foram datadas em cerca de 2.350 a.C., sugerindo que se originaram de um episódio violento que pode ter ocorrido em um único dia.

Uma pesquisa geomagnética em 2013 revelou que esse trecho estreito do vale do Tollense já fez parte de uma rota comercial dividida por um calçamento de pedra e madeira de 120 metros que havia sido usada para transportar âmbar para pontos no Mediterrâneo e no mar Adriático. A estrada do âmbar antecedeu o derramamento de sangue em pelo

menos cinco séculos.

Hoje, a área é considerada o campo de batalha mais antigo da Europa. "Embora a região fosse escassamente povoada há 3.270 anos, mais de 2.000 pessoas estiveram envolvidas no conflito", disse Terberger, que ajudou a iniciar uma série de escavações baseadas nas descobertas dos Borgwardts. Em um artigo recém-publicado na revista arqueológica *Præhistorische Zeitschrift*, Terberger e cinco colegas propõem que a estatueta encontrada pelo jovem Borgwardt datava do século 7 a.C. e era um peso de balança, um objeto de adorno ou uma combinação de ambos.

"A questão não respondida é: por que a estatueta acabou em um vale de rio a longo de uma rota comercial centenas de anos depois de uma grande batalha ter ocorrido lá?", disse Terberger.

Isso aconteceu por acaso, ou o cenário era um local de comemoração de um conflito do século 8 a.C. ainda presente na história oral dos povos da Era do Bronze tardia? E, se a estatueta representa uma deusa, ela desempenha um papel em um sistema de peso primitivo?"

Lorenz Rahmstorf, historiador de arqueologia pré-histórica na Universidade de Göttingen e coautor do estudo, disse que pesos e balanças começaram a ser usados por volta de 3.500 a.C., quando o comércio se desenvolveu no Egito e na Mesopotâmia.

Os primeiros dispositivos de pesagem eram um sistema simples para avaliar o valor das mercadorias, consistindo de duas placas presas a uma viga suspensa fixada em um poste central. Os restos menores apresentam as primeiras menções a uma unidade de peso, a mina, que inclinava a balança com cerca de 500 gramas, ou 18 onças.

Balanças se espalharam para o mar Egeu, no oeste, e para a cultura do vale do Indo, no sul da Ásia, a leste. Em meados do segundo milênio antes de Cristo, sistemas de peso surgiram na Itália e, por volta de 1.350 a.C., ao norte dos Alpes.

"Conjuntos de pequenos pesos de bronze e vigas de osso ou de madeira em um suporte de osso foram misturados em sacos e colocados ao lado dos mortos em vários túmulos no leste da França e no da Alemanha", disse Rahmstorf. "Ainda não temos



A misteriosa estatueta de bronze encontrada no rio Tollense em 2020. Volker Minke

evidências claras de quando o equipamento de pesagem foi introduzido no norte da Alemanha e na Escandinávia. Nenhuma civilização antiga atribuiu às balanças um significado simbólico e espiritual mais forte do que os egípcios no segundo milênio antes de Cristo até o período romano. Seu momento sobrenatural mais solene era a "pesagem do coração".

A crença egípcia dizia que, depois da morte de uma pessoa, Anúbis, o deus do embalsamamento com cabeça de chacal, levava o falecido ao tribunal de Osiris, onde o coração morto era pesado contra uma pena de Maat, a personificação da verdade, da justiça e da ordem cósmica.

Se um coração fosse puro, seria tão leve quanto a pena e o falecido era considerado digno de entrar na vida após a morte. Thoth, mestre do conhecimento e patrono dos escribas, ficava de prontidão para registrar o veredicto final e, sob a balança, Ammut, o devorador — cabeça de crocodilo, antebraço de leão, traço de hipopótamo —, estava pronto para consumir os condenados.

A maioria das 13 estatuetas de bronze foi recuperada dentro ou ao redor de rios perto da costa do Báltico — seis apareceram no estreito de Öresund, que separa a ilha dinamarquesa da Zealand da província sueca de Scania. A estatueta achada no Tollense por Borgwardt é a maior e, com 155 gramas, a mais pesada.

Durante muito tempo se acreditou que a economia do norte da Europa durante a Era do Bronze fosse baseada na troca de presentes, e não no comércio. A ideia de que as estatuetas de bronze representavam medidas de um sistema de peso escandinavo incipiente foi apresentada em 1992 pelo arqueólogo sueco Mats Malmer.

Depois de calcular a erosão e a perda de peso, Malmer analisou as estatuetas conhecidas como "deusas da riqueza" existentes, no tocante à consistência e à proporcionalidade do peso. Seus cálculos indicavam que o peso delas poderia ser expresso em gramas como múltiplos de um denominador comum, 26.

Em uma tarde chuvosa na Universidade de Göttingen, Terberger deduziu os pesos de algumas das figuras: 55 gramas, 85 gramas, 102 gramas, 123 gramas, 123 gramas, 126 gramas, 126 gramas, 126 gramas, 132 gramas, 133 gramas. Do outro lado da sala, seu colega de departamento Rahmstorf disse: "Nem todas as estatuetas se encaixavam perfeitamente no esquema, mas a maioria estava bem próxima".

As análises iniciais de Terberger com seu colega Nicola Ialongo são promissoras, mas ele alertou que "estes seriam pesos pesados, de mais de 100 gramas a vários milhares de gramas". Como não há textos e inscrições dessa época do norte da Europa, "a existência de pesos e balanças nessa área é provável, mas ainda apenas hipotética".

Tradução Luiz Roberto M. Gonçalves

## Amazon e Agência Espacial Brasileira fazem união pró startups

Rafael Balago

**WASHINGTON** A AWS (Amazon Web Services) e a Agência Espacial Brasileira fecharam um acordo nesta quarta (16) que promete ajudar a avançar o setor espacial no Brasil.

A parceria, um Termo de Intenção Estratégica e Cooperação, já entrou em vigor, e permitirá que a Amazon e a Agência Espacial Brasileira possam trabalhar em conjunto para desenvolver e comercializar produtos e serviços de tecnologia espacial.

Um dos objetivos da parceria é ampliar o acesso de startups brasileiras à área espacial às ferramentas da AWS, que incluem processamento de dados obtidos por satélites.

No entanto ambas não há da-

ta prevista para que as empresas iniciantes possam aproveitar os benefícios da parceria. O governo federal planeja realizar eventos nos próximos meses, a fim de atrair projetos que possam ser atendidos.

O acordo também prevê apoios para a criação de programas nacionais de pesquisa e desenvolvimento espacial no Brasil, novas formas de democratizar o acesso a dados relacionados ao espaço e ajuda técnica para criar um marco regulatório para o setor no Brasil. Nem o governo, nem a Amazon falam em valores envolvidos.

"O setor espacial deverá mo-

próximos dez anos. São recursos vultuosos, e ter um gigante do setor olhando para o Brasil e para nossas startups é tudo que a gente quer", disse Nestor Forster, embaixador do Brasil nos EUA.

O acordo foi assinado na embaixada brasileira em Washington. O governo brasileiro tem buscado parcerias espaciais com os Estados Unidos e integra o projeto Artemis, da Nasa, que prevê enviar uma mulher à Lua.

O governo brasileiro também espera que a parceria ajude a ampliar o uso do Centro de Lançamento de Alcântara, no Maranhão, para tornar a base um polo industrial do

setor espacial, como São José dos Campos, em São Paulo, tornou um centro dedicado à produção de aviões.

"Nossa expectativa é que até ao final deste ano tenhamos empresas anunciando serviços regulares de lançamento em Alcântara", disse Carlos Moura, presidente da AEB.

Os EUA e o Brasil fecharam um acordo para que os americanos utilizem a base de Alcântara para lançamentos de foguetes. O acordo foi firmado por Jair Bolsonaro com o então presidente americano Donald Trump, em março de 2019, e depois aprovado pelos Congressos dos dois países. O decreto de promulga-

ção do tratado foi assinado por Bolsonaro em fevereiro de 2022.

Moura também disse que o país planeja formas de aproveitar a onda do turismo espacial, já que empresas privadas estão levando bilionários para breves passeios fora do planeta.

"As empresas [de turismo espacial] fazem hoje lançamentos em bases que ficam em lugares distantes. Aclam-tara tem acesso fácil e várias outras atrações turísticas por perto, como os Lençóis Maranhenses, São Luiz, com o patrimônio histórico, praias maravilhosas. Estamos estudando modos de integrar o

turismo espacial com outras formas de turismo", afirmou o presidente da AEB.

AAWS, setor da Amazon que oferece acesso a servidores em nuvem, entre outros produtos, tem se tornado uma das sistemas usados em lançamentos e operação de satélites e foguetes e já atua em parceria com a Nasa e fabrica foguetes para a Agência Espacial Brasileira.

"Este acordo fornece ferramentas, treinamento e educação que ajudarão a garantir que o Brasil continue a ser um líder espacial na América Latina para as próximas gerações", afirmou Jeff Kraz, gerente geral da AWS para o setor público.









Jeff Kowalzy - 13.fev.22/AF

Acima, polícia se reúne para dispersar ativistas que bloquearam a ponte Ambassador, que liga a cidade americana de Detroit à canadense Windsor; protestos que dizem que a exigência de vacinação contraria a liberdade já duram três semanas na capital do Canadá, e agora o governo ameaça prender ativistas nos quais vê extremismo de motivação ideológica e pretensões golpistas



Continuação da pág. 4

Presionado, o primeiro-ministro Justin Trudeau declarou estado de emergência nacional na última segunda-feira (14), o que permite ao governo usar a força para tentar acabar com os atos.

O preleito invocou ainda uma Lei de Emergências que, segundo o ministro da Justiça, David Lametti, será apresentada na Casa dos Comuns nesta quinta. Apesar do tom duro de Trudeau, que também anunciou o bloqueio da conta bancária de quem participasse dos atos, isso não repetidas as críticas ao governo, tido como ineficaz e lento para conter os protestos. A tensão levou à renúncia do chefe da polícia de Ottawa, Peter Sliks, nesta semana.

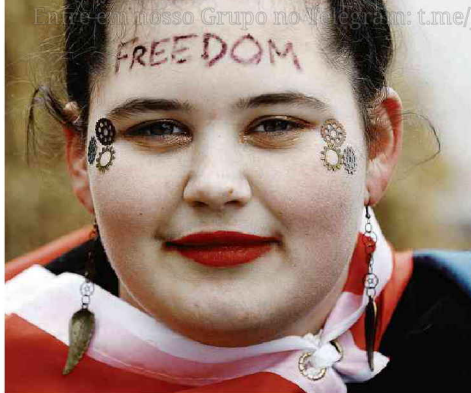
Enquanto o impasse se quebra entre governo e manifestantes, a capital, a paciência dos canadenses diminui a cada dia.

Uma pesquisa de opinião divulgada nesta semana ligada à pandemia — o tirão mostra que 72% dos entrevistados acreditam ter chegado a hora de encerrar os protestos.

Se o objetivo do Comboio da Liberdade era chamar a atenção de milhões de pessoas no Canadá e ao redor do globo — missão que não foi cumprida —, a publicação do instituto. "Se, no entanto, o objetivo era angariar apoio para suas demandas de acabar com as restrições do chamado Comboio da Liberdade, segundo relato do jornal americano The Washington Post. Eles venceram o movimento com rapidez e dizem ter mais prejudicado do que ajudado a indústria.

As associações canadenses de caminhoneiros e autoridades apontam que apenas uma pequena parte se juntou aos atos e que a maioria já está vacinada.

Com Reuters e The New York Times



Merina com a palavra 'liberdade' na testa durante protesto no Canadá. Lars Hagberg - 9.fev.22/Reuters

## Quando o termo 'liberdade' significa o direito de destruir a riqueza de um país

### OPINIÃO

Paul Krugman

Prêmio Nobel de Economia, colunista do jornal The New York Times

No último domingo (13), a polícia canadense finalmente dispersou os manifestantes antívacina que bloqueavam a Ponte Ambassador, entre Detroit (EUA) e Windsor (Canadá), uma rota comercial importante por onde normalmente passam mais de US\$ 300 milhões (R\$ 1,5 bilhão) em comércio internacional. Outras pontes continuam fechadas, e parte de Ottawa, a capital canadense, ainda está ocupada.

A histeria das autoridades canadenses diante dessa interrupção foi alarmante aos olhos dos americanos. Também alarmante, embora não surpreendente de fato, foi o

uso do vandalismo econômico e da intimidação por grande parte da direita americana — especialmente pessoas que criticaram as manifestações em favor da justiça racial.

O que estamos vendo aqui não é uma lição objetiva sobre o que algumas pessoas realmente querem dizer quando falam em "lei de ordem". Vamos falar sobre o que está acontecendo no Canadá e por que eu chamo isso de vandalismo.

O "Comboio da Liberdade" foi divulgado como uma reação dos caminhoneiros irritados com a vacinação obrigatória contra a Covid-19. Na realidade, não parece haver muitos caminhoneiros entre os manifestantes na ponte (cerca de 90% dos caminhoneiros canadenses estão vacinados). Na semana passada, um repórter da agência Bloomberg viu apenas três carretas

entre os veículos que bloqueavam a Ponte Ambassador, que eram na maioria caminhonetes e carros particulares; fotos tiradas no sábado também mostram muito poucos caminhões comerciais.

O Sindicato Teamsters, que representa muitos caminhoneiros dos dois lados da fronteira, denunciou o bloqueio. Portanto, esse não é um levante da base dos caminhoneiros. É mais uma interrupção causada por um número relativamente pequeno de ativistas. Em seu pico, as manifestações em Ottawa supostamente envolveram apenas cerca de 8.000 pessoas.

Apesar de seu pequeno número, porém, os manifestantes estão infligindo um volume notável de prejuízos econômicos. As economias dos Estados Unidos e do Canadá são estreitamente integradas.

Em particular, a indústria fabril norte-americana, especialmente mas não somente de automóveis, conta com um fluxo constante de peças entre fábricas dos dois lados da fronteira. Em consequência, a interrupção desse fluxo atrapalhou a indústria, forçando cortes na produção e até o fechamento de fábricas.

O bloqueio da Ponte Ambassador também gerou grandes custos indiretos, pois os caminhões são desviados para rotas secundárias e obrigados a esperar em longas filas em pontes alternativas.

Qualquer tentativa de definir um número para os custos econômicos do bloqueio é enganosa e especulativa. No entanto, não é difícil chegar a números como US\$ 300 milhões (R\$ 1,5 bilhão) ou mais por dia: combine isso com a interrupção em Ottawa, e os protestos de "caminhoneiros" já podem ter infligido prejuízos econômicos de alguns bilhões de dólares.

É um número interessante, porque é aproximadamente comparável às estimativas da indústria de seguros sobre as perdas totais associadas aos protestos do Black Lives Matter, e ao assassinato de George Floyd — protestos que parecem ter envolvido mais de 15 milhões de pessoas.

Essa comparação sem dúvida surpreenderá os que obtêm suas notícias da mídia de direita, que retratou o movimento como uma orgia de saques e violência.

Não há nada de errado em manifestações foram notavelmente não violentas; houve vandalismo em poucos casos, mas foi relativamente raro, e o dano foi pequeno considerando o tamanho enorme dos protestos.

Em contraste, causar danos econômicos foi e é simpatizante do que tratam os protestos no Canadá — por que bloquear fluxos de bens essenciais, ameaçando a ganância dos quais a direita é tão destrutivo quanto quebrar uma vitrine de loja. É ao contrário de, por exemplo, uma greve contra uma determinada empresa, esse dano coube indiscriminadamente a qualquer pessoa que tivesse infortúnio de depender do livre comércio.

E com que finalidade? As manifestações do Black Lives Matter foram uma reação ao assassinato de pessoas inocentes pela polícia; o que está acontecendo no Canadá é, aparentemente, sobre rejeitar medidas de saúde pública.

É claro, até isso é principalmente uma desculpa: é a verdade que uma tentativa de explorar o cansaço da pandemia para reforçar a habitual agenda da guerra cultural.

Como se poderia esperar, a direita não hesitou em explorando isso. Pessoas que retrataram protestos pacíficos como uma ameaça existencial estão deliciadas com o espetáculo de ativistas de direita infringindo a lei e destruindo a riqueza.

A Fox News cobriu muitas horas à debilitada e gloriosa dos bloqueios. O senador Rand Paul, que chamou os ativistas do Black Lives Matter de "turba enlouquecida", pediu protestos no estilo do Canadá para "congestionar as cidades" dos Estados Unidos.

Suponho que a reabertura da Ponte Ambassador seja o início de uma repressão mais ampla a protestos destrutivos. Mas espero que não esqueçamos este momento — e em particular que não lembremos dele quando um político ou jornalista começar a falar em "lei de ordem".

Os acontecimentos recentes confirmaram o que muitos suspiravam: a direita ficou à vontade, na verdade entusiasmada, com atos ilegais e desordem, desde que sirvam aos fins da direita.

Tradução Luiz Roberto M. Gonçalves

## Empresário aliado de Maduro ajudou agência dos Estados Unidos

Sylvia Colombo

BUENOS AIRES Alex Saab, empresário colombiano considerado essencial para a cúpula da ditadura da Venezuela e que se encontra preso nos EUA, estaria colaborando com a agência antidrogas americana (DEA) desde, pelo menos, 2018, segundo documentos que tiveram o sigilo retirado pelo juiz Robert Scola, da Flórida.

Saab teria informado sobre as próximas pagas de altos funcionários do regime.

A notícia pega de surpresa a ditadura — que, até a conclusão deste texto, não havia emitido resposta.

Maduro fez muita pressão pela não extradição de Saab aos EUA, chegando até a retirar suas negociações da mesa de negociações com a oposição para tentar uma saída para a crise da Venezuela, que vinha ocorrendo no México.

O regime considerava o empresário colombiano era um representante diplomático da Venezuela sequestrado de modo ilegal. O regime também estava em Miami em 2019 por lavagem de dinheiro, e preso em junho de 2020 durante escala de avião em Cabo Verde na África. Sua extradição aos EUA ocorreu em outubro de 2021.

O empresário havia sido designado pelo regime para realizar contratos que bilizassem "casas CLAP", as estas básicas entregues com direcionamento político pelo governo.

Além disso, havia denúncias de que era o principal elo de ligação do regime com os negócios ilícitos dos quais a ditadura é acusada de ter ligação, como o narcotráfico, a exploração ilegal de minérios e outros delitos.

Os dados revelados nesta quarta-feira (16), porém, dizem que a colaboração deixou de ocorrer em maio de 2019, quando ele se recusou a entregar sob investigação americana, descumprindo um acordo. Depois de ter deixado de colaborar com os EUA, Saab foi alvo de sanções econômicas impostas pelo presidente Donald Trump.

O empresário teria pedido que a informação sobre sua colaboração com a DEA não fosse divulgada, temendo pelo destino de sua família, que continua na Venezuela e poderia sofrer represálias do Estado.

"Ele não se entregou ao governo", disse o advogado de Saab, Neil Schuster, tentando evitar a divulgação da notícia. A defesa viu no processo que ele enfrentava o argumento de que ele havia colaborado com os americanos.

"Ele não se entregou ao governo", disse o advogado de Saab, Neil Schuster, tentando evitar a divulgação da notícia. A defesa viu no processo que ele enfrentava o argumento de que ele havia colaborado com os americanos.

A defesa de Saab divulgou um comunicado afirmando que ele "continua sendo um cidadão leal e um diplomata da República Bolivariana da Venezuela e nunca faria nada para prejudicar o povo e as pessoas que lhe deram tanto".

Amulher de Saab, a italiana Camilla Fabi, disse por meio das redes sociais que os EUA estavam "mentindo, como fizeram com a Rússia e com o Iraque", e que seu marido nunca prejudicaria a Venezuela.



# Maiara e Maraisa cancelam turnê As Patroas

Dupla afirmou que projeto tocado com Marília Mendonça, morta no ano passado, envolve muitas questões complexas

**FS** SÃO PAULO Em um comunicado oficial, a Live Nation Brasil e a Workshop anunciaram nesta quinta-feira (17) o cancelamento do turnê *Festival das Patroas*, projeto tocado pela dupla Maiara e Maraisa, em parceria com a cantora Marília Mendonça, que morreu em um acidente de avião em novembro de 2021.

"Ainda há muito a se resolver sobre tudo que envolve Marília Mendonça, Maiara e Maraisa, por sua vez, ainda nutrem o desejo de um dia poderem realizar o sonho que construíram com a amiga", diz a nota. Os shows deveriam ter início no mês de março e terminariam em maio.

A turnê previa passar por cidades como Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte e Brasília.

Segundo o comunicado, todos que compraram ingressos para as apresentações receberão reembolso.

O ressarcimento deverá ser solicitado por meio do site oficial da Eventim Brasil. Procura-

ções além do comunicado sobre o motivo do cancelamento do turnê.

Em dezembro do ano passado, pouco mais de um mês após a morte da amiga, Maiara e Maraisa afirmaram em entrevista à revista *Quem* que pretendiam dar continuidade ao projeto musical que iniciaram com a rainha da sofrência em 2021.

"Claro que agora envolve muitas questões que precisamos ser avaliadas e não podemos responder sozinhas por isso", disseram na ocasião.

"Eu quando dependo de Maiara e Maraisa, essa turnê vai acontecer. Tudo que combinamos com ela em vida, nós vamos cumprir".

Maraisa relatou que, para Marília, ela estava "na melhor fase da vida", e o trio já estava trabalhando no *As Patroas 2*.

"Não vamos deixar de falar de Patroas desse projeto tão lindo que ela cuidou com tanto amor e carinho", disse a cantora. "Nossa força vem principalmente de Deus, que a nossa fé é algo inabalável. Também vem do nosso público, que nos manda muita ener-

gia positiva", disse a cantora. "Aonde eu passo, eles falam: 'Força, força'. Quando entro no palco, vejo muita gente projetando essa força e eu acabo devolvendo, porque é uma troca de energia muito grande no show".

Uma das maiores vozes da música brasileira contemporânea, Marília morreu aos 26 anos do dia 5 de novembro. A cantora foi uma das cinco vítimas de um acidente de avião que caiu numa serra em Piedade de Caratinga, a 359 quilômetros de Belo Horizonte.

A artista tinha um show marcado para a data em Caratinga, a cerca de dez quilômetros do local do acidente.

A queda ocorreu por volta das 15h. A princípio, não se sabia se era a cantora quem estava a bordo da aeronave.

Foi a semelhança do bino- rto visto numa vídeo que tinha compartilhado no Instagram duas horas antes que despertou a dúvida.

A assessora da cantora chegou a afirmar que ela estava bem, mas a confirmação do óbito veio depois pelo Corpo de Bombeiros de Minas Gerais em nota enviada à imprensa. Além de Marília Mendonça, também morreram no acidente aéreo Abiceli Dias, tio e assessor da cantora, o produtor musical Henrique Ribeiro, o piloto da aeronave, Geraldo Martins de Medeiros, e o copiloto, Tarcísio Pessoa Viana.

“A segurança das fãs, dos artistas e do staff é a principal prioridade do Lollapalooza Brasil, por isso o festival tem uma equipe 100% dedicada em estabelecer os cuidados e em colocar em prática os protocolos necessários”, diz o comunicado.

O Brasil registra 1.129 mortes por Covid e 129.266 casos da doença, nesta quinta (17). Com isso, o país chegou a 641.997 vidas perdidas e a 2.794.176 pessoas infectadas desde o início da pandemia.

Por causa da Covid-19, o Lollapalooza foi adiado algumas vezes. Inicialmente o evento estava agendado para 3, 4 e 5 de abril de 2022, mas foi transferido para 4, 5 e 6 de dezembro, posteriormente, foi confirmado nos dias 10, 11 e 12 de setembro de 2021.

Entre os nomes nacionais estão como destaque Emicida, Alok, Pablo Vittar, Gloria Groove, Marina Sena, Djonga, Fresno, Júpiter do Bairro, MC Tha e Rashid.

Os valores dos ingressos para o festival variam de R\$ 495 a R\$ 4.100 e a compra pode ser feita no site oficial.

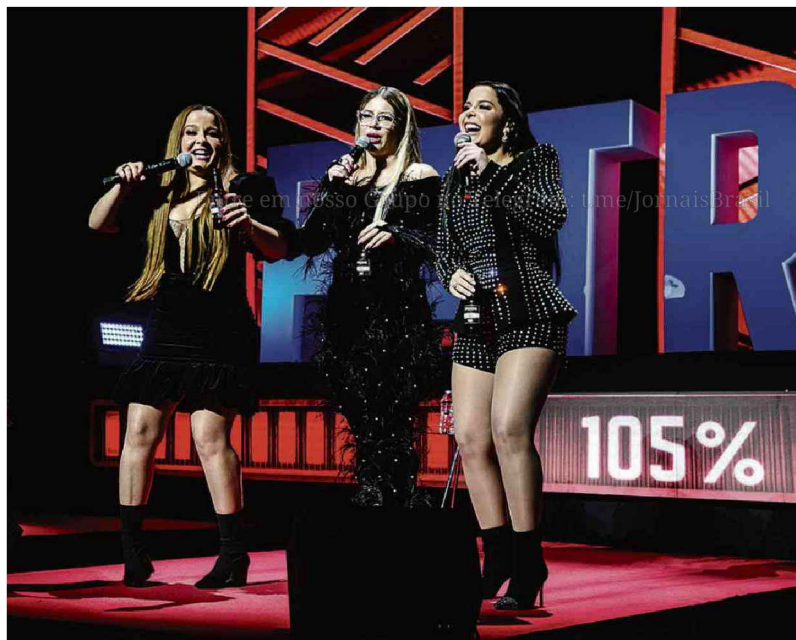
Há diversas opções de tickets, que também têm taxa de conveniência pelo site que variam. Por exemplo, o Lolla Day custa R\$ 900 (inteiro) e o Lolla Pass (3 dias) sai por R\$ 2.400. Quem quer mais requinte ainda pode investir no Lolla Lounge por até R\$ 4.100.

As edições da Argentina e do Chile também passarão para março de 2022, nos dias 18, 19 e 20. Os eventos em Buenos Aires e em Santiago estão com marcos para novembro de 2021.

**Lollapalooza Brasil 2022**  
Autódromo de Interlagos, 25, 26 e 27 de março. Lolla Day (1 dia) — para um dia — R\$ 900 e R\$ 495 (entrada social), Lolla Pass (3 dias) — R\$ 2.400 e R\$ 1.155 (entrada social), Lolla Lounge Pass — R\$ 4.100 e R\$ 3.155 (entrada social)

Revelado na rede, Lil Nas X se apresenta no iHeartRadio Jingle Ball 2021, em Nova York

John Lamprski - 10 dez. 21/Getty Images/AFP



Marília Mendonça e a dupla Maiara e Maraisa durante lançamento do turnê As Patroas no Allianz Parque, em São Paulo

Leo Franco - 5.out.21/Agfews

## TikTok reconfigura cenário musical lançando talentos

**TEC**

Clara Lalanne

**PARIS/AFP** O TikTok, que conta com 1 bilhão de usuários, está transformando a indústria musical revelando novos talentos e obrigando artistas e gravadoras a enfrentar as ambições da rede social chinesa. Em poucos anos, TikTok retirou do anonimato artistas como Lil Nas X — sua música "Old Town Road" se tornou a canção mais vendida da história dos Estados Unidos — e lançou carreiras como a da rapper Doja Cat.

As grandes gravadoras, confusas a princípio, não tiveram outra opção a não ser assinar acordos de licença com o Tik-

Tok e transformá-lo em uma parte central de sua estratégia de marketing.

"Quando aparece uma plataforma inovadora, é fácil entender que os titulares dos direitos se sintam incomodados", disse Ole Obermann, diretor musical internacional do TikTok, à AFP.

Após sua explosão mundial durante o primeiro confinamento, a rede social chinesa de vídeos curtos se tornou de fato o principal motor de descoberta musical entre os jovens.

No TikTok, 75% de seus usuários descobrem novas canções em 2021 e 175 delas chegaram à lista Billboard Hot 100 dos EUA, segundo a empresa. Seu segredo é um potente

algoritmo, capaz de sondar com precisão os gostos musicais dos assinantes e oferecer uma seleção de vídeos adaptada a cada um deles.

Em meados de 2021, os jovens americanos enlouqueceram com um remix em câmera lenta da música "Alois on dance", do artista belga Stromae, reproduzindo milhões de vezes uma coreografia criada pelo influencer Usim Mango.

Dez anos após seu lançamento, "a popularidade da música disparou no streaming", explica Jean-Charles Mariani, diretor de estratégia digital da Universal Music France, à AFP, "especialmente entre os jovens, já que quase 30% deles escutam o que quasi-



Revelado na rede, Lil Nas X se apresenta no iHeartRadio Jingle Ball 2021, em Nova York

John Lamprski - 10 dez. 21/Getty Images/AFP

Lollapalooza vai exigir 2 doses de vacina Covid

**LINEUP**

Amon Borges

O Lollapalooza Brasil confirmou nesta quinta (17) que exigirá o comprovante de vacinação (físico ou virtual) com, no mínimo, duas doses da vacina contra a Covid-19. Além disso o uso de máscara será obrigatório, sendo permitida a retirada apenas para comer ou beber.

Por ora, a nona edição do festival está confirmada para 25, 26 e 27 de março, no autódromo de Interlagos (zona sul de São Paulo).

Em segurança das fãs, dos artistas e do staff é a principal prioridade do Lollapalooza Brasil, por isso o festival tem uma equipe 100% dedicada em estabelecer os cuidados e em colocar em prática os protocolos necessários", diz o comunicado.

O Brasil registra 1.129 mortes por Covid e 129.266 casos da doença, nesta quinta (17). Com isso, o país chegou a 641.997 vidas perdidas e a 2.794.176 pessoas infectadas desde o início da pandemia.

Por causa da Covid-19, o Lollapalooza foi adiado algumas vezes. Inicialmente o evento estava agendado para 3, 4 e 5 de abril de 2022, mas foi transferido para 4, 5 e 6 de dezembro, posteriormente, foi confirmado nos dias 10, 11 e 12 de setembro de 2021.

Entre os nomes nacionais estão como destaque Emicida, Alok, Pablo Vittar, Gloria Groove, Marina Sena, Djonga, Fresno, Júpiter do Bairro, MC Tha e Rashid.

Os valores dos ingressos para o festival variam de R\$ 495 a R\$ 4.100 e a compra pode ser feita no site oficial.

Há diversas opções de tickets, que também têm taxa de conveniência pelo site que variam. Por exemplo, o Lolla Day custa R\$ 900 (inteiro) e o Lolla Pass (3 dias) sai por R\$ 2.400. Quem quer mais requinte ainda pode investir no Lolla Lounge por até R\$ 4.100.

As edições da Argentina e do Chile também passarão para março de 2022, nos dias 18, 19 e 20. Os eventos em Buenos Aires e em Santiago estão com marcos para novembro de 2021.

**Lollapalooza Brasil 2022**  
Autódromo de Interlagos, 25, 26 e 27 de março. Lolla Day (1 dia) — para um dia — R\$ 900 e R\$ 495 (entrada social), Lolla Pass (3 dias) — R\$ 2.400 e R\$ 1.155 (entrada social), Lolla Lounge Pass — R\$ 4.100 e R\$ 3.155 (entrada social)

Revelado na rede, Lil Nas X se apresenta no iHeartRadio Jingle Ball 2021, em Nova York

John Lamprski - 10 dez. 21/Getty Images/AFP

Revelado na rede, Lil Nas X se apresenta no iHeartRadio Jingle Ball 2021, em Nova York

John Lamprski - 10 dez. 21/Getty Images/AFP

John Lamprski - 10 dez. 21/Getty Images/AFP

John Lamprski - 10 dez. 21/Getty Images/AFP

John Lamprski - 10 dez. 21/Getty Images/AFP

John Lamprski - 10 dez. 21/Getty Images/AFP

John Lamprski - 10 dez. 21/Getty Images/AFP

John Lamprski - 10 dez. 21/Getty Images/AFP

John Lamprski - 10 dez. 21/Getty Images/AFP

John Lamprski - 10 dez. 21/Getty Images/AFP

John Lamprski - 10 dez. 21/Getty Images/AFP

John Lamprski - 10 dez. 21/Getty Images/AFP



# Brasil Revistas

Entre em nosso Canal no Telegram.

Acesse [t.me/BrasilRevistas](https://t.me/BrasilRevistas)



Tenha acesso as principais  
revistas do Brasil.

Distribuição gratuita, venda proibida!